



ALADIM LOPES GONÇALVES

**A WEB RÁDIO ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E CIDADANIA**

SÃO PAULO

2015

ALADIM LOPES GONÇALVES

**A WEB RÁDIO ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E CIDADANIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como registro parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

SÃO PAULO

2015

Gonçalves, Aladim Lopes.

A web rádio escola como instrumento de educação, cultura e cidadania. /
Aladim Lopes Gonçalves. 2015.

119 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2015.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Educação. 2. Rádio. 3. Internet.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título

CDU 37

ALADIM LOPES GONÇALVES

**A WEB RÁDIO ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E CIDADANIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como registro parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Presidente: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista – Uninove (Orientadora)

Membro: Profa. Dra. Diana Navas – PUC-SP

Membro: Profa. Dra. Catarina Justus Fischer – Uninove

Suplente: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – Uninove

In memoriam de Celina Guerreiro da Silva,
minha mãe, que me ensinou que família e
educação são os maiores valores que nós
construímos na vida.

RESUMO

A presente pesquisa analisa o estudo da rádio educativa como ferramenta de ensino e analisa o uso da internet como forma de transmissão de sua programação a partir do acompanhamento da Web Rádio Escola, um serviço de rádio educativa com transmissão pela internet e que tem como público-alvo estudantes, professores, gestores e comunidade escolar. A rádio foi criada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná e se apresenta como uma nova proposta de abordagem para o ensino de crianças e adolescentes, envolvendo a força histórica da rádio educativa e as novas ferramentas da tecnologia de comunicação e informação para servir como um modelo mais amplo na educação. Como um estudo descritivo dos fatos e fenômenos observados na programação da rádio, como o despertar para o uso de novas tecnologias na escola e a distorção com a resistência de professores de discutir ferramentas educativas da rádio em sala de aula. O processo de coleta de dados e as informações colhidas em entrevistas e depoimentos de pessoas envolvidas na produção da Web Rádio Escola também forneceram subsídios e detalhes importantes para a composição desta pesquisa. O suporte bibliográfico trouxe as referências necessárias e permitiu estabelecer diálogos e até debates sobre aspectos da educação, o uso de novas tecnologias e reflexos na sociedade. O estudo também discute a integração das práticas de educação e da comunicação como um novo campo de intervenção social, além das questões de participação e cidadania, que também fazem parte da temática de uma rádio educativa. Como resultado, esta pesquisa resgata a importância social da rádio educativa e reconhece o seu grande potencial na convergência com as novas tecnologias, indicando que a programação radiofônica pela internet pode trazer novas perspectivas para a educação no século 21.

Palavras-chave: Educação. Rádio. Internet.

ABSTRACT

The present research analyzes the study of radio education as a teaching tool and analyzes the use of the internet as template of transmission of its programming from Web Radio Escola, an educational radio service with webcast and whose target audience students, teachers, schoolmasters and school community. The radio was created by the Education Secretary of Parana State and it is presented as a new proposal approach to teaching children and adolescents, involving the historical force of educational radio and the new tools of communication and information technology to serve as a model broader on education. As a descriptive study of facts and phenomena observed in radio programming, as awakening to the use of new technologies in school and distortion with the teacher resistance to discuss educational tools of radio in the classroom. The data collection process and the information gathered in interviews and testimonials from people involved in the production of Web Radio Escola also provided information and important details for the composition of this research. The bibliographic support brought the necessary references and allowed to establish dialogues and debates on aspects of education, the use of new technologies and impacts on society. The study also discusses the integration of education and communication practices as a new social intervention and beyond the issues of participation and citizenship, which are also part of the theme of radio education. As result, this research rescues the social importance of radio education and recognizes its great potential in the convergence with the new technologies, indicating that the radio programming by the internet can bring new perspectives for education in the 21st century.

Keywords: Education. Radio. Internet.

RESUMEN

Esta investigación analiza el estudio de la radio educativa como herramienta de enseñanza y analiza el uso de la internet como forma de transmisión de su programación desde el monitoreo de Web Radio Escola, un servicio de radio educativa con transmisión por la internet y que tiene como público objetivo estudiantes, maestros, administradores y la comunidad escolar. La radio fue creada por la Secretaría de Educación de Paraná y se presenta como un nuevo enfoque propuesto para el enseñanza de niños y adolescentes, involucrando la fuerza histórica de la radio educativa y las nuevas herramientas de la tecnología de la comunicación y la información para servir como modelo más amplio en la educación. Como un estudio descriptivo de los hechos y fenómenos observados en la programación de la radio, como despertar a la utilización de las nuevas tecnologías en la escuela y la distorsión con la resistencia de los maestros para discutir herramientas educativas de la radio en el aula. El proceso de recopilación de datos y la información recopilada en entrevistas y testimonios de personas involucradas en la producción de la Escuela Radio Web también proporcionaron informaciones y detalles importantes para la composición de esta investigación. El soporte bibliográfico trajo las referencias necesarias y permitió establecer diálogos y debates acerca de aspectos de la educación, el empleo de las nuevas tecnologías y los impactos sobre la sociedad. El estudio también discute la integración de las prácticas de educación y comunicación un nuevo campo de intervención social, además de las cuestiones de la participación y la ciudadanía, que son también parte de la temática de una radio educativa. Como resultado, esta investigación rescata la importancia social de la radio educativa y reconoce su gran potencial en la convergencia con las nuevas tecnologías, lo que indica que la programación radiofónica desde la internet puede traer nuevas perspectivas para la educación en el siglo 21.

Palabras clave: Educación. Radio. Internet.

LISTA DE SIGLAS

Abraço – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária
AEN – Agência Estadual de Notícias (do Paraná)
Celepar – Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRTE – Coordenação Regional de Tecnologia na Educação
Ditec – Diretoria de Tecnologia Educacional
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação
Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização
NRE – Núcleo regional de educação
ONG – Organização não governamental
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação
PNA – Programa Nacional de Alfabetização
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SAR – Serviço de Assistência Rural
Secadi – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEED – Secretaria de Estado da Educação (do Paraná)
Sinred – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa
Sirena – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa Nacional
SRC – Serviço de Radiodifusão Comunitária
TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO EM SINTONIA COM A RÁDIO	12
1.1 RÁDIO COMUNITÁRIA: UM CONCEITO SOCIAL	13
1.2 DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO	16
1.3 EDUCAÇÃO NA RÁDIO	18
1.4 EDUCAÇÃO E CONVENIÊNCIA	20
1.5 BREVE HISTÓRICO DA RÁDIO EDUCATIVA	22
1.6 FERRAMENTA DE ALFABETIZAÇÃO.....	24
1.7 RÁDIO E ENSINO A DISTÂNCIA	26
1.8 FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO E CIDADANIA	28
1.9 RÁDIO NA ESCOLA	31
1.10 RÁDIO COMUNITÁRIA NA INTERNET	35
2 PARTICIPAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	37
2.1 PRODUÇÃO EDUCATIVA	38
2.2 QUEM FAZ.....	40
2.3 QUEM OUVI	43
2.4 COMUNICAÇÃO PARA EDUCAÇÃO PLURALISTA E DEMOCRÁTICA.....	45
2.5 QUALIDADE DE CONTEÚDO	48
2.6 MULTIDISCIPLINARIDADE	50
2.7 AÇÃO EXTRACURRICULAR.....	53
2.8 RUMOS DA LINGUAGEM	56
3 A WEB RÁDIO ESCOLA	59
3.1 A EXPERIÊNCIA DO PARANÁ	60
3.2 DESAFIOS DA RÁDIO NA INTERNET	63
3.3 COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO	66
3.4 PRODUTORES DE EDUCAÇÃO	69
3.5 PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO	71
3.6 UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO.....	73
3.7 MODELO DE ENSINO (RÁDIO NA INTERNET)	76
3.8 PROGRAMAÇÃO (CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS)	79
3.9 A QUESTÃO REGIONAL PARA UMA EDUCAÇÃO NACIONAL	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100

REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE A – Entrevista com a professora Elizabete dos Santos.....	107
ANEXO A – E-mail da professora Eguimara Selma Branco com resposta da professora Elizabete dos Santos sobre a Web Rádio Escola.....	118
ANEXO B – E-mail com depoimento da professora Eguimara Selma Branco	119

INTRODUÇÃO

A rádio educativa e comunitária veio trazer entretenimento, cultura e informação para a sociedade. Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e a sua proliferação tecnológica na sociedade nos primeiros anos do século 21, o conceito social da rádio migrou dos prefixos da sintonia tradicional para os endereços de *hyperlinks* dos *sites* na internet, proporcionando uma nova experiência de comunicação e constituindo-se como uma revolucionária ferramenta de educação.

Essa mudança de paradigma e novo entendimento para a rádio, um meio de comunicação tão cativante e tradicional, motivou a produção desta pesquisa, que buscou trazer reflexões e fazer considerações sobre a sua proposta para a educação, amplitude e alcance social da programação, aspectos da migração para internet, assim como verificar como acontece a integração desses elementos e de que maneira essa composição pode contribuir para a construção de um novo modelo de ensino e promoção de desenvolvimento social.

Para efeito de estudo, foi realizado o acompanhamento do Web Rádio Escola, uma rádio educativa transmitida pela internet, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, que serviu como referência para a observação e análise do tema. Trata-se de um estudo descritivo dos fatos e fenômenos observados e que foram tratados na pesquisa. O suporte bibliográfico forneceu as referências necessárias e ajudou a fundamentar e abrir diálogos sobre as questões que envolvem a educação, as novas tecnologias e seus reflexos na sociedade.

A realização de entrevistas e a coleta de dados foram outros recursos e instrumentos que contribuíram para a melhor abordagem do tema, visando analisar crítica e analiticamente o funcionamento da Web Rádio Escola, a partir do acompanhamento de sua programação, de forma a conhecer e compreender aspectos como características de identidade e técnicas de produção, além de aspectos da linguagem para poder emitir valor sobre o seu papel social.

É importante ressaltar que a expressão rádio aparece com variação de gênero masculino e feminino na sua forma de tratamento em várias obras e estudos sobre sua contribuição para a educação. Dependendo do autor e da forma que é abordada em seus textos, a rádio pode aparecer com essa variação de gênero na sua classificação e em seus complementos, como educativa, comunitária e cultural, por exemplo. Evidentemente, essas variações são formas corretas, reconhecidas e legítimas, e denotam uma preferência de tratamento escolhida pelo seu autor e na forma de desenvolvimento do seu trabalho. Com o

intuito de facilitar a abordagem e a compreensão do tema, assim como as suas variantes, no decorrer desta pesquisa, preferiu-se adotar como padrão a expressão feminina: a rádio.

A primeira parte faz referência a aspectos históricos da rádio, da rádio comunitária, o papel da rádio na educação como ferramenta interdisciplinar de ensino pela linguagem midiática, noção de culturas e construção da realidade. Na segunda parte, foi construído um ensaio sobre as questões da linguagem, tipos de mensagem, aspectos de emissor e receptor, codificação, variantes culturais, cidadania, sociedade moderna e globalização, para que essas formas de compreensão pudessem servir como fatores de contextualização ao se trabalhar com um modelo de educação pela rádio. A terceira parte traz a pesquisa sistemática e descritiva da Web Rádio Escola e seus fundamentos, contendo análise da programação, discussão de propostas, questões da comunicação, aspectos da linguagem e considerações sobre acertos e desacertos no desenvolvimento como instrumento de educação.

Em suma, este estudo pretende ser uma contribuição para o desenvolvimento de novos modelos de instrumentos de educação na internet e para a formação de novas atividades com a utilização de novas tecnologias em instituições de ensino, para aplicação, tanto nos setores público e privado quanto em organizações comunitárias e entidades sociais.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO EM SINTONIA COM A RÁDIO

1 EDUCAÇÃO EM SINTONIA COM A RÁDIO

1.1 RÁDIO COMUNITÁRIA: UM CONCEITO SOCIAL

A rádio é uma das mídias mais populares e de maior expressão no mundo, tanto que a sua invenção, enquanto tecnologia de comunicação, nada teve de fortuita e nem pode ser considerada obra de um único pesquisador. Na verdade, houve inúmeros colaboradores, alguns famosos, outros anônimos – alguns até injustiçados –, que até é difícil estabelecer o momento exato em que este importante veículo de comunicação teria nascido. Trabalhos experimentais remontam à década de 1820, envolvendo experimentos com eletricidade e magnetismo. Tais aspectos refletem a própria constituição do planeta terra, que é composto na sua superfície de elementos variados e seu núcleo, essencialmente, de metal, que atrelado ao seu fenômeno de rotação gera uma grande quantidade de energia elétrica que resulta da perda de elétrons periféricos dos átomos metálicos. Essa energia eletromagnética se acumula no núcleo, magnetizando-o, e é conduzida à superfície do planeta pelas chamadas correntes de convecção. “Dessa forma, podemos considerar a Terra como um eletroímã gigante, irradiando uma torrente permanente de elétrons que corre no sentido contrário do polo Norte para o polo Sul e vice-versa” (CONSANI, 2012, p. 22).

Todos os sistemas elétricos e dispositivos, assim como a rádio, baseiam seu funcionamento na existência de um fluxo ordenado e constante de partículas magnéticas que percorrem esses cursos determinados. A concentração da energia dos elétrons viaja no espaço, de um polo ao outro, em uma faixa de altitude mais elevada da atmosfera, que serve como superfície refletora para a maior parte dos sinais irradiados, inclusive os radiofônicos. Em outras palavras, as ondas eletromagnéticas moduladas, de frequência de número de pulsos por segundo, como as rádios FM, ou as ondas eletromagnéticas de amplitude, como as rádios AM, são emitidas em todas as direções, refletidas na atmosfera e captadas pelas antenas dos receptores de rádios. Diante dessa perspectiva, o próximo desafio foi conseguir converter o sinal de áudio (onda sonora) por meio de uma membrana e um dispositivo chamado transdutor, que serviu de base para o microfone, em um sinal elétrico que pudesse ser amplificado e reconvertido em som na saída de um alto-falante. Uma conquista científica conhecida como “gravação elétrica” (CONSANI, 2012, p. 24).

O Brasil tem uma forte tradição de rádio, e grande parte do seu desenvolvimento deve ser atribuído a dois ilustres brasileiros: o padre gaúcho Roberto Landell de Moura, que,

segundo consta, patenteou o seu transmissor de ondas no Brasil, em 1901, e o médico, antropólogo e educador carioca Edgar Roquette Pinto, nos Estados Unidos, em 1904. A essência da rádio, desde sua concepção, parte de um princípio social, como um meio de comunicação voltado para uma utilização em prol da educação; um aspecto de caráter básico humano e tão prioritário para a cidadania, mas que, por razões adversas, acaba recebendo historicamente, em nosso país, um tratamento inversamente proporcional à sua importância social. Mas a classificação da rádio como veículo de educação e de serviço comunitário foi defendida por esses dois brasileiros.

A bandeira social da educação sempre tremulou pelas viajantes ondas da rádio e chegou em residências, empresas, clubes, associações e grupos de pessoas que se reuniam com um mesmo propósito: compartilhar momentos juntos e dividir suas experiências em um processo de socialização, pois essa era uma função primordial da transmissão radiofônica, um efeito aglutinador antes mesmo dos processos de proliferação da televisão e da revolução da internet na sociedade atual.

A rádio começou a ser implementada como instrumento de comunicação de massa no Brasil com o marco da entrada da primeira emissora em operação, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, patrocinada pelos ideais de Henrique Morize e Edgar Roquette Pinto. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era ligada diretamente à Academia Brasileira de Ciências, entidade de fins científicos e sociais, que tinha Roquette Pinto como secretário e Henrique Morize como presidente. Com uma programação ao vivo e programas de curta duração, a difusão de sons por meio de ondas eletromagnéticas era vista por Roquette Pinto como uma nova forma de acesso à informação e à cultura, especialmente sob a ótica da educação, contrastando com o modelo americano, de base predominantemente comercial.

Considerado patrono da rádio no Brasil, Roquette Pinto tinha como sua filosofia a função educativa e cultural para a rádio, a partir do projeto de radioescolas municipais para desencadear o que seria o primeiro movimento de mobilização para a construção de uma rádio comunitária, um tipo de emissora que, além de promover educação e cultura, segue em sua concepção uma orientação direcionada para as necessidades de uma comunidade específica e que se caracteriza também pela sua transmissão de alcance limitado.

Para efeito de contextualização, é importante saltar algumas décadas do advento e consolidação da rádio em seu modo original para apresentar algumas definições de rádio comunitária visando compreender as principais vertentes sociais de sua proposta.

Pela legislação que regula o SRC (Serviço de Radiodifusão Comunitária) no Brasil, Lei n.º 9.612/1998 (BRASIL, 1998), em seu artigo primeiro:

[...] denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

Desse modo, uma rádio comunitária deve trabalhar com potência limitada a no máximo 25 watts ERP¹ (sigla em inglês para potência efetiva irradiada) e com altura do sistema irradiante não superior a trinta metros que, pelo entendimento da lei, deve servir para uma cobertura restrita e destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila especificamente.

Uma perspectiva importante sobre a definição de rádio comunitária e suas principais atribuições é trazida pela estudiosa dos movimentos das rádios comunitárias no Brasil, Maria Inês Amarante, que analisa sua função social da seguinte forma:

Uma rádio é comunitária quando ela é feita pela e para a comunidade, gerida por ela, sem fins lucrativos e objetivos político-partidários. Assim, não seriam rádios comunitárias apenas emissoras que funcionam por sistemas de alto-falantes, caixinhas de som ou FM. Os conteúdos, os objetivos, a potência, a forma de administração, a pluralidade etc., são alguns dos critérios que definem o seu perfil comunitário. (AMARANTE, 2012, p. 38).

Outra noção que merece ser contemplada a respeito das rádios comunitárias pertence a Fred Ghedini (2009, p. 15), que ressalta que o acesso da comunidade nesse tipo de emissora deve ser facilitado e estimulado em sua estrutura, de modo a legitimar sua representatividade social.

Rádio comunitária é uma FM de baixa potência de caráter local, voltada para informar, entreter e prestar serviço à população de sua área de atuação. A verdadeira comunitária facilita e incentiva o acesso a seu microfone pela comunidade. Esta deve ser administrada por uma associação aberta à participação da comunidade ou, no mínimo, ter sua programação sob controle de conselhos eleitos pelos ouvintes. As emissoras comunitárias podem ser autorizadas ou não. (GHEDINI, 2009, p. 15).

Pesquisa de informações básicas municipais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feita no segundo semestre de 2006 e publicada em setembro de 2007, revelou que 2.704 municípios no Brasil declararam ter rádios comunitárias, o que representa quase metade (48,6%) do total de 5.564 municípios existentes (GHEDINI, 2009, p. 16). Para o referido autor, se forem feitas adequações na legislação de rádios comunitárias, estas serão a segunda principal fonte de informação e entretenimento de parte importante da população brasileira, superada apenas pela tevê aberta, presente em 5.297 municípios.

¹ Sigla, em inglês, para potência efetiva irradiada.

Estimativa da direção da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço), entidade fundada em 1996, indica a existência de 15 mil emissoras de baixa potência, consideradas rádios comunitárias, em funcionamento no Brasil. Desse montante, apenas 3.030 têm autorização de funcionamento do Ministério das Comunicações, organismo governamental responsável pelo tema, em dezembro de 2007, período referente a esses números. (GHEDINI, 2009, p. 70).

Tais apontamentos revelam que as rádios comunitárias devem cumprir essencialmente um papel social pelo fato de estarem mais próximas de seus ouvintes e por atenderem às necessidades e reivindicações de sua comunidade, até mesmo porque devem ser feitas por seus integrantes. Portanto, uma rádio comunitária manifesta-se como um autêntico espaço propenso ao exercício da autonomia pública para a construção democrática da cidadania.

1.2 DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Montar uma estrutura de qualquer tipo que seja e para qualquer finalidade requer investimento e esforço humano; mas, além de força física e emocional, também implica uma tremenda dose de entrega e amor. Essa regra pode ser considerada a receita para se fazer praticamente qualquer coisa que se deseje na vida e, evidentemente, também se aplica para quem pretende construir um projeto social que envolva aspectos de comunicação e educação, como uma rádio comunitária.

Voltemos, então, ao ilustre patrono da rádio brasileira, Roquete Pinto, que desde o início vislumbrou a função essencial da rádio como uma importante e inovadora ferramenta de educação, desde a implementação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no início da década de 1920. Um pensamento visionário até mesmo para a época, mas o fato é que há vários desafios para se estabelecer os rumos definitivos para um processo de comunicação e educação, inclusive questões que envolvem interesses políticos, econômicos e sociais.

Esta seria uma forma de contrapor o modelo de educação histórico do Brasil, incorporado por uma educação jesuíta e consagrado como método hegemônico na sociedade capitalista, que enxerga o estudante como um mero receptor aberto para receber e armazenar dados sem receber qualquer estímulo de participação e criticidade. Aspecto tão bem visto e analisado com profundidade pelo educador Paulo Freire, na sua categorização do perverso e opressor modelo de educação bancária em detrimento ao modelo crítico e gnosiológico baseado na educação problematizadora.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (FREIRE, 2005, p. 66-67).

A necessidade de se estabelecer um processo de comunicação horizontal, em que há uma paridade entre os indivíduos, como acontece em uma rádio comunitária, em oposição ao modelo de comunicação vertical, praticado nas emissoras de rádio comercial e que prioriza as relações econômicas, que era vista pelo educador Paulo Freire nas mãos dos grandes grupos, em prol de interesses hegemônicos e dominantes, como ferramenta alienante, atuando na subjugação dos oprimidos, é um caminho espinhoso que prescinde ser percorrido, já que não há como escapar da educação tecnicista e alienante senão pela educação para a libertação, um processo que passa pela comunicação, pelo diálogo. (FREIRE, 2005, p. 67-68).

As complexidades e dificuldades, sobretudo quando estamos nos referindo aos campos políticos, econômicos e sociais, nas situações que foram experimentadas pelas sociedades dos países do continente sul-americano, especialmente, nas últimas décadas do século 20, servem para ilustrar o panorama vivido por pessoas e grupos de pessoas que enfrentaram severa oposição e cerceamento de liberdade desencadeadas pelo fato de não poderem se expressar. Esse tipo de controle e monitoramento feito pelo Estado e suas forças de burocracia impedia o debate, a crítica, mas encontrou resistência nas vozes de estudantes e na reação desencadeada pela ação de rádios comunitárias.

A realidade vivenciada na América Latina, feita de grandes tensões sociais, leva a compreender porque nesse continente floresceram as experiências mais significativas de comunicação horizontal e metodologias para praticá-la. Os meios de comunicação não oficiais já haviam surgido dentro de perspectivas educacionais e comunitárias desde a década de sessenta e acumulado experiências históricas nas rádios guerrilheiras de Cuba, Nicarágua ou das mineiras bolivianas, desbravando nas ondas do continente um território de luta contínua pela democracia. A emancipação social encontrou no rádio o meio de comunicação mais adequado e eficaz para sua divulgação, utilizando para isso todas as formas de radiodifusão popular, desde o sistema de alto-falantes até a FM. (AMARANTE, 2012, p. 37).

O poder mobilizador e a força da comunicação nas rádios comunitárias estimulam a participação social, até mesmo porque são os próprios moradores os responsáveis pelo seu

desenvolvimento e isso é feito ao mesmo tempo em que estão todos envolvidos e fazem parte de tudo o que acontece no dia a dia da sua comunidade. As rádios comunitárias têm esse poder de mobilizar, difundir e exteriorizar os ideais de sua comunidade.

Ao abrir o microfone para pessoas da comunidade, a rádio contribui para dar-lhes um novo status. Essas pessoas passam a ter uma face pública. A comunidade em torno de uma rádio ganha outra “liga” ao tornar-se público dela mesma. Problemas que antes eram tratados à boca pequena, entre vizinhos, de repente são espalhados pelo ar por ondas sonoras. Por isso, as rádios comunitárias têm um papel importante nas campanhas de saúde pública, na motivação dos jovens, enfim, na elevação da autoestima das populações da periferia e do interior, para seu desenvolvimento humano, social e econômico. (GHEDINI, 2009, p. 17).

1.3 EDUCAÇÃO NA RÁDIO

De acordo com Fred Ghedini (2009, p. 35), a primeira transmissão de uma rádio comunitária na América Latina – e no mundo – aconteceu em 1947 com a Rádio Sutatenza, na Colômbia, no povoado de Sutatenza, nas montanhas da província de Boyacá, por iniciativa do padre católico José Joaquim Salcedo, para uma população de oito mil camponeses. O sucesso da programação da Rádio Sutatenza foi tamanho que logo o projeto foi reconhecido por financiadores com recursos vindos de grupos católicos europeus, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre outras fontes. Evidentemente, o modelo estimulou o surgimento de emissoras semelhantes em vários países na América Latina, como em Honduras, Nicarágua, El Salvador, Peru, Bolívia, Argentina e também no Brasil, com a experiência da rádio educativa de Natal (RN), que fazia parte do Sistema de Assistência Rural da diocese local, em 1958. A Rádio Sutatenza é um marco no sistema de radiodifusão educativa e ficou no ar por mais de 40 anos, chegando a congregar 7.500 escolas radiofônicas por toda a Colômbia; mas a iniciativa não conseguiu ir além do início da década de 1990.

A emissora que deu a partida na história das rádios comunitárias, populares, educativas, participativas e alternativas no continente era uma verdadeira “escola radiofônica”. Para ouvir as transmissões, os camponeses organizavam-se em grupos com cerca de 20 pessoas, acompanhados por monitores locais, com o apoio de cartilhas impressas. A programação incluía higiene, saúde básica, leitura, escrita, operações elementares de matemática, técnicas de aumento de produtividade agrícola e mensagens de estímulo ao reconhecimento da dignidade pessoal. (GHEDINI, 2009, p. 35).

Fora da escola, que é considerada o espaço legítimo de aprendizado e da educação, vemos na transmissão da rádio a possibilidade de percorrer um caminho para o conhecimento, buscando uma perspectiva diferente e que implica na necessidade de maior atenção para o

sentido da audição, já que não existem referências audiovisuais, como acontece na televisão. Se a educação não formal, como entendemos, é um processo de educação que acontece fora do ambiente escolar, da sala de aula, é pertinente a afirmação que existe possibilidade de conhecimentos válidos na rádio, na televisão, na leitura, na visita de um museu, por exemplo.

Nas circunstâncias atuais, os estudantes, de um modo geral, parecem bem mais motivados por aspectos de comunicação relacionados a questões de simultaneidade, instantaneidade e multiplicidade do que pelos métodos de ensino praticados nas escolas tradicionais. O sociólogo Pedro Demo tem uma postura bem crítica e consistente em relação às questões que tratam da sala de aula como espaço oficial para o ensino.

A sala de aula, lugar em si privilegiado para processos emancipatórios através da formação educativa, torna-se prisão da criatividade cerceada, à medida que se instala um ambiente meramente transmissivo e imitativo de informações de segunda mão. Na frente está quem ensina, de autoridade incontestável, imune a qualquer avaliação; na plateia cativa estão os alunos, cuja função é ouvir, copiar e reproduzir, na mais tacanha fidelidade. (DEMO, 2011, p. 85).

Como a escola representa, para a maioria da população, a única oportunidade de acesso ao saber, faz-se necessário novas medidas e atualizações para torná-la mais atrativa, mais interessante e com qualidade, para que não haja problemas de desestímulo que podem desencadear evasão e repetência de alunos. Nesse sentido, rádio voltada para a prática de educação é uma proposta de inovação, de modernidade e de renovação da esperança.

Como tão bem pontua Paulo Freire, o indivíduo não deve temer o novo e deve ter esperança, não esperança do verbo esperar, pois essa não é esperança de fato, e sim espera. A atitude de esperar é se levantar, ir atrás, construir e nunca desistir, pois não há mudança sem sonho e não há sonho sem esperança.

Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blablablá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular – a da linguagem como caminho de invenção da cidadania. (FREIRE, 1992, p. 20).

Diante dessa perspectiva, faz-se mais do que um convite para se aprofundar nas experiências dos diversos projetos para usar a rádio em escolas, ou para se montar estruturas de radioescolas, como exemplos que foram desenvolvidos, de forma diferenciada, em várias

cidades do país, e que contribuíram para preparar o aluno para atuar em um meio de comunicação de seu próprio bairro.

1.4 EDUCAÇÃO E CONVENIÊNCIA

Ao longo de 90 anos de incursões radiofônicas, a eficiência das práticas de ensino e aprendizado, tanto no âmbito da educação formal quanto da educação não formal na rádio, deixam claros seus méritos e reconhecimentos. Ainda mais em se tratando de inúmeros exemplos de programas e projetos desenvolvidos por entidades governamentais e não governamentais no Brasil e em todo o mundo. Se em sua origem mais remota a rádio se caracterizava por ser um instrumento mais voltado para atender às demandas das classes mais elitizadas, foi justamente nas camadas sociais menos favorecidas que a experiência radiofônica, de fato, se popularizou, com a possibilidade de oferecer, entre outros aspectos importantes, música e informação, lazer e trabalho, entretenimento e educação.

Onde não havia escola, como nos locais mais desolados do território brasileiro, sobretudo para quem vivia no campo, a rádio serviu como verdadeira fonte de estudo, e nos locais onde havia escola, mas ainda assim as pessoas não podiam estudar pela falta de tempo, devido às responsabilidades de trabalho, aos deveres para com a família e às dificuldades para se locomover e de transporte, a rádio se transformou, literalmente, em um instrumento de educação. Especialmente ao levar os saberes mais básicos e elementares, como a alfabetização, para os que viviam nas regiões mais afastadas das grandes metrópoles. O aprendizado pela rádio também permitiu avançar no aprofundamento de conteúdos e conhecimentos, como nos casos dos cursos técnicos e de idiomas.

Além de suas louváveis qualidades de ensino e aprendizado, outra característica importante da rádio educativa era a flexibilidade na sua programação em proporcionar diferente e variado horário de estudo para quem acompanhava os programas. Dessa forma, quem trabalhava durante o dia tinha parte da noite para estudar ou aperfeiçoar seus conhecimentos, e quem trabalhava à noite podia dedicar parte do dia para os estudos. Graças a uma programação ampla, em que os programas de educação tinham horários fixos e também eram repetidos em horários alternativos, os estudantes podiam montar os horários de estudo de acordo com sua disponibilidade de tempo e conveniência. Com ou sem práticas de avaliação, havia possibilidade de participar de cursos para receber um certificado ou diploma, ou simplesmente para aprender uma nova atividade ou se especializar.

O caso das escolas radiofônicas de Natal (RN), pautadas pela educação de base (ensinar a ler, escrever, noções de saúde, trabalhar a terra etc.) e alfabetização, foi considerado um dos mais emblemáticos modelos de educação pela rádio com objetivo para a alfabetização no campo, demonstrando claramente esse tipo de preocupação em oferecer uma ação educativa em horários variados para que fosse atendido o maior número de interessados em acompanhar os cursos. Como é bem descrito no livro *Escolas Radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos*, organizado por Marlúcia Menezes de Paiva, na seguinte passagem:

Era impossível pensar em educação de base simplesmente através de um horário de aula radiofônica. Era preciso pensar em uma programação educativa intensa, diversificada, motivadora, que fosse transmitida em horários diferenciados, atingindo as várias faixas etárias da população campestre e com audiência organizada. (PAIVA, 2009, p. 92-93).

A experiência de ensino das escolas radiofônicas de Natal – com transmissão de sinal da Emissora de Educação Rural – foi considerada modelar e tornou-se um movimento nacional de educação no período final da década de 1950 e no início da década de 1960, sob a coordenação do Movimento de Educação de Base (MEB). Os aparelhos de recepção que faziam parte de kits do programa educacional eram enviados para escolas, associações de trabalhadores rurais, unidades de assistência rural, igrejas e outros lugares que pudessem receber os grupos de jovens e adultos interessados em acompanhar as aulas onde eram formadas as classes. A formação das classes e sua forma associativa contribuía, assim, para intensificar os laços comunitários entre os estudantes. Essa forma de mobilização e organização comunitária era chamada pelo MEB de Animação Popular, no sentido de afirmar seus membros como sujeitos. (PAIVA, 2009, p. 67).

Considerando o processo educativo pela rádio, o envolvimento e o estímulo da participação comunitária foi um de seus grandes trunfos nesse modelo de programação radiofônica educativa, que se estendeu até os programas do Projeto Minerva, na década de 1980. Sem a figura de um professor, de fato, para lecionar os conteúdos, como nos métodos tradicionais de educação, a rádio acaba se personificando na imagem do professor, conferindo ao ambiente um caráter institucional e estabelecendo condição de aprendizado e de promoção de convivência social, nos casos de grupos de estudos formados durante os cursos.

Evidentemente que a educação pela rádio permite estudar individualmente ou em grupos, como aconteceu efetivamente após a popularização do aparelho, com as novas tecnologias, com a substituição das válvulas para os sistemas transistorizados, e a redução

significativa de suas dimensões para tamanhos compactos. A proliferação da televisão no Brasil também causou impacto no preço dos aparelhos, que ficaram mais baratos e acessíveis para a população. Ao mesmo tempo, isso teve impacto no comportamento de quem acompanhava a programação educativa da rádio, que acabou tendo reduzido seu impacto como agente de promoção comunitária, já que as pessoas passaram a estudar sozinhas, seguindo o método de autoaprendizado, no qual o indivíduo aprende determinado tipo de conteúdo por intermédio dos meios de comunicação de massa, com ou sem o recurso ou auxílio de livros, cadernos de exercícios, apostilas ou fascículos (PIMENTEL, 1999, p. 13).

Apesar de não apresentar os aspectos positivos das relações comunitárias, o modelo de aprendizagem individual na rádio, assim como na televisão, teve os seus méritos no sentido de ofertar cursos supletivos, educação básica, cursos técnicos e de idiomas, numa proposta de formação de quadros para atender às exigências de uma política econômica que exaltava o Brasil como um país em forte crescimento nas décadas de 1970 e de 1980. Um processo que Fábio Prado Pimentel (1999, p. 77) salienta, que justificava politicamente a ação do governo na área da educação e que servia ao formato de desenvolvimento para uma cultura nacional unificada, um sentimento característico naquela fase. A ideia de um país sem fronteiras, onde todos tivessem acesso às informações produzidas nos grandes centros.

1.5 BREVE HISTÓRICO DA RÁDIO EDUCATIVA

A história da transmissão da rádio educativa no Brasil está diretamente relacionada com o advento da radiodifusão educativa no país, já que a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, projeto de Henrique Morize e Roquette Pinto, em 1923, foi criada com o objetivo essencial de transmitir educação e cultura. No entanto, em 1936, sem ter como bancar os custos da emissora, da qual era dono, Roquette Pinto doa seus direitos ao MEC, na promessa de que seus ideais seriam preservados. Nascia, então, o sistema de Rádios Educativas no Brasil, um projeto que, de fato, tinha a intenção de produzir uma programação educativa popular; contudo, os conteúdos ainda eram elitizados e não atingiam a grande massa, que sequer dispunha de condições econômicas para comprar os aparelhos sonoros, caros para a época. (PIMENTEL, 1999, p. 25).

A trajetória da rádio educativa apresenta seis fases distintas em sua evolução no Brasil, que foram devidamente categorizados, em pesquisa de Marlene Blois (2003, p. 35-36), no período de 1995-96, da seguinte forma:

Fase Pioneira, que teve como marco o próprio advento da radiodifusão no país e se pautou na ideologia de sua implantação, incluindo a inauguração da Rádio Sociedade, em 20 de abril de 1923, e estendendo-se, até 1928, com a criação de Rádio-Escolas.

Segunda Fase, entre 1929-1940, consolidando a ideologia inicial com a implantação das Rádio-Escolas e a criação das primeiras redes educativas, ao mesmo tempo em que a rádio delineava sua forma de atuação e abria caminhos para mudanças.

Terceira Fase, entre 1941-1966, tendo como característica a interiorização e extensão da ação do eixo Rio-São Paulo, o que possibilitou a consolidação e a diversificação de sua ação educativa, criando novos impulsos para mudanças.

Quarta Fase, entre 1967-1979, quando a rádio educativa, não fugindo ao que se passava na área da comunicação, fruto do momento político por que passava o país, foi marcado por ações centralizadoras de utilização da rádio para fins educativos pelo Estado. A criação de centros produtores regionais e a introdução de uma postura científica norteando todas as fases do processo (diagnóstico/planejamento/produção/veiculação/recepção) de ofertas educativas via rádio, fizeram o diferencial deste período, que nos colocava em igualdade com outros países mais avançados quanto à teleeducação via rádio.

Quinta Fase, iniciada em 79, assinalou a conjugação de meios massivos à Educação e se consolidou com a inauguração de FM educativas, com a interação das emissoras em um sistema, com novos espaços se abrindo para a atuação da rádio. O fim do SINRED/ Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa encerrou esta fase de tão grandes ganhos para a rádio educativa.

Sexta Fase, a fase atual da rádio educativa, teve seu início em 95 com o término das ações do SINRED. Consolida o compromisso de radialistas com a Educação, ampliando-se as ofertas radiofônicas educativas, agora também pelas rádios comunitárias. A rádio segue acompanhando a tecnologia do seu tempo, tanto em suas práticas de produção quanto nas de transmissão, surgindo emissoras educativas na internet.

O período militar foi o momento de maior complexidade e dificuldade para utilização da rádio e todos os meios de comunicação. Assim mesmo, na década de 1960, houve uma grande movimentação de ações para a promoção da educação popular em várias partes do território brasileiro com objetivos de alfabetização escolar, educação de base, tomada de consciência, mudança de atitudes e instrumentação das comunidades receptoras. Entre esses movimentos, vale destacar o trabalho do MEB (Movimento de Educação de Base), uma iniciativa do governo federal e da CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil), e do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), indo ao encontro de projetos de educação e socialização, como o idealizado por Paulo Freire, que veio a influenciar em muito estes programas de educação a distância visando à humanização das pessoas e a uma ação consciente e livre. (PIMENTEL, 1999, p. 45).

No sentido de tentar estabelecer uma proposta única para os programas de ensino pela rádio e pela televisão, foi lançado pelo governo militar brasileiro o Projeto Minerva (nome dado em alusão à deusa romana das artes e da sabedoria) em setembro de 1970, a partir de

parceria do Ministério da Educação, da Fundação Padre Anchieta, em São Paulo (SP), e da Fundação Padre Landell de Moura, em Porto Alegre (RS), com ênfase na educação de adultos e em associação com o projeto Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

O Projeto Minerva chegou a ser transmitido em rede nacional por 1.200 emissoras de rádio e 63 emissoras de televisão, visando preparar alunos para os exames supletivos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial. O projeto teve continuidade até o início de 1980. Apesar dos méritos de sua proposta para a educação e a formação técnica de adultos, o Projeto Minerva teve sua eficiência questionada e recebeu severas críticas da mídia pelos recursos investidos, pois, segundo estatísticas da época, a maioria dos inscritos não conseguia obter o diploma². (MENEZES; SANTOS, 2002).

Com o fim do Projeto Minerva, o governo federal realiza ações pontuais envolvendo a rádio educativa, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), que desenvolve ações com a utilização da linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento da cidadania e o treinamento de grupos profissionais.

A rádio educativa contemporânea segue um modelo vinculado especialmente a instituições de ensino, como universidades públicas federais, estaduais, municipais e de natureza privada, como em escolas particulares e da rede pública. A rádio educativa também vem acompanhando a tecnologia do seu tempo, tanto em suas práticas de produção quanto nas de transmissão, sobretudo em relação ao surgimento de emissoras educativas na internet.

1.6 FERRAMENTA DE ALFABETIZAÇÃO

No final dos anos de 1950, com a criação do Sirena (Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa Nacional) pelo Ministério da Educação, abriu-se uma nova perspectiva educacional para combater os altos índices de analfabetismo no Brasil, com o desenvolvimento das escolas radiofônicas do MEB (Movimento de Educação de Base), em associação com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e escritórios do SAR (Serviço de Assistência Rural). O programa de alfabetização teve início em 1961, sendo voltado especialmente para o trabalhador da área rural, no interior no país, apesar de haver registros de casos também em grandes cidades e em algumas capitais. O horário das emissoras era reservado para a programação educativa que tinha sua produção radiofônica centralizada

² Dados da época indicam que 77% dos inscritos não conseguiam a diplomação. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=291>>. Acesso em: 26 maio 2014.

na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, da qual faziam parte milhares de escolas radiofônicas em todo o território nacional. As programações eram acompanhadas de material didático: a radiocartilha. (PIMENTEL, 1999, p. 43).

A motivação para o surgimento das escolas radiofônicas do MEB no país partiu da experiência de alfabetização de adultos desenvolvida pelas escolas radiofônicas de Natal (RN), em 20 de setembro de 1958, com a transmissão da primeira aula voltada aos trabalhadores do campo pela Emissora de Educação Rural, fundada no mês anterior, veículo imprescindível para o funcionamento das escolas radiofônicas, como indica o livro *Escolas Radiofônicas de Natal*, que descreve as experiências vividas por essas escolas no período de 1958 a 1966. A experiência do projeto educacional desenvolvido pela Rádio Sutatenza (vide item 1.3), na Colômbia, também serviu como fonte de inspiração para o modelo de escola radiofônica realizado no estado do Rio Grande do Norte. (PAIVA, 2009, p. 49).

O momento social, político e econômico, de relativa normalidade democrática no país, permitiu a organização e ampliação das lutas e reivindicações das camadas trabalhadoras. Dentre as diversas atividades já existentes, surgiu mais uma tarefa: a de alfabetizar a população rural, e a forma encontrada para isso foi a alfabetização pela rádio. A implantação de um sistema educativo com base em emissões radiofônicas encurtava distâncias, facilitando o acesso dos camponeses à educação, dando-lhes possibilidades de se desenvolverem enquanto membros de uma comunidade maior. A rádio significava, de forma concreta, a tecnologia a serviço da educação do homem camponês. (PAIVA, 2009, p. 51).

Os alunos que moravam próximo levavam seus tambores, seus assentos. As aulas significavam a possibilidade de um encontro. Encontro na espontaneidade e simplicidade dos sítios, onde o sentimento de repartir se fazia presente. Cada um ajudava da forma que podia. E os obstáculos iam sendo transpostos, a caminhada se fazendo, crescendo, abrindo clareiras.

O fascínio pela novidade e a vontade de aprender a ler e escrever fazia com que após um dia inteiro de trabalho braçal, os trabalhadores e trabalhadoras tivessem ânimo para acompanhar 45 minutos de aula com a professora à distância. (PAIVA, 2009, p. 53).

O processo de alfabetização das escolas radiofônicas representava, na época, o ensino do primeiro ano primário, pelo método de palavração, no qual aprende-se a ler as palavras pela sua decomposição em sons ou sílabas. A alfabetização da população no meio rural tinha um propósito importante de estabelecer uma integração com a sociedade e de resgate de cidadania para essas pessoas que viviam de uma forma isolada, sem participação ativa, castigados pela seca, afastados de serviços essenciais e de estrutura.

Além de seu caráter de educação e integração, as escolas radiofônicas também tinham uma proposta de interação, apesar da distância e da separação, entre os estudantes de alfabetização e os professores, que acontecia pelo programa semanal “Conversa com monitores”, que tinha como finalidade atender às solicitações e dificuldades da área pedagógica. As questões eram levadas às professoras-locutoras para as devidas orientações e esclarecimentos durante a transmissão das aulas.

Aspecto importante a se destacar na ação educativa do MEB/Natal e demais sistemas, é que não apenas alunos e monitores aprendiam. Professores e demais integrantes da equipe eram também aprendizes, nessa relação com o povo campestre que, apesar das necessidades de toda ordem a que era submetido, acredita ser possível transformar a realidade vivida através de práticas sócio-políticas. E era a partir da reflexão sobre essas práticas que a Equipe Nacional elaborava e enviava aos Sistemas Estaduais, textos, apostilas e outros documentos que buscavam fundamentar as referidas práticas.

Após estudo e reflexão sobre a documentação recebida as equipes dos diversos sistemas encaminhavam à Equipe Nacional os seus questionamentos e sugestões. Portanto, nada vinha pronto, nem era imposto de cima para baixo. Havia uma constante troca. (PAIVA, 2009, p. 74-75).

O método de alfabetização utilizado nas aulas radiofônicas, em si, não constituía propriamente uma inovação, já que reproduzia em sua essência o material disponível na escola tradicional. A grande novidade estava na sua aplicação pela rádio, sendo direcionada a jovens e adultos, alcançando um maior número de pessoas em locais distantes e de difícil acesso, utilizando como temática a realidade do homem do campo.

A democratização da cultura – dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.

A partir daí, o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, tem um ímpeto de criação e recriação. (FREIRE, 1967, p. 108).

1.7 RÁDIO E ENSINO A DISTÂNCIA

O potencial de alcance da rádio educativa a transforma em uma ferramenta tão poderosa em favor da educação que transcende sua função social, mesmo se considerarmos apenas o seu papel como meio de comunicação de massa. Mais do que simplesmente informar e entreter, assim como companheiro de tantos trabalhadores em jornadas solitárias, a rádio também se destaca por superar as barreiras de tempo-espço, permitindo um compartilhamento de informações para uma grande audiência, de forma independente de

questões relativas a local e horário. No processo de educação a distância, a rádio operacionaliza questões de tempo-espço e transcende a concepção de tempo e espaço absoluto, permitindo um aprendizado em locais diferentes e horários variados.

Em outros termos, a capacidade da rádio de superar as questões de tempo-espço representa, de certa forma, algo que se pode chamar do desvencilhar de uma criança ao sair de casa rumo à primeira escola, o que significa uma verdadeira ruptura nos seus primeiros anos de vida, em que desfruta da estrutura de conforto e segurança no aconchego do ambiente familiar. O enfrentamento ao encarar a novidade de um espaço diferente e a convivência com outras crianças e adultos por um determinado período de tempo do seu dia marca um novo passo no processo de educação da criança. A forma de aproveitamento desse determinado período de tempo nesse ambiente diferente é que determina a qualidade do aprendizado.

No contexto da educação a distância, modelo de ensino que teve sua origem nos cursos por correspondência, a rádio foi a primeira manifestação do uso da tecnologia como meio de levar educação para muitos, rompendo com os muros e cercanias da escola formal. Uma proposta que ousou no início, enfrentou oposição nos campos político, social e até mesmo na própria educação, mas que se consagrou ao longo do tempo pelas suas qualidades, incluindo aí abrangência geográfica, flexibilidade de horário e um custo mais acessível para o estudante. (LANDIM, 1997, p. 36).

Como modelo de educação a distância, a rádio educativa se desenvolve por uma prática realizada de forma sistemática, com cada etapa do processo de aprendizagem sendo devidamente planejada e sequenciada, permitindo que os estudantes recebam certificação ou diplomas por completarem o programa com assiduidade e avaliação, como acontece na educação formal. Por outro lado, na educação não formal (modelo mais livre, sem a necessidade de avaliações) não se busca necessariamente a obtenção de diplomas ou certificados. É uma forma mais aberta de educação a distância, com resultados analisados pela mudança no grupo e não por testes de verificação de aprendizagem, como na educação tradicional. De um modo geral, dentro do ambiente da educação formal ou não formal, na educação a distância, os conteúdos curriculares e de cultura geral são transmitidos sempre visando à construção de novos conhecimentos e habilidades.

A educação a distância representa uma possibilidade de ensino pelo conceito de autoaprendizagem, que é a forma de aprender por si mesmo, com a utilização de variados meios de comunicação de massa, de modo sistematizado. Na medida em que a educação a distância se transforma e sofre alterações no mundo todo, com a incorporação de novas teorias, mídias e métodos de ensino que foram se desenvolvendo, esse sistema de ensino foi se

atualizando e incorporando essas mudanças. Ainda assim, esse modelo mantém suas premissas e características essenciais, ao retratar que o:

[...] contato entre o educador e educando se dá de forma indireta. O desenho da instrução deve fazer com que os conteúdos estejam tratados e organizados de forma que os educandos tenham condição de aprender sem a presença do educador. Pode-se dizer que, não estando o educador presente, o material estruturado leva, incorporado em si, o educador. (LANDIM, 1997, p. 45).

Uma perspectiva acompanhada também por Fabio Pimentel:

Pelas características dessa modalidade de educação, na qual o professor não está no mesmo espaço em que o aluno se encontra, este precisa desenvolver seu autodidatismo, isto é, a capacidade de aprender com o auxílio dos materiais produzidos especialmente para o curso a distância, e se submeter a processo de avaliação do aprendizado. (PIMENTEL, 1999, p. 13).

Nesse sentido, é importante entender o ensino a distância como um sistema de ensino que visa conciliar os meios de comunicação e informação para possibilitar ao aluno acesso ao estudo tanto no trabalho quanto em sua casa, com apoio de tutores. Também é possível demonstrar questões pertinentes sobre o fazer pedagógico que engloba a tese da autonomia do aluno, quais metodologias devem ser usadas, além da execução de um planejamento, a relação professor-aluno que existe como premissa entre a separação física, geográfica e temporal dos envolvidos na educação a distância e a relação dos meios de comunicação que representa as novas tecnologias de informação e comunicação. A soma desses fatores possibilita o alcance de um número maior de pessoas para esse modelo de educação.

1.8 FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO E CIDADANIA

As experiências e práticas de educação realizadas por intermédio da rádio educativa ao longo de várias décadas em todo o Brasil, incluindo, nesse cenário, desde as regiões mais remotas e afastadas aos grandes e populosos centros urbanos, contribuíram para levar, para aqueles que não tinham, novos conhecimentos e habilidades, como ensino básico e técnico, e ajudaram a promover o espírito crítico, tanto no jovem quanto no trabalhador do campo ou da cidade. Um movimento que, na concepção freiriana, poderia representar uma mudança de comportamento no homem, no sentido da transformação de uma consciência ingênua para uma consciência racional, fazendo com que ele deixe de ser meramente objeto para assumir a condição de sujeito, que é sua verdade e legítima vocação.

Além dessa tomada de consciência para quem passa por esse tipo de transformação, é importante ressaltar o aspecto do coletivo como outro item importante nesse processo de mudança e libertação, que é trazido pela educação e pela aquisição do conhecimento e pela luminosidade da razão. É importante essa conjunção de fatores de conquistas individuais e em grupo porque o trabalho que envolve as práticas do ensino na rádio e a necessária condução da produção radiofônica dependem de um esforço mútuo, pelo menos, entre quem ensina e quem busca aprender por meio da mediação de um meio de comunicação de massa.

A rádio educativa tem a capacidade de transferir conhecimento, técnica, cultura pela sua programação moldada como aula reproduzindo uma ação dialógica entre os atores, estudantes e professores, no exercício de ensino que é a própria representação da escola. Os conteúdos abordados na aula radiofônica refletem os temas e assuntos que fazem parte do ensino tradicional seriado, até mesmo para não haver uma distinção na formação de quem frequentou um curso com transmissão pela rádio e quem teve a oportunidade de estudar em uma escola. Assim como em uma escola tradicional, a proposta educativa da rádio procurou seguir os ritos formais e hierárquicos naquilo que fazia parte do sistema de ensino.

Ainda existem outras questões relevantes na diferenciação dos conteúdos apresentados na rádio educativa em relação ao que se podia vislumbrar em uma aula convencional numa escola tradicional, como a transmissão radiofônica fazendo o papel do professor e o aspecto da linguagem específica da rádio, que implica um conhecimento de como se colocar ao microfone, postura de voz, articulação de palavras, entre outros cuidados, para facilitar a compreensão e melhorar o entendimento dos ouvintes, e até mesmo para transmitir seriedade e credibilidade ao programa. Também era importante montar um texto com narrativa simples e agradável para atrair e prender a atenção do estudante e estimular o aprendizado e o entendimento da proposta central do conteúdo.

Os programas radiofônicos oficiais, vinculados integral ou parcialmente a setores da esfera governamental, tinham grandes valores, pois normalmente estavam envolvidos nos seus bastidores nomes de grandes e renomados professores e educadores, mas, assim mesmo, os programas de educação na rádio nem sempre conseguiam estabelecer uma comunicação adequada e tampouco representar os interesses da população que se queriam atingir com esses projetos, alcançando resultados abaixo do esperado. A centralização na produção dos programas e a padronização nos conteúdos foram questões levantadas por Fábio Prado Pimentel (1999, p. 89) como fatores para o desmantelamento em alguns desses projetos:

A centralização da produção dos programas radiofônicos também colaborou negativamente para os resultados dos principais projetos analisados. Apesar de permitir que os maiores especialistas de cada área produzissem uma programação educativa de alto nível, a unificação dos conteúdos e principalmente dos formatos dos programas não corresponde às necessidades de cada região do país. Este fator esteve presente durante quase toda a história da educação pelo rádio no Brasil, sendo o mais importante para a criação dos diversos sistemas educativos brasileiros – desde o Serviço de Radiodifusão Educativa, criado na década de 40, até o Projeto Minerva, o maior exemplo de unificação da educação a distância.

Fora do contexto de organizações religiosas, instituições de ensino e da esfera do poder público, também foram realizadas experiências com rádios comunitárias, seguindo seus atributos como agente de educação. O trabalho das rádios comunitárias, que são formadas e mantidas por membros da própria comunidade, comprometidas e engajadas em promover uma ação social e renovadora na sua região, tem capacidade de estimular práticas e atividades educativas, de aumentar e aprimorar o acesso à cultura e outras de formas de expressão que sejam consideradas importantes para quem vive na região. O grande destaque nesse modelo é a possibilidade de uma interferência participativa na programação e um reconhecimento de legitimidade para a rádio comunitária como voz ativa e um representante do movimento de moradores de um bairro, de uma rua, ou mesmo de um quarteirão. Uma legitimidade e representatividade comunitária que, infelizmente, muitas escolas não conseguem assumir como postura, em boa parte dos casos, por não conseguirem manter um estreito vínculo com sua comunidade local.

Essa posição das rádios comunitárias, apesar de se tratar de um veículo de comunicação de alcance limitado, consegue estabelecer um eficiente canal de comunicação entre os que vivem na mesma região e também representar os interesses e defender as causas dos moradores, como as reivindicações e demandas perante o poder público, a manutenção de uma praça ou a criação de uma escola. Os assuntos tratados na rádio comunitária são mais focados na questão local e fazem parte das situações diversas do cotidiano das pessoas que habitam o seu entorno, abordando educação para o trânsito, educação para saúde, cultivo de hortas ou práticas agrícolas. Devidamente organizada e constituída a partir dos esforços dos moradores de uma região, uma rádio comunitária tem a capacidade de organização e mobilização em grupo, legitimando e dando voz à comunidade. (GHEDINI, 2009, p. 17).

Tendo como diferencial em relação a qualquer outro meio de comunicação o estreito vínculo com as comunidades locais, pode-se dizer que elas traduzem em realidade, no dia-a-dia de suas transmissões, um sonho de muitos comunicadores: promover a interatividade de fato entre quem produz a mensagem e quem a recebe. Ou seja, fazer com que o caro ouvinte tenha um papel ativo no processo da comunicação. (GHEDINI, 2009, p. 11).

Os aspectos estruturais que envolvem a constituição de uma rádio comunitária não dependem tão somente do fator humano, que é de extrema importância, mas também implica a necessidade de investimentos financeiros, pois há necessidade de espaço físico para acomodar a emissora e equipamentos de gravação e de áudio, além de antena e do transmissor FM (capacidade máxima de 25 watts) para que o sinal possa ser recebido e sintonizado nos domicílios da região. O trabalho para manter uma rádio comunitária em funcionamento demanda basicamente da cooperação de moradores, que acabam fazendo um trabalho praticamente sem remuneração, mais colaborativo e voluntário. Mas manter uma rádio comunitária também tem os seus custos mensais, e quando ela não conta com o amparo de associações ou entidades, acaba dependendo exclusivamente de doações, inclusive de estabelecimentos comerciais e de serviços da região. Além disso, é importante observar que as rádios comunitárias criam oportunidades profissionais para muita gente, especialmente para os jovens da comunidade. De fato, o processo de criação, instalação e manutenção de uma rádio comunitária exige um exercício permanente de democracia, sobretudo, pelo seu papel como agente da democratização da comunicação, pelo dinamismo com que trabalha e pela batalha diária que trava para continuar funcionando. (GHEDINI, 2009, p. 11).

1.9 RÁDIO NA ESCOLA

A descoberta do grande potencial das rádios comunitárias como ferramenta de educação no ambiente escolar mostrou que iniciativas simples, com boa vontade e muita criatividade, podiam revolucionar a escola com uma inovadora ferramenta pedagógica para enriquecer o instrumental disponível para os professores. Envolvendo materiais e recursos modestos, educadores e estudantes podem montar uma rádio apenas para o seu público interno, com funcionamento determinado de espaço e horário. Ou seja, sendo ouvida apenas nos corredores e no pátio e nos momentos de intervalos das aulas. Exemplos como esse, partindo de uma pequena sala, com equipamento de som, microfones e alto-falantes espalhados em suas mediações é que a rádio educativa ganha vida própria na escola. Tanto que experiências de comunicação radiofônica vêm sendo reproduzidas e adaptadas, conforme suas necessidades, em instituições escolares de várias regiões do Brasil. Com produção e apresentação dos próprios estudantes e professores, a prática da radioescola é uma das possibilidades de projetos de educomunicação, um modelo que procura utilizar novas linguagens para potencializar o ensino.

Em seu primeiro contato com a escola, a criança já domina o ato de falar e de se comunicar de forma verbal e não verbal. Esse ato é reconhecido e estimulado desde seus primeiros anos de vida no ambiente familiar com seus pais, parentes e também outras crianças, o que representa o domínio do código da linguagem oral. Se comunicar é um comportamento essencial, rotineiro e permanente, considerando que a comunicação vem na forma latina de *cum* e *communis*, de comum e comunitário, para que exista uma comunidade, então é preciso uma forma de integração que ocorre, entre outros níveis, no processo de comunicação, especialmente, na língua oral. Ao fazer parte de um grupo social, a comunicação oral implica uma função exteriorizadora, autoafirmativa, que permite a transmissão do discurso que a comunidade sustenta sobre si mesma, o que assegura sua continuidade. (REYZÁBAL, 1999, p. 22).

A comunicação oral é um aspecto que Zeneida Alves de Assumpção – uma das pioneiras no desenvolvimento de programas voltados para a utilização da rádio no ambiente escolar, com o Projeto Radioescola, criado em 1994 e implantado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (PR) – entende como um dos compromissos da escola.

Cabe então, a escola desenvolver habilidades da comunicação oral (fluência verbal), proporcionando aos educandos nas salas de aula, situações de questionamentos, perguntas, argumentações, discursos envolvendo realidades do núcleo familiar, escolar e da comunidade, explorando assim, a comunicação verbal e não-verbal da criança, preparando-a para o desenvolvimento e aprimoramento das competências e habilidades linguísticas. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 71).

O Projeto Radioescola foi desenvolvido, primeiramente, com três escolas da rede municipal de Curitiba e com a participação de centenas de alunos atuantes como produtores e ouvintes da programação radiofônica, estabelecida por programas de 15 minutos construídos pelos estudantes de terceira e quarta séries e veiculados semanalmente no período de intervalo das aulas. A gravação dos programas era realizada em estúdio do Centro Integral de Educação Bela Vista do Paraíso e transmitida às escolas transreceptoras por linhas de som permanente (LSP – maletas de transmissão) por meio de linha telefônica ou sistema cabeado. O som das maletas era amplificado e difundido para as caixas acústicas distribuídas nos espaços escolares, possibilitando a interatividade entre as escolas envolvidas no projeto. Com orientação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (PR), o programa funcionou como instrumento pedagógico interdisciplinar, com o uso de ferramentas de comunicação para o desenvolvimento das linguagens oral e escrita e o exercício de construção da cidadania dos estudantes envolvidos. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 17).

Nessa perspectiva, a presença da rádio no espaço escolar pode ser um instrumento desencadeador da oralidade e da produção escrita, desde que a escola contemple em seu projeto pedagógico a participação efetiva de alunos na rádio escolar, juntamente com a presença de professores. Assim, os alunos podem compreender as rotinas de produção radiofônica por meio da construção de programas, conhecendo e respeitando a linguagem e a técnica de produção do texto radiofônico, que tem como aspecto marcante o fato de ser um texto escrito para ser falado, dito, contado, ouvido e não para ser lido, o que requer competência e habilidade linguística. Valendo-se dos recursos da audição e da fala, a radioescola se caracteriza por uma linguagem de fácil assimilação pelo ouvinte. Por isso, o texto na rádio deve ser redigido previamente, seguindo estilo de comunicação oral.

Outra iniciativa importante, ao levar a produção e a linguagem radiofônica para o ambiente escolar, aconteceu no Ceará e envolveu diversos parceiros estratégicos para o seu desenvolvimento. O projeto-piloto de rádios comunitárias escolares teve início em 1997, com a participação da Associação das Rádios Comunitárias de Fortaleza (CE) – Arcos-Cepoca (sigla para Associação de Rádios Comunitárias e Centro de Produção em Comunicação Alternativa) –, entidade não governamental que reunia professores universitários, alunos e lideranças comunitárias, do poder público estadual e municipal, através da Secretaria do Estado da Educação e da Coordenadoria Municipal de Educação e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) – entidade que desenvolve ações para melhorar a vida de crianças, adolescentes e suas famílias em todo o mundo –, bem como de diretores e diretoras das escolas beneficiárias, professores e um número extenso de alunos que participavam das equipes de produção. (AMARANTE, 2012, p. 74).

As rádios comunitárias escolares começaram a funcionar em agosto de 1998, em quinze rádios comunitárias nas escolas públicas de 1º grau (ensino fundamental), sendo seis da rede municipal e nove da rede estadual, sob responsabilidade de suas respectivas secretarias. Foram instalados, nas escolas, receptores sonoros (caixinhas de som) colocados estrategicamente na entrada das salas de aula e alguns alto-falantes nos pátios das escolas, que ficavam conectados a um estúdio fechado, onde trabalhavam na produção da rádio os estudantes comunicadores. Cada estúdio recebeu o mesmo pacote de equipamentos, contendo um toca-fitas de duplo cassete, um amplificador, dois microfones, dois pedestais, um tocador de CDs, uma caixa de retorno e uma mesa de mixagem, cuja operação era feita pelos próprios alunos. (AMARANTE, 2012, p. 85).

O projeto de rádios comunitárias escolares do Ceará ganhou destaque por apresentar, entre outras propostas, elementos de dramaturgia na programação desenvolvida por professores e estudantes. Ao longo do tempo, dificuldades com a manutenção dos equipamentos, algo que não estava previsto no projeto, foi apontado pelas direções das escolas como um dos grandes problemas para a continuidade dos programas, pois a rádio era obrigada a sair do ar, prejudicando o acompanhamento da programação pelos alunos. De um modo geral, houve pouca diferença entre o funcionamento de uma e de outra rádio, dependendo do envolvimento dos alunos, apoio didático e local de instalação em cada escola. (AMARANTE, 2012, p. 88).

A experiência educativa cearense foi abordada no livro *Rádio Comunitária na Escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã*, de Maria Inês Amarante. Segundo a autora, o projeto-piloto de rádios comunitárias escolares tinha como objetivo a melhoria da qualidade da escola e os assuntos abordados na programação iam além do ambiente escolar.

De um modo geral, a programação oferecida era temática e variada, incluindo muita música, recados do coração, orações, informações sobre a escola; rádio-revista abordando assuntos variados e próximo da realidade dos alunos, como a sexualidade, as drogas, gravidez na adolescência, DST, AIDS ou ainda campanhas de prevenção, como a dengue, saúde, ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), preservação do meio ambiente, violência infantil e até o desemprego dos pais. (AMARANTE, 2012, p. 88).

Ao trabalhar com a rádio educativa como ferramenta complementar de ensino, abre-se um novo caminho de aprendizado, pelo uso das novas tecnologias da comunicação e informação e sua linguagem atrativa, estimulando sua organização e participação em grupos, além de reforçar a criatividade, a espontaneidade, a autoconfiança, o espírito crítico e capacidade de argumentação, abrindo horizontes e narrativas sobre relatos orais (informativos, envolvendo pesquisas, entrevistas, debates etc.), atividades radiofônicas de cultura geral e local, histórica, literatura e material extraído de conteúdos programáticos. Como atividade interdisciplinar, a construção de debates e entrevistas sobre temas diversos para serem produzidos pelos estudantes implica a aquisição de competências e habilidades, reflexão, pesquisa do tema, conhecimento do perfil dos debatedores e entrevistados, espírito de equipe, estrutura da entrevista, que podem ser realizadas durante esses encontros. Assim, a rádio pode levar o estudante a participar democraticamente do processo de ensino-aprendizagem e do exercício da cidadania. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 28).

1.10 RÁDIO COMUNITÁRIA NA INTERNET

Com o passar dos anos e o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, a rádio educativa, evidentemente, passou por transformações. Com o crescimento e popularização da internet, o modelo de transmissão sonora e de sintonia migrou naturalmente da recepção por antenas para os *hyperlinks* de *websites*. Um processo de renovação tão poderoso e transformador que possibilitou o surgimento de um novo tipo de emissora para trabalhar com uma programação exclusiva na internet e ampliou a capacidade de sinal de rádios comunitárias operando pela rede mundial de computadores para um sistema de captação além das fronteiras transnacionais.

O impacto social da internet, como uma rede global de computadores, integrando diversas outras redes locais, regionais e nacionais, constitui uma ferramenta tecnológica de grande potencial e longo alcance, no sentido de atrair as pessoas para si, oferecendo uma quantidade avassaladora de informação e atrativos de entretenimento e interatividade social.

O primeiro fato relevante da internet na história da radiodifusão comunitária do Brasil aconteceu em 1998, no qual a Rádio Favela transmitiu sua programação pela internet durante um período de 48 horas, utilizando uma conexão telefônica entre a sede da emissora e o estúdio montado no local em que acontecia o 3º Fórum 2000, no Sesc Venda Nova, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), evento que reunia os ativistas ligados ao movimento pela liberdade das rádios comunitárias mineiras para debates e discussões sobre o tema naquele momento. (GHEDINI, 2009, p. 89).

Sob a ótica da rádio comunitária, Fred Ghedini (2009, p. 89) ressalta:

[...] a internet tornou possível, ainda, que muitos dos cerca de 75 milhões de trabalhadores emigrantes existentes em todo o globo passassem a acompanhar a vida em suas comunidades de origem por meio *webcasting* (transmissão pela internet). Ao mesmo tempo, eles podem enviar informações, por e-mail ou por áudio, dos locais onde se encontram.

Para o pesquisador da área de comunicação, em especial do papel comunitário da rádio na internet, Bruce Girard (2004, p. 21-22), a tecnologia não é necessariamente uma barreira, mas a digitalização da transmissão radiofônica, fator que implica em novos equipamentos e custos para a migração do sinal analógico – que é o passo seguinte nos países após o processo de digitalização da televisão aberta – o que pode desencadear duas situações que podem causar preocupação. Na primeira, é preciso impedir que a transição tecnológica possa inviabilizar a continuidade das emissoras de alcance local. Na segunda, é necessário utilizar as

tecnologias de comunicação mais atuais, como a internet e a telefonia celular, de forma combinada com a tecnologia da rádio FM. A partir desse entendimento, é possível estabelecer um sistema para a ampliação do acesso à informação e de democratização para as comunidades. Como lembra Girard, apesar dos 90 anos da criação da primeira emissora de rádio, nas áreas rurais, a rádio ainda pode ser considerada o único meio de comunicação de massa existente, pois continua sendo o meio de comunicação mais disseminado, acessível, flexível e de baixo custo.

Para que as rádios comunitárias aproveitem a oportunidade que surge com a transmissão de suas programações pela internet e que suas mensagens cheguem ao seu público, promovendo assim suas comunidades, é importante que a tecnologia esteja disponível, de forma que possa ser utilizada e atendendo os interesses envolvidos em cada tipo de situação. O casamento das rádios comunitárias com a internet também pode alcançar resultados inesperados e pouco representativos, se esse entrosamento não se estabelecer pela popularização dos computadores e dos serviços de provedores de acesso. É certo que o caminho das novas ferramentas tecnológicas, assim com a internet, com o celular e com a união dessas duas tecnologias, pode abrir grandes oportunidades para o crescimento e a ampliação das rádios comunitárias e estimular uma aproximação de projetos para a educação.

CAPÍTULO 2

PARTICIPAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

2 PARTICIPAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

2.1 PRODUÇÃO EDUCATIVA

O estímulo para criação, manutenção e disseminação de uma programação educativa por atividades e práticas audiovisuais é uma prática pedagógica que se consolidou na esfera da educação. Com o advento da rádio e da televisão e sua proliferação na sociedade, presenciamos uma mudança de paradigma no processo de ensino com a utilização de novas ferramentas e soluções tecnológicas, que extravasaram a condição tradicional e clássica de uma educação em que apenas o professor, em sua figura física, até então, detinha as prerrogativas e as competências necessárias para realizar, efetivamente, um processo de aprendizado no estudante, por intermédio da transferência de conhecimento, da repetição e da continuidade de conteúdos e de comportamentos. Nesse contexto, em vez de cumprir seu papel emancipador, a sala de aula se apresentava como ambiente transmissivo e imitativo de informações. Uma situação que, vista sob a óptica desse cenário, dependia do ambiente escolar para acontecer, ou seja: escola e sala de aula. (DEMO, 2011, p. 85).

Tanto a rádio quanto a televisão têm demonstrado que o professor e o espaço escolar não precisam ser as únicas expressões para um processo de aprendizado, até mesmo porque, no cenário atual, conhecimento e informação estão disponíveis e acessíveis para quase todo o mundo, possibilitando a cada um fazer a sua leitura dos fatos e definir o seu entendimento sobre determinado assunto. Isso pode ser pensado como uma idiosincrasia, já que cada sujeito aprende as coisas de uma determinada maneira, pois o conhecimento é uma conquista, uma tomada de consciência, por isso, um processo individualizado e personalizado. Uma realização pessoal que depende de interesses e motivações intrínsecas para alcançar um determinado tipo de aprendizado.

O advento da internet e o seu desencadeamento mundial, assim como a rádio e a televisão, é mais um agente das novas tecnologias da comunicação com presença no sistema de ensino. A informática e as práticas educativas, por meio do computador com kits multimídia dotados de dispositivos CD/DVD (para mídias digitais), incorporando recursos de texto, fotos, vídeos, constituem um ambiente de ensino virtual e um modelo de aula extremamente refinado, especialmente sob o aspecto tecnológico. A internet, como uma rede mundial de computadores, colocou em conexão estudantes e curiosos pelos meandros do conhecimento de praticamente qualquer parte do planeta.

A internet oferece várias formas de se comunicar com outras pessoas. De um modo geral, todas são bastante fáceis de usar e gratuitas ou pouco dispendiosas. A distância física não é um fator. Falar com um vizinho ou com alguém em outro país ou continente funciona basicamente do mesmo jeito. (ERCILIA; GRAEFF, 2008, p. 57).

Pois bem, se no modelo de ensino tradicional os estudantes têm como sua maior função a de aprender pela memorização a partir daquilo que lhes foi transmitido em sala de aula, nesse modelo educacional com uso da tecnologia temos uma abordagem diferente e uma transformação da forma de aprendizado formal e informal, pela maior circularidade e difusão das informações, como ressalta Maria da Graça Setton (2010, p. 22). Evidentemente que a presença do professor em uma aula é uma fonte de informação de extrema relevância, mas com as novas tecnologias e ferramentas que foram surgindo no contexto educacional, o estudante também passou a dispor de um grande número de informações ao seu alcance e o professor deixou de ser apenas um detentor do saber para atuar como uma espécie de mediador do conhecimento. É claro que o domínio e o fato de professores e educadores saberem trabalhar com esse processo comunicativo é fundamental para a produção e disseminação de um conteúdo de qualidade nos aspectos técnico e educacional.

Com a utilização das novas tecnologias e ferramentas de comunicação, a noção de professor precisa ser revista em todos os aspectos da educação, desde a necessidade da familiarização e utilização das novas práticas e dos recursos tecnológicos nos variados estágios que compõem o processo de ensino. Para Pedro Demo (2011, p. 50), essa mudança profissional do papel do professor deve superar a figura limitada de um instrutor, e as instituições de ensino não devem se limitar a apenas dar aula. Diante da necessidade de uma nova postura do profissional de ensino, o sociólogo define o tipo de professor que se deseja em três importantes aspectos:

- a) em primeiro lugar, é *pesquisador*, nos sentidos relevados: capacidade de diálogo com a realidade, orientado a descobrir e a criar, elaborador da ciência, firme em teoria, método, empiria e prática;
- b) é, a seguir, *socializador* de conhecimentos, desde que tenha bagagem própria, despertando no aluno a mesma noção de pesquisa;
- c) é, por fim, quem, a partir de proposta de emancipação que concebe e realiza em si mesmo, torna-se capaz de *motivar o novo pesquisador* no aluno, evitando de todos os modos reduzi-lo a discípulo subalterno. (DEMO, 2011, p. 50, grifo do autor).

Com qualidade formal, criatividade e atualização constante, o professor moderno e atualizado, assumindo sua condição de pesquisador, socializador e motivador, pode ser capaz de desencadear nos estudantes um processo de ensino que, de fato, contribua para estimular

curiosidade científica e instrumental para ir além do apenas aprender. Um ponto que Demo (2011, p. 96) destaca pela motivação no estudante para uma consciência crítica e fundada na criatividade da decisão própria. Um processo de comunicação e a abertura de um diálogo que proporcione conhecer e desenvolver uma condição crítica, capacidade de escolher, saber conduzir os temas e assuntos relacionados à sua família, à sua comunidade, ao seu país e ao mundo em que vive. Uma sala de aula não vista somente como um ambiente em que estão professores e estudantes, mas sim agentes integrados de uma produção educativa, capaz de produzir e promover ações de educação, cidadania e responsabilidade social.

O desenvolvimento de nova visão no processo de ensino tem necessidade de apoio instrumental e de espaço para proporcionar uma produção dos alunos e professores em projetos e propostas que usem as técnicas de comunicação e conteúdo educativo. Servindo como laboratórios, oficinas e espaços, o ambiente escolar fornece as condições propícias para novas experiências de ensino, dando oportunidade para o desenvolvimento de atividades extracurriculares que oferecem condições para uma transformação no modo de ensino.

2.2 QUEM FAZ

Em uma relação direta de transferência de informação estão presentes as figuras do emissor e do receptor. Sob esse formato, o que acontece é uma sistemática de comunicação que reproduz o que é oferecido em profusão na sociedade moderna pelas mídias comerciais e práticas de *marketing* que pode ser notado em boa parte das programações de rádios, televisões, jornais, revistas e que também transbordam na internet. Agora, se considerarmos um processo que envolva educação e comunicação no espaço escolar de um formato totalmente colaborativo, em que professores e estudantes sejam participantes e agentes responsáveis por uma produção e desenvolvimento de uma proposta que associe atividades de ensino com práticas de comunicação, como rádio escola, podemos vislumbrar uma mudança comportamental e a formação de uma construtiva comunicação dialógica e bidirecional envolvendo educadores e educandos, que atuam ora como emissores, ora como receptores. Assim, o que temos, é uma nova relação escolar, com contribuições de professores e estudantes, que abandonam os papéis de meros agentes de informação para atuarem como protagonistas em um projeto de educação radiofônica, como relata Maria Inês Amarante (2012, p. 114) nos casos das rádios comunitárias escolares de Fortaleza (CE).

De fato, as TICs, as chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação, acabam sendo encaradas como uma espécie de novidade, um tanto temida e até mesmo

indesejada pela sua proposta de mudança e risco que pode oferecer para um modelo tradicional, que se sustenta pelo comodismo e pela limitação técnica de professores para com o modelo de ensino até então praticado nas escolas. Mas, sendo o professor o protagonista da prática educativa, é incompatível com sua função restringir e limitar sua atuação a tudo que se refere ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Na verdade, os meios de comunicação e as tecnologias da informação representam verdadeiro desafio para a cultura da escola, que pode aproveitar esse tipo de aporte tecnológico como uma brecha para modernizar e oferecer uma nova forma de atuação entre quem ensina e quem aprende. Pela sua fórmula atraente, os meios de comunicação, assim como o pertinente exemplo da radioescola, têm o poder de causar uma renovação e revolução no modo de ensino. Consequências de novas formas de comunicação, de circulação do saber e de constituição de novos âmbitos de socialização e participação popular que, na análise de Cicilia Peruzzo (1998, p. 283), expressam esse sentimento de compartilhamento do poder do grupo.

Diante desse desafio, a escola poderá intervir se assumir a técnica de mídia como um instrumento de transmissão de cultura para que faça parte também do cenário em que vive a sociedade em função do imediatismo das novas tecnologias. Isso poderia levar a escola a superar uma concepção instrumental dos meios e das tecnologias como exteriores à sua proposta de ensino, vindo apenas para modernização na transmissão do conhecimento. Assim, o que se tem é uma participação efetiva e com motivação de professores e estudantes para produzir algo novo, um contributo para o aprimoramento dos conteúdos trabalhados na escola e também experimentos e reflexões sobre temas que envolvam a cena escolar e a comunidade que a cerca. Um procedimento envolvendo professores e estudantes para o desenvolvimento de atividades práticas e que vão contribuir para melhorar as condições de interação, assim como a promoção dos conhecimentos e o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Pensando nos diferentes campos da aprendizagem, a família, a escola e o conhecimento que vai sendo adquirido durante o seu desenvolvimento na vida, o estudante vai construindo um repertório de saberes e habilidades que vão ajudá-lo a definir seu papel na sociedade. Algo pensado e defendido no início do século 20 pelo educador americano John Dewey (apud MANACORDA, 2004, p. 317) com o empirismo da pedagogia do *learning by doing*, ou seja, de uma prática democrática em que o estudante aprende fazendo e aproveita esse conhecimento da melhor forma em sua trajetória escolar. A radioescola, os laboratórios de ciências, as oficinas de artes e as experiências culturais são instrumentos necessários para a realização de atividades práticas, evidentemente, com apoio e suporte de professores com

perfil socializador e capazes de despertar nos estudantes a curiosidade pelo uso de novas práticas aplicadas de ensino e por uma série de atividades extracurriculares.

Outro detalhe histórico importante se deu nas primeiras programações educativas de alfabetização das escolas radiofônicas de Natal (RN), no final da década de 1950, em que locutores e atores profissionais atuavam como professores na apresentação e gravação dos cursos oferecidos pelo sistema das rádios nas escolas e associações rurais. Os temas discutidos nas aulas pela rádio eram produzidos por professores e devidamente roteirizados para a linguagem radiofônica. Um fato importante dessa experiência educativa pela rádio foi o surgimento da primeira professora, literalmente, a atuar como locutora. Esse reconhecimento coube à professora Carmem Fernandes Pedroza, da Emissora de Educação Rural, que recebeu treinamento em técnicas radiofônicas para transmitir em sua programação os cursos voltados para os trabalhadores do campo. (PAIVA, 2009, p. 51).

A utilização de ferramentas midiáticas na escola, como a rádio educativa, além de favorecer a organização dos alunos em grupos, esse tipo de atividade pode proporcionar melhorias em aspectos sensoriais e emocionais dos estudantes por intermédio da sua comunicação, em uma forma de linguagem lúdica e imagética, desencadeando narrativas sobre fatos orais (informativos, envolvendo pesquisas, entrevistas, debates), peças radiofônicas, contos e histórias dramatizadas, declamação de poemas e poesias (extraídos de conteúdos programáticos). A produção de debates e entrevistas sobre temas diversos também requer uma devida preparação do aluno e professor (como emissores de conteúdo), com pesquisa e reflexão sobre o tema para a construção da estrutura de condução de uma entrevista.

Na visão de Bauman (2013, p. 21), como transparece na obra *Sobre Educação e Juventude*, em que o sociólogo polonês aborda com veemência a necessidade de uma mudança de paradigma no processo de ensino no panorama atual e expõe questionamentos importantes sobre o papel do educador e o destino dos jovens nesse cenário. Ele apresenta uma associação bastante curiosa e pertinente sobre a atuação do professor com a relação do poder de destruição de mísseis militares usados em conflitos armados pelas grandes potências:

Os filósofos da educação da era sólido-moderna viam os professores como lançadores de mísseis balísticos, e os instruíam sobre como assegurar que seus produtos permanecessem estritamente no curso predeterminado pelo impulso do disparo inicial. E não admira. Os mísseis balísticos dos estágios iniciais da era moderna eram realizações de ponta da inventiva técnica humana. Serviam perfeitamente a quem desejasse conquistar e dominar o mundo tal como ele era. [...] Na verdade, porém, essa visão da tarefa do professor e do destino do aluno é muito mais velha que a ideia de “míssil balístico” e do que a era moderna, que o

inventou – como comprova um antigo provérbio chinês, que antecede em dois milênios o advento da modernidade, mas que ainda é citado pela Comissão das Comunidades Europeias, no limiar do século XXI, em apoio a seu projeto de “aprendizagem por toda a vida”: “Se queres colher em um ano, debes plantar cereais. Se queres colher em uma década, debes plantar árvores, mas se queres colher a vida inteira, debes educar e capacitar o ser humano.” Só no início da era líquido-moderna a antiga sabedoria perdeu seu valor pragmático, e as pessoas preocupadas com a aprendizagem e sua promoção, conhecidas pelo nome de “educação”, tiveram de mudar seu foco de atenção dos mísseis balísticos para os inteligentes.

Nesse contexto trazido por Bauman, em que há necessidade de se produzir algo novo praticamente a cada dia de nossa existência, sob o risco da obsolescência, de nos tornarmos ultrapassados e superados, o conhecimento emerge da necessidade de sempre se renovar, aprender e construir uma realidade diferente e uma perspectiva nova. Se o que vemos é um conhecimento rotulado de descartável, como um míssil, o primeiro comando expirou e o que prevalece é a segunda ordem. Para percorrer o seu caminho de aprendizado para alcançar o conhecimento, o estudante depende de uma ação inovadora do professor e da escola para assumir seu papel de agente do seu futuro, tornar-se emissor e trabalhar, assim, para virar o autor do seu próprio processo de aprendizagem e cidadania.

2.3 QUEM OUVI

Quando se pensa em uma instituição escolar que trabalha com práticas de comunicação no seu programa de ensino, como uma radioescola, o que temos na verdade são estudantes que, além de desenvolverem suas atividades de estudo seriado, atuam como emissores e receptores de uma programação radiofônica voltada para o seu ambiente e suas necessidades, no âmbito da escola e da sua comunidade. Nesse sentido, os estudantes viram agentes produtores de conteúdo e de informações que são levadas para os seus ouvintes, que também são seus colegas e professores. Nesse papel, os estudantes se prestam para o aperfeiçoamento de suas aptidões comunicacionais e técnicas radiofônicas, além da promoção de práticas educacionais e sociais. Uma questão de extrema importância nessa relação de estudantes atuando como produtores de conteúdo é o público que se deseja atingir. Nesse modelo voltado para o ambiente escolar, o que se percebe é que estudantes produzem um determinado tipo de informação que se presta e se destina aos interesses e necessidade dos próprios estudantes, ou seja, temos uma relação de estudantes que atuam como emissores e também receptores em um canal de informação que é a própria radioescola, funcionando como uma ferramenta de ensino para contribuir com o exercício da cidadania e com a

educação escolar de forma criativa e motivadora, fazendo com que estudantes interajam com a comunidade e situações próximas de seu cotidiano. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 51).

Diante de um ambiente repleto de multiplicidades e de singularidades, em que as distrações são muitas e acabam de um certo modo recebendo impulsos de sedução comercial e tecnológica de dispositivos atraentes, como computadores portáteis, *smartphones* (celulares de última geração) e *tablets*, o grande desafio é como fazer para atrair a atenção de receptores, eventualmente, dispersos e atraídos pelos comodismos atraentes de um mundo moderno com o poder hipnótico de superar o interesse pelo conhecimento oferecido pela escola. De fato, a produção de um determinado tipo de conteúdo que seja atraente é um fator essencialmente relevante para despertar a atenção sensorial de um ouvinte qualificado e que esteja necessariamente disposto para decodificar determinado tipo de informação para seu processamento e entendimento. A versatilidade, a agilidade, a abrangência e a capacidade efetiva de interação aliada ao potencial instigador e provocador de um texto essencialmente sonoro que devem provocar uma ação para reter a atenção e alimentar o imaginário no receptor. Levando em conta que os estudantes atuam tanto como emissores quanto receptores em uma radioescola, é importante manter um fluxo de informação e interatividade para que a programação radiofônica se mantenha como uma atividade regular e de interesse comum.

Pensando em estimular e criar condições favoráveis que levem um estudante a se interessar em receber um determinado tipo de informação que chega transmitida por uma radioescola, trazida diretamente por outro estudante, e não por um professor ou um funcionário da escola – mesmo que ainda tenha participação de professores, com seu conhecimento cultural e pedagógico, de modo que essa atividade seja pensada e realizada como um projeto extracurricular ou uma ação de comunicação –, é preciso conferir credibilidade para que a rádio possa funcionar como um instrumento discente. Tal reconhecimento vai possibilitar que haja um processo de identificação entre os estudantes emissores e receptores, valorizando e legitimando as informações que forem, assim, transmitidas, ao mesmo passo que despertem o interesse em conhecer novas práticas de comunicação, além de proporcionar um novo campo de atuação do estudante na escola, oferecendo-lhe novas responsabilidades, habilidades e competências, em termos de aprendizado de recursos técnicos e de socialização.

Há, portanto, determinados tipos de conhecimento e capacidades que predominam nos setores da comunicação e informação, como linguagem e técnica radiofônica, e que poderiam ser despertados nos estudantes, durante a realização do ciclo escolar, pois o conhecimento e o uso das mídias, em geral, exercem fascínio e encantamento. Algo que aparece na obra *Em*

Defesa da Sociedade, do pensador francês Michel Foucault (2000, p. 11), em seus trabalhos a partir dos estudos sobre a subjetividade, chamado de saberes sujeitados, é que determinados tipos de saber podem ser despertados nas pessoas, funcionando como uma espécie de conhecimento alternativo ou mesmo um contraponto dos saberes acadêmico, erudito e técnico, referindo-se à descoberta de um saber que não é resultado de um senso comum, mas que funciona como um saber local, regional, diferencial da unanimidade e do que é sabido, merecendo devido reconhecimento como registro válido e legítimo.

[...] conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. Concretamente, se preferirem, não foi certamente uma semiologia da vida em hospício, não foi tampouco uma sociologia da delinquência, mas sim o aparecimento de conteúdos históricos o que permitiu fazer, tanto do hospício quanto da prisão, a crítica efetiva. E pura e simplesmente porque apenas os conteúdos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente mascarar. Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer aparecer pelos meios, é claro, da erudição. (FOUCAULT, 2000, p. 11).

Em um mundo capitaneado pela comunicação instantânea, as relações que podem ser estabelecidas por estudantes emissores e estudantes receptores em radioescolas podem representar um novo campo de possibilidades para o desenvolvimento e promoção de práticas de comunicação no espaço escolar, permitindo que cada estudante, devidamente posicionado, no seu respectivo papel, possa ter estimulada sua compreensão e participação sobre os aspectos políticos da educação e do seu papel na sociedade, tornando-se, assim, um cidadão capaz de agir além das cercanias geográficas da escola para que possa considerar possibilidades e limites de forma dinâmica e reflexiva, assim como interagir de maneira crítica e racional na sociedade. A radioescola proporciona ao estudante um olhar amplo sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e o cumprimento de seus direitos e deveres, configurando o desenvolvimento do senso crítico e o exercício da cidadania. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 15).

2.4 COMUNICAÇÃO PARA EDUCAÇÃO PLURALISTA E DEMOCRÁTICA

Ao trabalhar com a rádio no ambiente escolar, o educando tende a desenvolver maior comunicação com os colegas, com os professores, com os funcionários e estreitar os laços com a sua comunidade. Nesse sentido, a comunicação acontece porque há interação entre os agentes que atuam como emissor e receptor. Para se comunicar e interagir, o aluno que está

ouvindo a rádio na escola precisa prestar atenção no que o colega está transmitindo. O que ele está falando, o que está dizendo, o que está contando por intermédio da escrita de um texto produzido pelos estudantes fazendo uso da linguagem radiofônica.

Ao se ver diante de uma proposta de ensino que envolve recursos midiáticos e tecnológicos no seu desenvolvimento como um projeto pedagógico, a dimensão das ciências humanas – da qual fazem parte os grandes campos da Educação e da Comunicação – vislumbra uma realidade diferente e uma nova experiência para se trabalhar com os estudantes nas questões relacionadas às disciplinas que fazem parte do currículo tradicional das escolas e instituições de ensino, assim como outros assuntos que são externos ao ambiente escolar. As ferramentas de comunicação, como na prática da rádio na escola, têm potencial para desencadear processos de percepção e interpretação de temas e aspectos micro e macros que fazem parte das rotinas do estudante, desde o andamento do seu ciclo de aprendizado e aquisição de conhecimentos, até a instrumentalização de técnicas e realização de procedimentos que fazem parte de seu cotidiano.

Como um campo de atividades práticas e sociais, a utilização da rádio no ambiente escolar se apresenta como uma ferramenta de caráter interdisciplinar, associando cultura, educação e cidadania, ao passo que oferece um determinado nível de autonomia em relação aos conteúdos e às temáticas tradicionais tanto na esfera da educação quanto no âmbito da própria comunicação, constituindo assim uma nova forma de abordagem para a linguagem e a realização de atividades práticas que é capaz de oferecer um novo despertar para a curiosidade dos conteúdos nos estudantes diante de um currículo escolar que faz parte do seu caminho de aprendizado e formação, contribuindo para um processo de conscientização, fundamentado na interdisciplinaridade, visando ao pleno exercício de cidadania na sociedade em que vive e no mundo do qual faz parte. (AMARANTE, 2012, p. 66).

A rádio na escola, como ferramenta pedagógica, é um mecanismo de desenvolvimento social, tratando não somente das questões que envolvem os conteúdos disciplinares, mas também das relações interpessoais entre estudantes entre si, entre estudantes e membros do corpo docente, entre estudantes e a comunidade escolar e sua própria comunidade e entre os estudantes e suas reflexões sobre a realidade sócio-político-econômica da sociedade para que possam adotar uma noção crítica sobre essa realidade. A incorporação de atividades radiofônicas no planejamento escolar significa introduzir uma outra linguagem, outro modo de pensar e perceber as coisas, e isso acontece em um espaço em que as atividades se apoiam na comunicação escrita e não escrita. Essa questão aparece assinalada por Marciel Consani (2012, p. 29), como um padrão para o nosso relacionamento com o mundo, ressaltando o texto

como canal prioritário para trabalhar com educação e a comunicação sonora como um novo modo para se organizar as ideias.

Como uma ferramenta complementar do programa de ensino, mesmo que se destine também ao lazer e ao entretenimento em determinados momentos, o emprego da rádio em sala de aula deve considerar as possibilidades e os limites que existem no espaço escolar para que possa assegurar o acesso do conhecimento de forma dinâmica e reflexiva a todos que buscam novas formas para dinamizar o processo educacional. Se o professor atua como protagonista ou mediador no desenvolvimento das atividades radiofônicas na escola para sua prática educativa, nessa função ele deve se preocupar com as questões de estilo e formato no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem. Assim, pode-se pensar na dicotomia entre teoria e prática na sala de aula e fazer uma prática docente inovadora com o suporte e uso das mídias. O apoio por parte dos professores é fundamental para se fazer uma radioescola, pois, de forma conjunta com os estudantes, eles ajudam a idealizar uma programação variada, com alternância de músicas, informações e mensagens, de modo que a escola possa participar e auxiliar na produção dos programas. (AMARANTE, 2012, p. 114).

Em seu papel de professor para conduzir e estimular o processo de ensino por intermédio de práticas democráticas e libertadoras na educação, Paulo Freire reforça esse compromisso docente em uma relação aberta e de interação com os estudantes. Um gesto de solidariedade para não reduzir e obscurecer a participação do estudante e um trunfo para estimular o diálogo e o entendimento sobre a condução das atividades que envolvem os novos projetos pedagógicos.

O educador, num processo de conscientização (ou não), como homem, tem o direito a suas opções. O que não tem é o direito de impô-las. Se tenta fazê-lo estará prescrevendo suas opções aos demais; ao prescrevê-las, estará manipulando; ao manipular, estará “coisificando” e ao coisificar, estabelecerá uma relação de “domesticação” que pode, inclusive, ser disfarçada sob roupagens em tudo aparentemente inofensivas. (FREIRE, 1967, p. 53).

Um caminho anunciado por Freire como um presságio tão desejado em seus tratados dialógicos, como a necessidade da criação de uma pedagogia da comunicação. Aspectos que o educador abordou ao questionar a necessidade de se investir no campo da educação para a promoção de uma condição de ingenuidade em criticidade, um movimento nos estudantes para proporcionar a mudança de uma concepção ingênua para uma concepção racional. Tal situação gnosiológica poderia tornar possível um mundo de cidadãos instruídos tecnologicamente e mais conscientes do seu papel na sociedade. Com um toque de

humanidade e uma boa articulação para a inserção das novas mídias no contexto de uma educação mais participativa e colaborativa, a radioescola e outras ferramentas de comunicação e informação no espaço escolar têm condições de proporcionar tais vantagens e qualidades ao professor e a esse ambiente por meio do estreitamento das relações da escola com a sua comunidade.

2.5 QUALIDADE DE CONTEÚDO

No contexto histórico das práticas educativas, a rádio educativa contribuiu com significativas realizações no âmbito da educação, destacando ações importantes no sentido de estabelecer e promover em seu público receptor, que pode ser diverso ou especificado, um compromisso com a cultura e a construção da cidadania. De fato, quando bem conduzido e utilizado para fins educativos, a rádio pode se mostrar como um recurso midiático eficiente e democrático. Para contabilizar os resultados da rádio no campo da educação e sua contribuição na escola, no sentido do processo de estimular a aquisição do conhecimento e assimilar novas práticas educativas, basta que se criem as oportunidades e condições para que os educadores e estudantes possam desenvolver as funções primordiais e essenciais de funcionamento de uma radioescola, que requer, pelo menos, uma sala para servir de estúdio, equipamento de som com microfones e alto-falantes e o envolvimento propositivo de estudantes e professores. O fato é que a experiência da rádio, assim como as demais mídias eletrônicas que proliferam pelo mundo, consegue ser mais atraente, sedutor e rápido do que a própria dinâmica escolar.

O desencadeamento de um trabalho com ferramentas midiáticas no espaço escolar também precisa ser ponderado, considerando que os meios de comunicação têm grande capacidade de modificar e interferir nas rotinas discentes e docentes, requerendo, da escola, um novo olhar sobre a educação de modo que possa atualizar e remanejar suas ações sempre que houver necessidade. A rádio também se destaca por possuir características peculiares e abrangentes, entre as quais vale elencar a imediatez, já que a interação é rápida e possibilita um acompanhamento instantâneo de acontecimentos e a horizontalidade, à medida que seu alcance é abrangente e democrático, contrariando determinados pressupostos de verticalidade no processo de ensino em instituições de ensino mais tradicionais e de caráter memorista.

Dessa forma, a utilização da rádio no meio escolar, além de tornar mais atrativa e dinâmica a aula, assim como proporcionar uma melhora significativa nas relações de aluno e professor, possibilita maior interação e sentimento de cumplicidade, no que diz respeito à

troca de experiências e à discussão dos conteúdos a serem abordados em sua programação. Os assuntos e temas a serem tratados na experiência radiofônica no espaço da escola podem ser os mais variados possíveis, envolvendo a instituição escolar, desde as disciplinas, música, teatro, saúde, cultura e tudo mais que engloba a realidade e até o universo imaginário de estudantes e professores com participação ativa no programa. Como instrumento interdisciplinar nas relações empreendidas entre professores e estudantes, uma programação radiofônica precisa estar engajada nas práticas da educação para que funcione como um processo de socialização da escola, tratando de seus aspectos de atualidade e importância social. Um princípio para levantar o interesse nos estudantes para trabalhar com comunicação na escola e voltado para a prática comunitária, como foi trabalhado no projeto das rádios comunitárias escolares de Fortaleza (CE), que se distinguiu também por trabalhar com dramaturgia na sua programação, inclusive com muitos adolescentes que passaram a escrever histórias, roteiros reais ou ficcionais ou adaptações de obras literárias para que fossem contadas em radiodramas. (AMARANTE, 2012, p. 89).

Do ponto de vista de uma educação mais atraente, o célebre historiador Eric Hobsbawm (2013, p. 51), no livro *Tempos Fraturados: Cultura e Sociedade no Século XX*, defende a necessidade de um programa educacional viável e universal como fator determinante em uma sociedade assolada por experiências fragmentadoras da realidade e que são habilmente regidas e orquestradas, com extrema habilidade, pela batuta de um maestro que, na verdade, é a própria expressão do capitalismo voltado para uma sociedade de consumo.

[...] na era pós-industrial da informação, a escola – quer dizer, a instrução secundária, universitária e mais além – é mais decisiva do que nunca, e forma, tanto nacional como internacionalmente, um elemento unificador, não apenas na tecnologia, como também na formação de classes. No mercado sem fronteiras da internet, subculturas de grupos específicos, mesmo dos menores, podem formar uma cena cultural e um meio que a ninguém mais interesse – digamos, a título de exemplo, neonazistas transexuais ou admiradores islâmicos de Caspar David Friedrich –, mas um sistema educacional que decide quem na sociedade alcançará riqueza e poder civil não pode ser determinado por piadas pós-modernas. O que se faz necessário é um programa educacional viável, destinado à comunidade de jovens educáveis, não apenas dentro de um país ou um círculo cultural, mas no mundo inteiro. Isso vai garantir, ao menos dentro de uma área particular de culturas intelectuais, certo universalismo, tanto de informação como de valores culturais, uma espécie de estoque básico de coisas que uma “pessoa instruída” deve saber. (HOBSBAWM, 2013, p. 51).

Se, ao longo dos anos, a rádio acabou se afastando da educação, é importante trabalhar para sua retomada no cenário atual, já que se trata de uma mídia que pode ser considerada tão

necessária quanto útil, e capaz de oferecer contribuições tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na relação entre estudantes e professores. A comunicação, como processo de interação humana, pode ser considerada como o alicerce do processo educativo. O que representa nas relações entre educador e educando, em sala de aula, uma ação dialógica e horizontal, no sentido de que quando um fala, o outro responde e a conversa transcorre de forma natural e interativa. A comunicação se torna, de fato, mediadora do diálogo, do conhecimento e da cultura. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 25).

2.6 MULTIDISCIPLINARIDADE

Devidamente constituído no espaço escolar, a rádio se apresenta como inovação, possibilitando o acesso a um saber elaborado, com potencial para promover melhorias na construção da produção escrita, facilitar e aprimorar competências e habilidades para o desenvolvimento na comunicação oral e na comunicação escrita. Mas para que esse tipo de situação possa ser viabilizado é imprescindível que os estudantes tenham acesso aos meios de comunicação e que participem, efetivamente, da programação radiofônica na escola, atuando simultaneamente como emissores e receptores. Em seu papel de coordenação, mediação e orientação, os professores podem aproveitar o processo de produção da rádio no espaço escolar não somente para desenvolver nos estudantes uma melhora na utilização da linguagem oral e escrita e preparação para o exercício da cidadania, mas para aproveitar o estímulo que surge para relacionar os conteúdos que fazem parte do currículo escolar em atividades radiofônicas que podem contemplar assuntos diversificados, resgatando a memória e a cultura da comunidade, tratando de ecologia, lazer e campanhas educativas, como de saúde e trânsito. Nessa perspectiva, conforme Zeneida Assumpção (2008, p. 62), a radioescola pode contribuir com o ensino-aprendizagem e interatividade entre professores, estudantes e escolas, além de favorecer também “[...] o trabalho interdisciplinar e multidisciplinar com visão mais integradora, promovendo aproximações entre mídia, escola e comunidade”.

A rádio e as outras formas midiáticas podem funcionar como importante ferramenta interdisciplinar nas relações comunicativas no ambiente escolar, que podem ser entendidas entre professores e professores, professores e estudantes e estudantes e estudantes, no sentido de trabalhar uma programação radiofônica engajada na educação como um processo de socialização da escola, tratando da discussão de aspectos da atualidade e importância social. As iniciativas de experiências radiofônicas nas escolas se valem muito da intencionalidade, da criatividade e do improviso para conseguirem sair do plano das ideias no papel e entrar em

operação. Sem contar, muitas vezes, com apoio de recursos governamentais, estudantes, professores e direção de escolas somam esforços para conseguir os recursos necessários para esse tipo de atividade por intermédio de doações da própria comunidade e a realização de quermesses e eventos comemorativos com essa finalidade. A iniciativa, por si só, já vale pelo seu poder agremiador no ambiente escolar e por promover maior aproximação da comunidade com a escola e que essa apropriação deixe claro que a escola pertence à comunidade e, assim, faz parte de seus problemas e soluções.

Devidamente estruturada, a rádio escolar pode cumprir seu papel comunitário com uma programação definida por estudantes e professores da melhor forma possível para funcionar de acordo com as necessidades de conteúdos e horários da própria escola. A experiência radiofônica pode favorecer o trabalho escolar com uma visão mais integradora, promovendo aproximações que vão além da relação estudante e professor, incluindo nesse processo escola e comunidade no seu entorno. Dessa forma, a radioescola consegue cumprir boa parte de sua responsabilidade social no sentido de resgatar aspectos importantes da memória e da cultura da comunidade da qual os estudantes fazem parte; proporcionar a discussão de temas envolvendo educação ambiental, artes, esportes, lazer; oferecer aos estudantes envolvidos o contato com modalidades da comunicação social e favorecer a incorporação de conhecimentos relativos aos meios de comunicação de massa.

Em sua programação, a radioescola pode ser a mídia a abordar os assuntos e os acontecimentos que fazem parte do cotidiano da escola, como reuniões pedagógicas, notícias do grêmio estudantil, informações de interesse educacional como políticas de governo, situação da escola, feriados, avisos de trabalhos acadêmicos e outros comunicados. Programas especiais com enfoques musicais e culturais também são importantes, até mesmo para a apresentação de talentos e artistas da própria escola, sendo estimulados por estudantes, professores e demais funcionários. As pessoas que fazem parte da escola e da própria comunidade podem ser convidadas para participar de apresentações e conceder entrevistas aos estudantes e professores. Para Maria Inês Amarante (2012, p. 119), que estudou o projeto-piloto de rádios comunitárias escolares de Fortaleza (CE), de um modo geral, os professores acreditavam que a radioescola trazia benefícios para a comunidade porque os estudantes falavam nela e levavam a mensagem que circulava na escola para casa.

Ao dinamizar as relações, a comunicação abriu espaço para o desenvolvimento de outros projetos e atividades culturais propostas, como a dança, o teatro, a poesia, a literatura e as diversas parcerias havidas com vários setores e meios de comunicação, gerando novas formas de participação.

Essa dinâmica atraiu mais a comunidade, despertando alunos de outras instituições para atividades educativas pela rádio. As escolas do projeto-piloto passaram a ser mais requisitadas nos eventos culturais da cidade, ganhando representatividade e servindo como referência. (AMARANTE, 2012, p. 119).

Nas experiências das radioescolas, abordadas por Zeneida Alves de Assumpção (2008, p. 55), no livro *A Rádio no Espaço Escolar: para falar e escrever melhor*, ela cita o caso emblemático da Rádio Visão, da Escola Técnica Estadual Professor João Barcelos Martins, na cidade de Campos (RJ), em 1987, em que o trabalho de produção era dividido entre estudantes e professores, os quais faziam uma programação variada, de linha comunitária e voltada para as necessidades do ambiente escolar e da comunidade no seu entorno. As tarefas dos estudantes que faziam parte da produção e colaboravam nas atividades da rádio escolar incluíam pesquisas, entrevistas, escrever, editar e transmitir os programas radiofônicos, com a participação de um professor envolvido no projeto com o objetivo de esclarecer e orientar os estudantes na construção e transmissão dos programas. O papel de orientação dos professores aparecia especialmente na correção textual, concordância verbal e na revisão de notícias que podiam ser consideradas erradas, confusas ou com dupla interpretação.

Com uma integração mais intensa no ambiente escolar, com estudantes e professores mais atuantes, e uma relação de aproximação das famílias e da comunidade para com a escola, em função das atividades radiofônicas, pode haver espaço para que surja uma via alternativa para aquilo que o pensador francês Gilles Deleuze (2010, p. 224) denota no livro *Conversações* a respeito de ameaças e riscos que se fazem presentes em uma estrutura denominada de “sociedade de controle”, tendo como foco os modelos de confinamento da sociedade, como acontece na escola conservadora atrelada ao professor autoritário. Nesse modelo patético fica exacerbada as relações norteadas pelo interesse pelas cifras e bens materiais, de modo a ocupar as pessoas para que elas não exerçam sua plena liberdade e continuem simplesmente fazendo o jogo que os controladores propõem.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um “interior”, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.

[...] Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações as sujeições. (DELEUZE, 2010, p. 224).

Uma proposta pedagógica baseada em práticas das tecnologias de comunicação – como é o caso da radioescola, que desde sua constituição teve um papel importante nos cenários da educação e da cultura, da política e da sociedade – tem condições de oferecer uma perspectiva diferente para estimular os professores a trabalhar mais em equipe e com maior participação dos estudantes em atividades para promover a racionalidade e o exercício pleno da cidadania. A dialogicidade da radioescola como instrumento de educação pode ser vista como um novo caminho para ajudar a despertar nos jovens uma nova via de pensamento, capaz de permitir o discernimento e a compreensão para fugir do discurso subliminar de mensagens de controle que contribuem para a manutenção de uma sociedade regrada e ordenada.

2.7 AÇÃO EXTRACURRICULAR

Características como imediatez, simultaneidade, instantaneidade e ubiquidade refletem algumas das classificações que podem ser atribuídas à rádio em seu processo de comunicação. Entretanto, a transmissão radiofônica também se destaca pelo caráter didático, pois a programação radiofônica se presta, e muito bem, a explicação de conceitos, exposição de problemas e soluções, análise dos fatos e debates de toda ordem. A criação de um texto para ser lido no seu processo de transmissão reflete uma informação capaz de atrair o interesse pelo sentido da audição, justamente pela ausência de imagem e por trabalhar, ao mesmo tempo, com concepções que envolvem aspectos tanto do imaginário quanto da realidade, confrontando situações e permitindo que elas sejam devidamente assimiladas e interpretadas pelo ouvinte no papel de receptor. O que se atribui a esse processo é uma forma de comunicação coletiva acessível e dinâmica.

No que tange ao seu encantamento, como ferramenta tecnológica em favor da educação, a rádio não pode ser pensada e vista tão somente como uma ingênua prática de lazer ou mero complemento para as atividades de sala de aula, em que os conteúdos curriculares são lecionados pelos professores. Diante de sua abrangência e potencialidade na esfera escolar, é importante que os estudantes tirem o máximo proveito desse instrumento que se apresenta como uma verdadeira alavanca para a promoção do seu protagonismo por meio das experiências na escola com as novas tecnologias de informação e comunicação. Aspecto que pôde ser observado por Maria Inês Amarante (2012, p.110), no projeto das rádios comunitárias escolares de Fortaleza (CE), com estudantes que, a partir da atuação radiofônica, passaram a ter uma participação de mais destaque na escola, tanto que ex-alunos mesmo após

terem deixado a escola, ainda continuavam colaborando com a radioescola e se uniram para formar o grupo “amigos da escola”. Esse tipo de relação em defesa da programação também se estendeu às escolas vizinhas e junto a grupos de jovens do bairro.

Assumindo a rádio escolar e todas as responsabilidades para conduzir seu processo produtivo e operacional, os estudantes atribuem para si um espaço de atuação e interação no interior do ambiente da escola, como algo que efetivamente reflete suas personalidades, expressões culturais e traços de sua comunidade e que não precisam estar necessariamente vinculados às atividades relacionadas e aos conteúdos abordados na sala de aula. O fato é que uma sala preparada e estruturada na escola para funcionar como estúdio de uma rádio desperta a atenção nos estudantes para a prática da comunicação, e esse sentimento de apoderação, de fazer parte, contribuir, participar de sua produção, representa um engajamento e interesse em desenvolver esse tipo de atividade no espaço escolar. Uma manifestação que parte de um tratado espontâneo entre estudantes e professores, revelando o potencial da programação radiofônica como um instrumento de caráter político e pedagógico.

Devidamente articulada na base escolar, assim como nas práticas de esportes, a radioescola proporciona mais uma oportunidade para o desenvolvimento de trabalho em equipe, envolvendo planejamento e organização do conteúdo, pesquisa de assuntos diversos, construção coletiva de um código de ética, debate em grupo, formação e domínio de conhecimentos tecnológicos e da linguagem radiofônica, articulação pedagógica e maior participação e interação no espaço escolar, inclusive, no relacionamento com a direção – elementos importantes e desejáveis para o desenvolvimento de uma rádio.

O potencial de projetos de comunicação e educação no ambiente escolar e suas possibilidades de ramificações e desencadeamentos, como um processo socializante nos diferentes níveis de relações entre estudantes, professores e sua comunidade, despertou uma ação política no governo federal, que criou o programa “Mais Educação”, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), do Ministério da Educação (MEC). Com o programa, objetiva-se ampliar a jornada escolar e organização curricular, na perspectiva da educação integral, predominantemente, para o ensino fundamental, englobando, entre outros, aspectos da inclusão digital e práticas chamadas de educomunicação, por envolverem atividades relacionados aos campos da educação e comunicação no ambiente escolar. A expressão educomunicação ainda pode ser considerada relativamente recente no Brasil, mas o termo foi cunhado no início da década de 1970, pelo educador, radialista e escritor argentino Mario Kaplún, falecido em 1998, que viveu muitos anos no Uruguai e que foi amigo e parceiro do educador brasileiro Paulo Freire.

Em termos gerais, o programa do governo federal sugere nas escolas, conforme informações da cartilha *Mais Educação Passo a Passo*³, a aplicação de práticas de educação e comunicação com o objetivo de atender estudantes que estão em condições de vulnerabilidade social e estudantes de série em que há maior índice de evasão e/ou repetência. O objetivo é aumentar a oferta educativa, a jornada escolar e a diminuição das desigualdades educacionais nas escolas públicas, por meio de atividades que foram organizadas em campos como Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica.

As práticas desenvolvidas nos campos epistemológicos da Educação e Comunicação e práticas educomunicativas envolvem atividades de jornal escolar, radioescola, histórias em quadrinhos, fotografia e vídeo. De acordo com números de 2013, divulgados no *site* do Ministério da Educação⁴, o programa “Mais Educação” já atendeu 49.426 escolas em todo o país e um total de cerca de 6 milhões de estudantes.

Diante de uma concepção de educação moderna e vinculada à prática de atividades que enfocam aspectos de educação e comunicação, seguindo uma proposta de percepção do conhecimento, envolvendo, assim, estímulos de aprendizagem, linguagem, raciocínio, memória, percepção e pensamento, o que se espera de um projeto midiático na escola é que ele possa proporcionar aos estudantes as condições necessárias para uma tomada de consciência e racionalidade, em relação ao projeto de educação e comunicação que desenvolvem. A partir daí é possível esperar que os estudantes também façam reflexões e indagações do seu papel na escola, além de estarem ali para estudar e aprender. Com muita astúcia, na obra *Diferença e Repetição*, Gilles Deleuze apresenta uma análise bastante pertinente do que significa saber e aprender no Oitavo postulado: o resultado do saber.

Sem dúvida, reconhece-se frequentemente a importância e a dignidade de aprender. Mas é como uma homenagem às condições empíricas do Saber: vê-se nobreza neste movimento preparatório, que, todavia, deve desaparecer no resultado. E mesmo se insistimos na especificidade de aprender e no tempo implicado na aprendizagem, é para apaziguar os escrúpulos de uma consciência psicológica que, certamente, não se permite disputar com o saber o direito inato de representar todo o transcendental. Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa

³ Publicação de 32 páginas, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), departamento vinculado ao Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=8202&Itemid=>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20144>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber como inatismo, elemento a priori ou mesmo Ideia reguladora. E, finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado – o saber – para dele extrair os princípios transcendentais. (DELEUZE, 1988, p. 160).

Assim como a conjugação de saber e aprender, o projeto de educação e comunicação no ambiente escolar, devidamente articulado com estudantes e professores, se apresenta como nova fórmula para promover um encantamento no processo de ensino. Ao passo que as ferramentas tecnológicas estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, não faz sentido abdicar de suas vantagens, queira no convívio social, queira no ambiente escolar. A motivação para incorporar projetos de educação e comunicação na escola pode ser encarada como um degrau para modernizar o sistema de ensino com uma abordagem diferente da que pode ser encontrada na sala, oferecendo ao estudante a possibilidade de produzir conteúdo e ser emissor e receptor, amplificando seu repertório e capacidade de comunicação.

2.8 RUMOS DA LINGUAGEM

Nos tempos atuais, de uma vida conturbada e assombrada por uma nova onda tecnológica, a humanidade depende bastante de sua habilidade mais essencial e primordial para se fazer entender e poder se expressar, usando para isso sua capacidade de oralidade. O caso dos bebês é bem emblemático e explicativo, nesse sentido. Ao nascer, anunciam em alto e bom som que também fazem parte deste mundo. Depois, esse choro se transforma em comunicação para avisar de suas necessidades fisiológicas, outros sentimentos e outras emoções diante de um mundo que se abre para si. A consequência natural desse processo na criança é aprender a falar espontaneamente, evidentemente, com uma intensa motivação, um pouco de persuasão e a singela ajuda dos pais, parentes e amigos, reproduzindo uma significativa parcela daquilo que consegue ouvir e processar como um conjunto de sons levados pelo ar até seu canal auditivo, bastante sensível e, assim, repetindo essa ação. Essa é uma significativa representação do poder da oralidade nas relações humanas.

O resgate da dimensão oral da comunicação pela rádio, resguardando a hegemonia do texto, cria um ambiente propício para o improvisado e a criação em tempo real. Mas o que acontece é que, em sua forma tradicional, a oralidade entre as pessoas acontece espontaneamente, sem qualquer constrangimento com a cultura erudita; enquanto que a

oralidade radiofônica faz uso da linguagem coloquial, mas adota as regras de expressão com compromisso com as normas cultas.

As rádios tradicionais (assim como boa parcela dos demais meios de comunicação de massa) operam no sentido de manter o cidadão numa postura passiva de receptor, em termos de interação. Se, de algum modo, acontece uma participação ou uma interferência do receptor, ela é consideravelmente pequena e controlada pelo emissor em um processo de comunicação verticalizada e unidirecional, resguardando as famigeradas práticas de *marketing* e de consumo. Mas não se trata de uma regra determinante e há vários casos que mostram que, quando há interesse, intenção e disposição do ouvinte, principalmente nos estabelecimentos de ensino, é possível, sim, mudar sua condição de mero receptor, recebendo e processando informação, para um produtor de conteúdo ou, de algum modo, alguém que pode participar e fazer parte daquela programação.

Ao pensar os processos e modelos de projetos de educação e comunicação, as rádios educativas e comunitárias, ideologicamente concebidas para atuarem interativamente em suas áreas de recepção, têm a capacidade de provocar um tipo de ruptura no atual modelo de comunicação, guiando o receptor à condição de um interlocutor nesse processo. Ao considerar a programação de uma escola radiofônica, seja ela de ensino fundamental, ensino médio, técnico ou profissionalizante, o que pode ser construído nesse processo é uma mudança de perspectiva no paradigma tradicional de ensino, promovendo o estudante, de uma situação de mero espectador e receptor para o nível de emissor, tornando-se autor e produtor de um conjunto de atividades que passam a fazer parte do seu processo de aprendizagem e de promoção da cidadania. O estudante na condição de receptor e emissor, como autor de uma mensagem nova em termos de técnica de produção e de conteúdo, é também autor de uma nova proposta de linguagem, uma linguagem de cunho comunitário e caráter social, com uma intenção de produzir um impacto diferente daquele que seria esperado pelo modelo tradicional na condição do receptor.

As dimensões da linguagem e as variações nos processos de comunicação em grupos sociais similares representam algumas das principais situações abordadas no contexto das práticas comunicativas nas diferentes sociedades, até mesmo como parâmetro de desenvolvimento e determinação hegemônica. No que diz respeito a um programa de educação radiofônica, que se estrutura em sua oralidade, se a linguagem é alterada de um determinado modo, o produto resultante (nesse caso, a programação em si) é alterado e a recepção também sofre modificações. Tal mudança pode não apresentar juízo de valor como algo bom ou mau, se está certo ou se está errado, mas traz a qualidade de algo novo que

subverte a linguagem tradicional dos gêneros de programas radiofônicos tradicionais ou educativos. Deleuze oferece uma contribuição interessante em relação aos aspectos da linguagem e sua abordagem no campo das ideias e no processo de aprendizado.

Os problemas e suas simbólicas estão em relação com os signos. São os signos que "dão problema" e que se desenvolvem num campo simbólico. O uso paradoxal das faculdades e, primeiramente, o da sensibilidade no signo remete, pois, às Ideias que percorrem todas as faculdades e, por sua vez, as despertam. Inversamente, a Ideia remete ao uso paradoxal de cada faculdade e oferece o sentido à linguagem. Dá na mesma explorar a Ideia e elevar cada uma das faculdades a seu exercício transcendente. São estes os dois aspectos de um aprender, de uma aprendizagem. Com efeito, de um lado, o aprendiz é aquele que constitui e inventa problemas práticos ou especulativos como tais. Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (Ideia), ao passo que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções. (DELEUZE, 1988, p. 158).

Para a efetivação de um projeto de educação e comunicação viável e proveitoso, tanto para discentes quanto para docentes, e também para a própria comunidade à qual a instituição de ensino pertença, a programação deve trabalhar em função de uma linguagem radiofônica que propicie alto grau de identificação para quem faz e para quem ouve, e que seja capaz de oferecer soluções a certos desafios e conflitos que se fazem presentes em tantas escolas. Também é importante que esse tipo de projeto atue para ampliar as possibilidades de práticas multidisciplinares e interdisciplinares na ação de ensino, reduzir a desconfiança pedagógica em relação aos conteúdos, resolver contradições nos estudantes, funcionar como meio de expressão, além de promover um processo de comunicação plena e estimular o protagonismo de seus autores. A linguagem radiofônica reflete o cotidiano do emissor e do receptor, como Paulo Freire salienta em relação ao código como a representação de uma situação existencial em que o decodificador tende a passar da representação a uma situação concreta na qual vive e trabalha. A partir do uso das novas tecnologias da comunicação, o educador pode encontrar os subsídios para que os estudantes naveguem em um mundo cada vez mais multifacetado.

CAPÍTULO 3

A WEB RÁDIO ESCOLA

3 A WEB RÁDIO ESCOLA

3.1 A EXPERIÊNCIA DO PARANÁ

Na primeira parte deste estudo, foi possível acompanhar alguns aspectos importantes e significativos da trajetória histórica da rádio no Brasil, desde as primeiras incursões, sua exploração como mídia, sua relação com a educação, sua vocação comunitária como agente de representação e participação popular. Além disso, também foram abordadas as mudanças na transmissão radiofônica, como o novo paradigma na recepção da mídia sonora aproveitando todo o potencial da internet. Na segunda parte, foi aberto espaço para debater as perspectivas do uso da rádio na educação, em torno das questões da linguagem, tipos de mensagem, aspectos de emissor e receptor, codificação, noções de cultura, sociedade moderna e globalização. Dito isso, enfim, é chegado efetivamente o momento de explorar as potencialidades da rádio educativa pela internet como instrumento de educação e ferramenta comunitária, assim como seus principais fundamentos.

Tomando como referência o serviço educativo da Web Rádio Escola, oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), hospedado no Portal Educacional do Estado do Paraná – Dia a Dia Educação –, depois do necessário resgate de tantas experiências desenvolvidas no campo educacional pelo Brasil, incluindo as radioescolas, de perfil comunitário, desenvolvidas em regime de improviso, mas cheias de expectativas, assim como os projetos das rádios educativas capitaneadas por entidades governamentais e, em certos casos, com o suporte de grandes instituições nacionais e internacionais, é possível perceber que se cria as condições para um novo momento para a produção radiofônica educativa, fazendo uso das novas tecnologias de comunicação, considerando como um marco referencial para isso a internet como meio de transmissão e de recepção de sua programação.

Como um recurso tecnológico da indústria cultural, a rádio, assim como a televisão, o cinema e a mídia impressa, está envolta em um intenso processo de transformação, renovação e revolução tecnológica decorrente dos novos modelos estabelecidos no progresso técnico das telecomunicações e informática, cujo resultado é praticamente a digitalização de todos os dispositivos técnicos presentes nas esferas do convívio social, no trabalho e em casa.

Apoiado na dimensão dada a esse fenômeno de transformação social e cultural pelo sociólogo e filósofo alemão Walter Benjamin, célebre integrante da chamada Escola de Frankfurt, em relação à reprodutibilidade técnica, um conceito que trata da metáfora da máquina e o processo industrial de mecanização como processos modernos passaram a

permitir que uma obra, até então pensada e idealizada por seu criador, pudesse ser reproduzida e difundida no âmbito geral. Sobre os aspectos imaculados e inerentes da aura, com as questões de autenticidade e originalidade, a reprodutibilidade técnica, ao passo que rompe sua condição de singularidade, também revela seu caráter positivo pelo fato de disponibilizar, por meio do emprego da tecnologia, aquilo que se pode considerar como uma democratização da obra de arte para atingir o maior número de pessoas. No livro *Obras Escolhidas I*, com vários textos do autor, é possível encontrar toda a grandeza dessa perspectiva em relação a aspectos da técnica e tecnologia, como desvenda o seguinte trecho:

[...] enquanto o autêntico preserva toda a sua autoridade com relação à reprodução manual, em geral considerada uma falsificação, o mesmo não ocorre no que diz respeito à reprodução técnica, e isso por duas razões. Em primeiro lugar, relativamente ao original, a reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. Ela pode por exemplo, pela fotografia, acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva – ajustável e capaz de selecionar arbitrariamente o seu ângulo de observação –, mas não acessíveis ao olhar humano. Ela pode, também, graças aos procedimentos como ampliação ou câmera lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural. Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma de fotografia, seja do disco. A catedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador; o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto. Mesmo que essas novas circunstâncias deixem intato o conteúdo da obra de arte, elas desvalorizam, de qualquer modo, o seu aqui e agora. Embora esse fenômeno não seja exclusivo da obra de arte, podendo ocorrer, por exemplo, numa paisagem, que aparece num filme aos olhos do espectador, ele afeta a obra de arte em um núcleo especialmente sensível que não existe num objeto da natureza: sua autenticidade. (BENJAMIN, 1987a, p. 166-167).

A noção amadurecida de Benjamin, concebida ainda na primeira metade do século 20, também encontra ressonância como parte do modo de assimilação do mundo globalizado e a proliferação das novas tecnologias, sob a ótica das observações e constatações de Eric Hobsbawm (2013), em relação aos avanços tecnológicos e seus impactos na sociedade, bem como os efeitos e desencadeamentos na cultura e no modo de se pensar a educação. Uma realidade presente em que a internet oferece uma agenda mais atraente que certos espaços culturais e educacionais, além de preencher o tempo e executar várias funções na vida do estudante.

Graças à tecnologia e à inventividade, agora qualquer criança com um computador pode baixar uma quantidade ilimitada de música gravada sem pagar um centavo. Uma vez mais a internet se tornou um acréscimo, e um substituto, para outras atividades culturais; pesquisas sugerem que o leitor comum passa mais tempo on-line do que com livros e periódicos. Eu não diria que esses problemas não podem ser resolvidos, nem quero provocar apreensão. Simplesmente registro que os avanços na era cibernética são demasiado rápidos, espetaculares e imprevisíveis em comparação com velhas formas estabelecidas de buscar financiamento cultural. (HOBSBAWM, 2013, p. 79).

Levando em conta os avanços tecnológicos e o surgimento das novas mídias, com sua capacidade de transmitir e retransmitir conteúdo, como acontece com a rádio, e as possibilidades trazidas pela internet que permitem acessar e reproduzir determinadas informações em diferentes localidades e de acordo com a vontade de quem está conectado, a migração da transmissão radiofônica por ondas hertzianas (eletromagnéticas) para a transmissão via *streaming* (fluxo de mídia na internet) é uma solução cada vez mais utilizada, tanto por rádios tradicionais, das frequências AM e FM, quanto por rádios novas, criadas especialmente para desenvolver a sua programação no ambiente virtual. O exemplo da operação radiofônica que vem do Paraná, com a Web Rádio Escola, aproveita a estrutura tecnológica de informática constituída no Estado para usar a internet como novo canal para uma rádio educativa e alcançar a rede estadual de ensino com sua programação.

Em termos estruturais, incluindo condições físicas e equipamentos, para a implantação da Web Rádio Escola, foi determinante o fato de já haver no Paraná uma estrutura consolidada de informática e tecnologia para as escolas que fazem parte da rede estadual de ensino, trazida pela Celepar (Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná), que atua como centro de processamento de dados do Estado, além de já possuir uma televisão com transmissão pela internet, chamada de TV Paulo Freire. Como relata a professora Elizabete dos Santos, responsável pela Diretoria de Tecnologia Educacional (Ditec), departamento vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, e que implementou a Rádio Web Escola, em um período entre o final de 2009 e início de 2010, desde o seu planejamento e gravações dos primeiros programas até a rádio educativa pela internet, efetivamente, entrar no ar com sua programação pelo portal de educação da SEED.

Em entrevista colhida para esta pesquisa, a professora Elizabete dos Santos⁵ destaca que os projetos de tecnologia da educação, incluindo a Web Rádio Escola e outros nesse sentido, foram alavancados em função de um grande programa de investimento chamado de Paraná Digital, que tinha como objetivo primordial levar novos recursos tecnológicos para as escolas estaduais do Paraná. Em virtude desse programa, foi criada toda infraestrutura de recepção, de conexão, de internet, de laboratórios de informática, inclusive com a parceria do MEC (Ministério da Educação) e a utilização de recursos do próprio Estado.

A gente tinha uma estrutura de televisão para produzir e tinha a estrutura necessária de informática para que a gente pudesse ter o recurso para fazer a transmissão e a

⁵ Responsável pela Diretoria de Tecnologia Educacional (Ditec), departamento vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná que implantou a Rádio Web Escola, em entrevista concedida por telefone para esta pesquisa em 12 de junho de 2014.

estrutura ficava nessa companhia paranaense de informática, onde tínhamos servidores, enfim, toda a estrutura necessária.

[...] É claro que um programa desses previu também investimento em capacitação para a produção em que nós tivemos a estrutura centralizada de televisão, de portal e de rádio. Houve um processo de investimento, mas dentro do montante de um programa desse tamanho o investimento para formação para produção acabou ficando pequeno, se você comparar esses custos para a equipe ele ficava muito diluído nesse investimento maior.

[...] A gente está falando de um projeto de investimento no Paraná que foi de US\$ 130 milhões que foi a parte da infraestrutura e da conexão. Então se você pensasse num programa desse vulto justificar e tirar uma parcela, que eles chamavam componente, tanto para formação na ponta, para o uso como na formação, para a produção, acabava sendo muito pequeno. Ainda mais se você ainda compara a produção de rádio com a produção de tevê.

[...] todo esse processo que a gente fez com a rádio, a gente fez com a tevê, e com a tevê o custo é bem mais alto porque é muito mais caro produzir para a tevê do que para a rádio. E mesmo na produção, a rádio é mais simples. A produção em televisão é mais demorada, mais trabalhosa. A rádio foi feita com qualidade técnica, com cuidado, mas ela acaba sendo mais fácil de produzir. A equipe é menor, é um processo mais fácil para a gente se apropriar. (cf. Apêndice).

Diante de um quadro em que a sociedade moderna está cada vez mais conectada, integrada, globalizada, regida por uma onda de renovação tecnológica e variada oferta cultural nos mais variados níveis de conhecimento e utilidade, a proliferação das novas tecnologias de comunicação, com expressivo destaque para um processo de popularização das mídias, o estrondoso crescimento de acesso à internet parece se consolidar como um movimento que impulsiona diversas atividades de informação, socialização e educação. Algo vislumbrado para o futuro pelo jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin, que cunhou em 1925 a expressão “noosfera” (do grego *noos*, em referência à mente), para nomear uma teia de informação e conhecimento que estaria para surgir, em função da evolução do pensamento humano. (ERCÍLIA; GRAEFF, 2008, p. 78).

3.2 DESAFIOS DA RÁDIO NA INTERNET

Usar a internet para enviar e receber *e-mails*, conversar usando mensagens instantâneas, participar de comunidades em redes sociais, fazer pesquisas de informações variadas sobre pessoas, empresas, países distantes, são apenas alguns exemplos de atividades comuns e que já fazem parte do cotidiano de grande parte da população do globo que dispõe de alguma maneira de uma conexão para acessar a rede mundial. De fato, os impactos da internet podem ser sentidos em praticamente todas as áreas, seja no trabalho, no lazer, na forma como as pessoas se relacionam socialmente e, evidentemente, na educação.

Algo que poderia ser evidenciado como uma espécie de pedagogia da percepção, aspecto marcante e identificado na visão de Deleuze (2010, p. 95) em relação ao processo de desenvolvimento e modernização do cinema, na sua relação de imagem, palavras, sons, músicas, substituindo uma enciclopédia do mundo esfacelada em uma experiência sensorial ao analisar o olho e o ouvido de modo a evitar uma restrição à linguagem ou para cumprir um formalismo linguístico. Uma condição para preservar o caráter sério da crítica no cinema, na sua forma de pensamento, triunfante e coletivo, assim como foi um evento revolucionário e transformador para uma sociedade em transformação e capaz de ler a imagem.

Como modelos de veículos tradicionais de comunicação de massa, rádio, televisão, jornais e revistas são formatos de mídias que envolvem e movimentam custos significativos de implementação e de infraestrutura para que seja feita uma correta e eficiente distribuição das informações. O impacto do fator econômico acaba reduzindo e limitando a quantidade de empresas que podem se aventurar em projetos que utilizam as formas mais convencionais de mídias. Por sua vez, a internet proporciona um modelo de fluxo de informações que não envolve um grande, ou representativo, aporte de recursos materiais para o desenvolvimento de um projeto na rede mundial de computadores.

Aproveitando as características vantajosas para sua criação e desenvolvimento, por já dispor de uma estrutura de informática estabelecida previamente, e ao mesmo tempo fazendo uma leitura de todo o potencial como uma poderosa ferramenta de comunicação, em termos da abrangência e alcance, sobretudo no campo da educação, a experiência desenvolvida no Paraná para a Web Rádio Escola representou um incremento e aditivo importante ao pacote de serviços eletrônicos que é oferecido no portal Dia a Dia Educação. O portal de educação funciona como uma ferramenta tecnológica integrada ao *site* institucional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Lançado em 2004 e reestruturado em 2011, essa ferramenta tem o intuito de disponibilizar serviços, informações, recursos didáticos e de apoio para toda a comunidade escolar, dispondo de quatro ambientes específicos para atender as necessidades de interesses dos diferentes públicos que acessam os canais específicos de conteúdo, que aparecem divididos nas áreas principais – alunos, educadores, gestão escolar e comunidade –, oferecendo conteúdos específicos para cada determinado tipo de público: professores, alunos, pedagogos e diretores, pais e responsáveis.

No portal Dia a Dia Educação, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, os diferentes ambientes aparecem relacionados em quatro tópicos da seguinte forma:

- a) Alunos – ambiente destinado, especialmente, aos estudantes da rede estadual de ensino do Paraná, onde estão disponíveis diversos recursos de pesquisa, espaços para interação e colaboração;
- b) Educadores – ambiente destinado, especialmente, aos professores e educadores da rede estadual de ensino do Paraná, onde estão disponíveis as diretrizes curriculares, informações sobre formação continuada, programas e projetos, diversos recursos didáticos para o trabalho em sala de aula, sistemas de consulta relacionados à ficha funcional dos profissionais. Também tem materiais relacionados aos níveis e modalidades de ensino e pesquisa na área educacional;
- c) Gestão escolar – ambiente destinado aos diretores, secretários, funcionários, equipes pedagógicas das escolas, técnicos dos NREs (os núcleos regionais de educação) e dos CRTes (que integram a Coordenação Regional de Tecnologia na Educação);
- d) Comunidade – ambiente destinado à comunidade em geral, pais de estudantes, comerciantes, idosos, agentes de saúde, professores, onde os cidadãos encontram informações sobre formação, programas sociais estaduais e federais e programas e projetos educacionais, além de vários serviços de utilidade pública.

Ainda em relação a arranjos burocráticos e de tramitação na esfera governamental, que envolveram a criação da Web Rádio Escola, a professora Elizabete dos Santos, em comunicação eletrônica por *e-mail*⁶, esclarece que, com o desenvolvimento do portal Dia a Dia Educação, da TV Paulo Freire, e a necessidade de oferecer novos recursos e serviços informativos, havia um certo tipo de entendimento sobre a necessidade de implantação de uma rádio educativa na internet. Diante de quadro bastante favorável em torno do tema, criou-se um conjunto de condições bastante favoráveis para a viabilização e implantação do projeto, seguindo as linhas de um planejamento que foi proposto na época. Segue transcrição do *e-mail*:

Na época fizemos apenas uma proposta apresentando os objetivos, uma proposta de grade de programação, definimos os formatos e os departamentos e setores envolvidos, a necessidade de equipe, de adequação do espaço físico e de equipamentos. A proposta foi discutida com a equipe de Multimeios e com alguns professores dos departamentos da SEED. Os técnicos da Rádio Educativa também deram sugestões. Não foi discutida com os alunos, nem diretamente nas escolas. Apresentamos a proposta para a Secretária [de educação] e uma vez aprovada organizamos o espaço físico para a rádio, selecionamos a equipe, começamos a

⁶ Mensagem via e-mail da professora Elizabete dos Santos, coordenadora de Multimeios, em resposta à professora Eguimara Selma Branco e encaminhada como resposta a esta pesquisa, em 22 de novembro de 2013.

produzir os programas e junto com a Celepar abrimos o link para a rádio no Portal. Antes da Rádio começar a funcionar (já tínhamos gravado alguns programas) e então houve mudança de gestão e não acompanhei mais o processo de implantação. No período que estava envolvida, não teve edital, deliberação ou publicação no diário oficial. Por não ser uma concessão de rádio aberta não precisava ser autorizada pelos trâmites da comunicação. (Elizabete dos Santos, 22 nov. 2013).

Apesar da certa facilidade para o processo de criação da Web Rádio Escola, pelo menos naquele momento, na esfera de decisão política, a professora Elizabete dos Santos (cf. Apêndice) informa que o projeto enfrentou um pouco de dificuldade em relação ao aspecto cultural e histórico de parte do corpo de professores do Paraná, em função de um histórico de rejeição quanto ao uso de tecnologias em sala de aula, sobretudo, “[...] por causa do trabalho mal feito por algumas instituições com a educação a distância”. Esse tipo de efeito negativo e resistência em relação ao uso de recursos tecnológicos na escola foram sendo superados à medida que os professores tinham mais contato com as ferramentas e tinham a partir daí uma melhor compreensão do seu potencial de uso, “[...] com a diversificação da linguagem para abordagem do conteúdo, na possibilidade do dinamismo e na questão dos recursos que os meios tecnológicos possibilitam” (cf. Apêndice).

3.3 COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO

O movimento para o somatório de esforços no campo social, envolvendo escola e rádio, envolve diversas frentes na esfera da educação e depende também do envolvimento e participação de personagens com representação da comunidade. A produção de uma rádio comunitária ou mesmo dentro do modelo tradicional, com sintonia em AM e FM, ou de transmissão pela internet, ganha destaque por cumprir seu papel social e oferecer uma contribuição para a educação, de forma a atingir crianças, jovens e adultos com uma mensagem e linguagem capaz de alcançar de forma contundente e eficiente o seu público-alvo. Uma convergência dos campos da educação e da comunicação, prática reconhecida atualmente como educomunicação, e que se baseia na constituição de uma relação de compromisso de ações educativas fazendo uso de diferentes ferramentas e técnicas dos meios de comunicação. Um novo tipo de aparato metodológico e um novo campo emergente que mescla as principais virtudes da educação e comunicação que, para Fred Ghedini (2009, p. 93), “[...] procura utilizar novas linguagens para potencializar o ensino fundamental e médio de jovens”. Ainda na observação de Ghedini, os primeiros exercícios dessa prática são recentes, começando no país em 2001.

Como estamos vivendo uma época imersa de plena conectividade pela internet, em que o seu acesso acontece em computadores domésticos, portáteis, *tablets* e em dispositivos portáteis que até cabem no bolso, como é o caso dos celulares *smartphones*, o que pode ser observado é o frequente uso de ferramentas que estão em praticamente todos os campos da sociedade, incluindo aí os ambientes de educação, e que podem se transformar em instrumentos de grande potencial para as práticas de ensino e aprendizagem. Em virtude do surgimento de computadores cada vez mais compactos, da internet, de leitores de mídias DVD, mp3, mp4, de conexão por redes sem fio e outras tecnologias na sociedade e, conseqüentemente, na escola, aparece a necessidade de uma adaptação, ao mesmo tempo em que o aparato tecnológico oferece para educadores a possibilidade de enriquecimento da prática pedagógica e de desenvolvimento intelectual dos estudantes. Por outro lado, a utilização das novas tecnologias em sala de aula produz dúvidas e incertezas para os processos de ensinar e aprender. Assim, é desafiador para os professores selecionar quais ferramentas tecnológicas, como e por quais razões usá-las.

Na busca de um melhor aproveitamento da relação dos campos educação e comunicação, a utilização da linguagem radiofônica como ferramenta pedagógica para enriquecer o portfólio instrumental à disposição dos professores da rede estadual de ensino do Paraná aparece como uma das grandes bandeiras do projeto da Web Rádio Escola, como conta a professora Elizabete dos Santos, que implementou e gerenciou esse e outros projetos na área de tecnologia da educação da Secretaria de Estado da Educação, entre 2005 e 2010, período em que atuou como diretora da Ditec, ao salientar:

[...] na época o que gente pensava era instrumentalizar os serviços para fazer eles chegarem, prioritariamente, ao professor e por meio dele os conteúdos chegarem ao aluno. Isso tinha vários motivos de ordem de concepção de metodologia educacional que colocava o professor como um papel de destaque no processo de mediação com o recurso tecnológico e não a tecnologia fazendo a mediação sozinha do conteúdo. Isso era uma concepção de metodologia que a gente defendia na época. Era o professor, então, o nosso foco, sempre indiretamente chegando ao aluno. Às vezes, em muitos momentos, a linguagem do produto era direcionada ao aluno, mas o produto chegava pela mão do professor. Isso era um foco do nosso trabalho em função dessa concepção metodológica que estava presente na Secretaria de Educação como um todo, da importância do processo de mediação do professor. [...] penso que o tempo vai passando e você precisa ir revendo as posições, mas naquele momento era isso o que a gente pensava. [...] Existia também uma resistência muito grande por parte do professor para usar qualquer tecnologia. Sempre com aquele medo que a tecnologia vai ocupar o lugar do professor. Aquela coisa do imaginário, que na época era mais forte do que agora. Então a gente também tinha esse cuidado de deixar bem claro a importância e o protagonismo do professor no uso dos diversos meios tecnológicos. Essa era uma questão que na época tomávamos muito cuidado. (cf. Apêndice).

Ao fazer uso das novas tecnologias, os campos da educação e da comunicação constituem, sem dúvida, seus dois grandes eixos epistemológicos no sentido de um avanço para um novo modelo de educação. Mas não basta simplesmente a instalação de equipamentos midiáticos considerando que o modelo pedagógico da escola pode ser atrasado e focalizado no professor. A partir dessa questão, a professora e pesquisadora de comunicação, Angela Schaun (2002), se posiciona para o reconhecimento do estudante como figura singular e sujeito social e o processo de comunicação como recurso de socialização com os outros. “O reconhecimento do outro enquanto diferente e singular é dado pelo processo de socialização, em que a comunicação é fenômeno estruturado de reconhecimento do indivíduo e a educação é responsável pelo processo formal e não-formal de construção do sujeito social.” (SCHAUN, 2002, p. 41)

Para Maria da Graça Setton (2010, p. 103), o papel do professor em relação ao processo de ensino não pode mais ser visto apenas como o de difusor dos conhecimentos, pois é preciso considerar que os professores também aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto os seus saberes disciplinares quanto suas competências pedagógicas e direção mais promissora no domínio educativo.

A competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor se torna um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão em seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens; do incitamento à troca de saberes, à mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. A proposta é um aprendizado contínuo. (SETTON, 2010, p. 103).

Em relação ao uso das novas tecnologias como ferramentas na prática do ensino, a pesquisadora nas áreas de sociologia, comunicação e ciências da educação, Maria Luiza Belloni (2009, p.27), acredita no redimensionamento do papel do professor, papel esse que tende a ser cada vez mais mediatizado como produtor de mensagens inscritas em meios tecnológicos, destinadas a estudantes a distância, e como usuário ativo e crítico e mediador entre estes meios e os alunos.

As TIC (novas tecnologias de informação e comunicação) ao mesmo tempo que trazem grandes potencialidades de criação de novas formas mais performáticas de mediatização, acrescentam muita complexidade ao processo de mediatização do ensino/aprendizagem, pois há grandes dificuldades na apropriação destas tecnologias no campo educacional e em sua “domesticação” para utilização pedagógica. Suas características essenciais – simulação, virtualidade, acessibilidade a superabundância e extrema diversidade de informações – são totalmente novas e demandam concepções metodológicas muito diferentes

daquelas metodologias tradicionais de ensino, baseadas num discurso científico linear, cartesiano e positivista. Sua utilização com fins educativos exige mudanças radicais nos modos de compreender o ensino e a didática. (BELLONI, 2009, p. 27).

3.4 PRODUTORES DE EDUCAÇÃO

No período de implantação da rádio pela internet no Paraná, as atividades pedagógicas e de produção da rádio pela internet ficavam a cargo do departamento de Multimeios, uma das coordenações que compõem a Diretoria de Tecnologia Educacional (Ditec) e constituída por professores e técnicos administrativos do quadro da SEED, sendo a área responsável pelo desenvolvimento, produção, pesquisa e distribuição de recursos pedagógicos, tais como impressos (artes gráficas), imagens estáticas (fotografia e ilustração) e/ou em movimento (animação), páginas de internet (*web design*), para serem aplicados em mídia impressa, multimídia, Web Rádio Escola, TV Paulo Freire, portal Dia a dia Educação, abordando conteúdos educacionais, para que o professor possa utilizá-los em sala de aula. O departamento de Multimeios tem sua equipe constituída, essencialmente, de professores que integram os quadros da rede pública de ensino do Estado, como ressalta Elizabete dos Santos, em entrevista concedida para esta pesquisa.

No período de constituição, tanto do portal educacional, como da televisão, a equipe de Multimeios foi buscada na rede de ensino do Paraná de cerca de 100 mil profissionais e a gente abriu um processo de chamada para professores com experiência na área de produção, de produção de tecnologia, de comunicação e informação. Os profissionais que tinham experiência e que demonstraram interesse em trabalhar conosco saíram da sala de aula e constituíram um grupo de trabalho e durante uns dois, três anos, principalmente no início, esse projeto começou no final de 2005 e mais fortemente em 2006.

[...] trabalhamos fortemente com formação para esse grupo também. Para além daquela experiência inicial que eles tinham na área de produção, tanto em comunicação como informação. Promovemos cursos e essa equipe acabou se qualificando para esse trabalho. Então, quando falo de técnicos de áudio, produtores, locutores, estou me referindo a professores que vieram para o projeto por terem um certo conhecimento e interesse na área e que receberam cursos de pequena duração e formação técnica dentro da secretaria para que eles pudessem atuar. (cf. Apêndice).

A formação pedagógica e a preparação técnica para o desenvolvimento de atividades relacionadas à comunicação para a pesquisa, produção e transmissão de conteúdos para a programação da Web Rádio Escola transformaram professores da rede pública de ensino em produtores de conteúdos educacionais. No entanto, ainda na fase inicial da rádio, foi preciso fazer consultorias e contratar serviços terceirizados para que fossem realizadas determinadas tarefas mais técnicas e mais específicas do campo da comunicação.

A professora Elizabete dos Santos esclarece que havia a necessidade de produzir um material de concepção e de características que contribuísse para uma perfeita identificação e reconhecimento do projeto da rádio e de sua programação específica como uma rádio educativa. Para atender essas necessidades mais específicas, como o desenvolvimento e gravação de vinhetas de aberturas dos programas, peças que, segundo a professora, ajudariam na formação e construção de uma identidade para a rádio, foi contratada a consultoria técnica de uma produtora de áudio local para ajudar com a criação das vinhetas para os programas. “Como professores, a gente tinha um pouco de dificuldade para fazer a sonorização das vinhetas. Então a gente fez no início uma terceirização de alguns serviços para criar a identidade da rádio.” (cf. Apêndice).

As chamadas consultorias técnicas para o desenvolvimento de material de áudio para criar a identidade da Web Rádio Escola foram viabilizadas como parte do projeto Paraná Digital, em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vinculado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Foram colocados para trabalhar lado a lado, técnicos de produção e professores, uma integração que também permitiu uma expansão dos conhecimentos, por parte dos professores, na área técnica. Um aprendizado e aperfeiçoamento de aptidões na área de comunicação que contribuíram, especialmente, para a montagem e edição de programas radiofônicos. Como salienta a professora Elizabete dos Santos (cf. Apêndice), “[...] esses professores se tornaram multiplicadores para outros que foram entrando, e essa forma de fazer produção para educação, usando recursos tecnológicos, permanece até hoje”.

Assim como a proposição da Escola Nova, ou Escolanovismo, movimento coordenado por Fernando de Azevedo e outros educadores no Brasil, que prioriza o estudante e enaltece o papel da educação como processo social, propondo uma educação moderna e o rompimento de instituições tradicionais superadas e escolas memoristas, ao mesmo tempo que valoriza o trabalho do professor como mediador e agente de estímulo para o aprendizado a partir de um ensino voltado para a pesquisa e para a prática pedagógica, tratando a educação como a construção do conhecimento que acontece e que é compartilhado. Nesse sentido, o entendimento e a aplicação dos meios tecnológicos pelos professores em sala de aula é um elemento importante no processo de ensino e de mediação com os estudantes. Como salienta Luiza Belloni (2009, p. 27), em seus estudos das relações da educação com a mídia, o professor está diante de um novo cenário escolar e de uma sociedade que se vê dependente de apetrechos e aparatos tecnológicos; por isso pondera a respeito da possibilidade de muitos

educadores ainda serem os mesmos de antes, mas destaca que, certamente, seus alunos já não são os mesmos e têm uma relação diferente com a escola.

3.5 PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Embora exista um longo trajeto histórico em torno do potencial educativo da rádio, em sua forma mais recente quanto à sua utilização pela internet, até poderia ser considerada uma dificuldade inicial, mas o acesso a esse tipo de tecnologia vem sendo cada mais frequente para práticas de comunicação, especialmente para envio e recebimento de correio eletrônico e mensagens instantâneas, por exemplo. O uso progressivo desses e de outros recursos disponíveis na rede mundial de computadores acaba criando um cenário de familiarização e um maior entendimento para lidar com as suas ferramentas e assimilar melhor os meandros das novas formas de comunicação.

Esse tipo de esforço em vários setores para acompanhar o passo de evolução das novas tecnologias, sobretudo na área da educação, tem o reconhecimento de Maria Luiza Belloni (2009, p. xi), ao salientar que, apesar das mudanças sociais, tecnológicas e políticas ocorridas na primeira década do século 21, ainda não se pode observar avanços significativos no Brasil no que diz respeito à mídia-educação e os principais obstáculos para o seu desenvolvimento continuam presentes. Por outro lado, isso não significa que não exista uma multiplicidade de experiências singulares inovadoras e importantes, mas elas são fruto do trabalho incansável de professores, comunicadores, militantes sociais, educadores, acima de tudo, que se desdobram nessa jornada em prol da educação, que “[...] em nível oficial dos sistemas de ensino, tanto na escola básica quanto no ensino superior, especialmente na formação de professores, a mídia-educação continua sendo ignorada e ausente nos seus programas” (BELLONI, 2009, p. xi).

As condições propícias para o desenvolvimento de práticas educativas envolvendo atividades radiofônicas voltadas para o ambiente escolar também são decorrentes dos esforços de ONGs (organizações não governamentais), que nas décadas de 1990-2000 marcaram, no Brasil e em todo o mundo, a consolidação dos movimentos sociais organizados, que muitas vezes assumiram a forma de associações sem fins lucrativos. Em determinada medida, essas associações acabaram assumindo as funções previstas para o Estado, tais como a complementação da educação básica e a democratização das práticas comunicativas. Nas palavras do educador, músico e pesquisador, Marciel Consani (2012, p. 35), “[...] o capítulo

atual da radioeducação no Brasil não pode ser entendido sem a participação das organizações não governamentais (ONGs)”.

Mas isso não quer dizer que, nesse meio tempo, a rede escolar pública e privada também não esteve atenta à possibilidade proporcionada pela inserção das práticas comunicativas na educação, além das práticas desempenhadas pelo terceiro setor – denominação criada para diferenciar as ONGs das atividades do primeiro setor (o Estado) e do segundo, representado pela iniciativa privada. Consani (2012, p. 36) ressalta ainda que um elo a mais também foi incluído nessa corrente, “[...] representado pela colaboração entre as universidades e os projetos governamentais, muitas vezes em parceria com as associações civis”. Na tentativa de fazer um retrato do que vem sendo realizado no momento atual, podemos dizer que esse é um tipo de panorama dominante e bastante presente na relação entre a escola e a radiocomunicação.

A perspectiva de convergência das mídias, possibilitada pela integração entre as diversas TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação), representa a promessa de que, num futuro próximo, a produção e a disseminação de bens culturais estará ao alcance da maior parte dos cidadãos.

Entretanto, sabemos que uma “revolução cultural” dessa magnitude não pode ser circunscrita a um conjunto de estratégias de *marketing* político e econômico, o que pede a intervenção direta assumida dos agentes educativos. (CONSANI, 2012, p. 36).

Outra questão é desmitificar aspectos negativos e determinados fatores impeditivos para a utilização de programas de rádio no ambiente escolar, desencadeados por costumes e hábitos que sempre valorizam o fator de especialização, fazendo pensar que tudo o que se encontra fora de nossa área de domínio é muito complicado e difícil de ser realizado. Uma forma de pensamento atrasada e que reflete um regime estacionário, no sentido de fugir de desafios, não arriscar investir no novo, tudo para manter-se seguro em uma zona de conforto. Até pode parecer que o volume considerável de informações históricas, tecnológicas e técnicas, e alguns aspectos envolvidos na compreensão do processo radiofônico, até mesmo aqueles estritamente relativos à sua utilização dentro da sala de aula, podem fazer com que professores equivocadamente deixem de usar a rádio em sala de aula. Eis os fatores que podem levar a três impressões, todas igualmente falsas:

[...] o universo do rádio não é acessível a não especialistas;
um universo radiofônico realizado sem total domínio de seus pressupostos técnicos e estéticos resultaria falho e pobre;
a formação necessária para aprender a linguagem radiofônica é um processo demorado, caro e que requer habilidades especiais. (CONSANI, 2012, p. 36-37).

Em entrevista colhida para esta pesquisa, a professora Elizabete dos Santos, recorda que, no desenvolvimento do projeto e implantação da Web Rádio Escola, fatores relacionados à tecnologia (como conexão e infraestrutura) e à equipe de produção (menor em relação a outros programas, como a da TV Paulo Freire) não foram as questões mais complexas que foram enfrentadas durante a criação da rádio educativa pela internet. Apesar dos recursos e ferramentas oferecidas como material de apoio para os professores nas suas aulas, a desconfiança, rejeição e até mesmo por desconhecimento dos produtos e serviços de tecnologia relacionados no portal Dia a Dia Educação, por parte dos professores, despontou como o maior desafio na fase inicial de criação do projeto da rádio pela internet no Paraná.

Talvez pelo perfil também das pessoas que estavam envolvidas, não fazia parte da nossa preocupação inicial a divulgação do processo de recepção. Então, eu acho que, nesse sentido, a gente acabou ficando muito fechados e preocupados em fazer, produzir bem, com qualidade técnica, ter um bom veículo de transmissão, um bom meio de transmissão e assim não investimos. Hoje, se eu estivesse novamente à frente desse projeto, eu daria um pouco mais de relevância ao processo de divulgação.

As pessoas falam muito bem dos produtos, tanto da televisão quanto da rádio, assim como os conteúdos que estão disponibilizados no portal, e até hoje, cinco anos depois da rádio, já que a televisão está no ar desde 2006, ainda tem professores que não sabem o que tem lá dentro. Não fazem o uso que poderiam estar fazendo, levando esse conteúdo para a sala de aula. O conhecimento, a partir de outra possibilidade de linguagem, tornando a questão metodológica mais significativa e dinâmica para o aluno.

A gente escuta, de forma recorrente, que muitos professores ainda se surpreendem ao descobrir que tem um monte de coisa interessante lá dentro, mas o uso poderia ser ainda maior se a gente conseguisse divulgar isso de forma mais efetiva para todos professores e alunos da rede. (cf. Apêndice).

3.6 UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Quando se estabelece uma relação das características da integração dos campos da educação e da comunicação, no sentido de desenvolver um novo modelo para as práticas de ensino, é importante notar a abertura de horizonte que se desencadeia nesse processo que oferece novas perspectivas de atuação com multiplicidades, indeterminações, fragmentações, com base em conceitos e noções construtivistas, tomando a prática educativa como um processo contínuo do indivíduo. Como consequência dos rumos que norteiam esse caminho pedagógico aparecem alguns dos efeitos de rompimento com tradições de universalidade, totalidade e determinação. A partir desse entendimento sobre o papel da junção dos eixos epistemológicos da educação e comunicação, Angela Schaun (2002, p. 15) ressalta que, no âmbito da relação desses dois campos, origina-se a educomunicação como um novo campo de intervenção social para a produção de novos agenciamentos coletivos, enunciativos e

inclusivos, que se multiplicam e repercutem, deixando sua marca, uma expressão que se movimenta em vários setores, atravessa as possibilidades, as margens, as redes, produzindo ações de socialização.

A questão da educomunicação busca ressignificar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito da educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como um lugar de cidadania, aquele índice do qual emergem novas esteticidades e eticidades (modos de perceber e estar no mundo). São experiências caracterizadoras de ações educomunicativas peculiares em espaços públicos ressignificados e produzem articulações comunicativas singulares; são movimentos de inclusão e visibilidade no contemporâneo. (SCHAUN, 2002, p. 15).

Os aspectos de dualidade e de junção também aparecem na relação das mídias, como a rádio e a internet, por exemplo. As duas ferramentas se apresentam como forças poderosas, cada uma com sua devida relevância e significado como meio de comunicação de massa e atividade social. A rádio traz, em seu longo percurso histórico de nove décadas de atuação, as características essenciais de imediatez, simultaneidade e instantaneidade, que refletem o funcionamento do seu processo de comunicação. Na internet, a rede mundial de computadores, a modernidade e a convergência aparecem como qualidades, além de apresentar as características de hipertextualidade, interatividade e multiplicidade de mídias, que acabam contribuindo para modelar uma nova linguagem e, por consequência, formas próprias de apresentar e escrever o conteúdo que vai ser transmitido. A experiência sensorial da rádio requer certo grau de atenção e exercício do imaginário para a apreensão da informação, enquanto a internet emerge na tecnologia pelo exercício tátil e visual, que ainda sofre mudanças e transformações, envolvendo seus criadores e usuários, em diferentes áreas do conhecimento, como reflete a análise do sociólogo espanhol Manuel Castells (1999), no livro *A Sociedade em Rede*.

As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da internet. Há, por conseguinte, uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo. (CASTELLS, 1999, p. 69).

Para o desenvolvimento do projeto da Web Rádio Escola, que se distingue por usar como plataforma a internet para a produção radiofônica e transmissão de conteúdo educativo, não houve influência ou qualquer tipo de referência direta de nenhum outro modelo de rádio

educativa, tradicional, comunitária ou mesmo alternativa, apesar do amplo leque de experiências anteriores com educação radiofônica, como aparece em algumas experiências de projetos de emissoras educativas e comunitárias relatadas nesta pesquisa, ao longo do primeiro capítulo, com referências, inclusive ao Projeto Radioescola (da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba), além das experiências das escolas radiofônicas de Natal (RN), das escolas radiofônicas do MEB (Movimento de Educação de Base), do Projeto Minerva, Mobral e do projeto-piloto de rádios comunitárias escolares de Fortaleza (CE). Em virtude de um novo cenário estabelecido pelas novas tecnologias – em especial, o desenvolvimento e a proliferação da internet –, é importante considerar o aporte tecnológico no Paraná, que se instalou a partir de uma infraestrutura de conexão nas escolas da rede estadual e que viabilizou uma série de serviços de educação pela internet no Estado.

Diante dessa perspectiva, ao trabalhar com a produção radiofônica educativa na internet, na Web Rádio Escola, a professora Elizabete dos Santos diz que todos estavam lidando com algo novo e inovador, e o melhor caminho naquele momento foi trabalhar a partir da experiência da própria equipe da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, pois, internamente, já trabalham com produção para televisão na internet e, ao fazer esse trabalho, o projeto poderia ser ampliado para a mídia de áudio. Havia certas facilidades do ponto de vista técnico, como equipamentos e conexão em todas as escolas da rede estadual e aumentando a força do uso de tecnologia com o portal Dia a Dia Educação, com a televisão e com as ferramentas interativas na internet. “Pensamos que o rádio seria uma mídia a mais de relação para as escolas, os professores e os alunos” (cf. Apêndice). Esse sentimento também aparece na sequência da entrevista:

Não foi um outro projeto que nos deu referência, na realidade, o projeto acabou acontecendo pela experiência de produção de programas que alguns professores já estavam envolvidos e a gente acabou adequando.

Eu acho que a nossa grande referência acabou sendo a própria programação de televisão (TV Paulo Freire) e aí tivemos que adequar e pensar uma produção, já que uma programação em rádio também era viável. O meio internet estava disponível para a gente e era o modo mais fácil para trabalharmos, já que a gente tinha na época uma abertura muito grande para utilizar o máximo possível de uma infraestrutura que estava em processo de instalação no Estado de conexão de internet e queríamos estimular o acesso na escola.

Então, levar um conteúdo com diversificação de linguagem era uma alternativa para a gente, que não era difícil de realizar, do ponto de vista de infraestrutura e da experiência de alguns profissionais que faziam parte da nossa equipe. É claro que você tem a referência quando você trabalha com tecnologia na educação sobre os recursos da área de comunicação na educação e pela nossa própria formação já tínhamos essas referências que fazem parte de um histórico de uso. Mas não chegou a ser como uma inspiração direta, acho que a gente foi pela sensibilidade de perceber como poderia ir potencializando o uso mesmo. (cf. Apêndice).

3.7 MODELO DE ENSINO (RÁDIO NA INTERNET)

O incrível avanço das tecnologias de informação e comunicação foi responsável por transformações nos modos de produção e reprodução da vida social, trazendo novas perspectivas e mudanças nas formas de comunicação e relacionamento entre as pessoas. Como efeito catalisador em relação às mídias tecnológicas, a chegada da internet modificou paradigmas e estabeleceu hábitos e comportamentos humanos, fazendo com que boa parte das tarefas e atividades relacionadas ao dia a dia das pessoas estivessem relacionadas a ela, de alguma forma ou outra, para atender uma necessidade ou apenas para saciar uma curiosidade. O que antes se descobria nos livros e se aprendia na escola, hoje está disponível a partir de alguns poucos cliques e toques no computador, no telefone celular ou qualquer outro dispositivo que ofereça acesso à internet e seus amplos mecanismos de buscas.

Diante da construção de um cenário como esse, Maria Luiza Belloni (2009, p. 17) diz que se pode levar em consideração que os meios de comunicação – sobretudo, quando se fala em internet – constituíram algo como uma escola paralela, na qual jovens e adultos podem ter acesso a uma grande quantidade de conteúdos, dos mais variados tipos e que podem ser considerados tão ou mais interessantes e atraentes que a própria escola tradicional no seu papel de ensinar. Para a autora, as mídias e as tecnologias de comunicação são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, ao passo que podem interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo. Como a autora salienta a respeito dos desafios que estão colocados aos sistemas educacionais pela proliferação do uso cada vez maior das tecnologias de informação e comunicação, “[...] a escola, como instituição social especializada em educação, ainda não absorveu, ou absorve lentamente, as tecnologias eletrônicas de comunicação” (BELLONI, 2009, p. 17).

Para a professora Elizabete dos Santos, a constituição da Web Rádio Escola foi um recurso importante para incrementar e aparelhar ainda mais o portal de educação do Estado do Paraná, usando a tecnologia da internet e a linguagem radiofônica como forma de colocar à disposição da rede escolar uma programação com compromisso de conteúdos educativos para os professores usarem em sala de aula, assim como promover uma aproximação e facilitação do uso de ferramentas tecnológicas por parte das escolas, como sugere nesse trecho da entrevista concedida para esta pesquisa.

Pela condição de adequar mais a programação da rádio à rotina da escola, a gente pensou em direcionar a programação e os horários à rotina da escola, já que uma rádio educativa tem um compromisso com um público aberto, e a nossa ideia era ter

uma rádio *web* que nos daria mais autonomia e poderia funcionar de forma mais articulada e próxima das rotinas escolares. Esse foi um ponto importante que levamos em consideração. Outro ponto importante foi a questão da diversificação da linguagem porque a gente trabalhava do ponto de vista pedagógico com conceito de abordagem de conteúdo na área de educação a partir de diversas linguagens. Então a gente entendia a internet, a *web*, o conteúdo que você tem nas páginas da internet como um tipo de linguagem que oportuniza uma relação com conteúdo de uma determinada forma e no rádio de outra. Então, com essa múltipla possibilidade de linguagem na abordagem dos conteúdos a gente tinha por objetivo tratar com as escolas. (cf. Apêndice).

Na análise de Belloni (2009, p. 18), a implantação de elementos e ferramentas da mídia no processo de educação atende demandas e necessidades específicas e abre uma perspectiva para a escola como campo de estudo para o desenvolvimento de projetos relacionados à utilização de recursos midiáticos no processo de ensino.

A entrada das TICs nas escolas ocorreu sobretudo como resultado da pressão do mercado, estando a instituição escolar em franca defasagem com relação às demandas sociais e à cultura das gerações mais jovens. Esta situação faz da escola um campo privilegiado de observação. A defasagem da cultura escolar (inclusive esta “cultura acadêmica” encastelada nas universidades) com relação aos jovens que ela deve educar é gritante, e diz respeito tanto às questões éticas (conteúdos, mensagens) quanto aos aspectos estéticos (imagens, linguagens, modos de percepção, pensamento e expressão). Esta defasagem torna ainda mais claro o impacto das TICs na cultura jovem. (BELLONI, 2009, p. 18).

Nessa dimensão de futuro e modernidade exacerbada, visivelmente notada na juventude e no comportamento moderno, invadindo o presente, não há como negar a influência e os impactos das tecnologias sobre os processos sociais. Esse tipo de relação parece tão comum e corriqueiro nos dias atuais que se podem fazer confusões sobre a questão se a máquina está ligada e dependente do homem ou se o homem está mais ligado à máquina e dependente da sua utilização e seus dispositivos técnicos. Esse paradoxo a respeito de dependência e da situação envolvendo homem e máquina também passou pela análise do filósofo Pierre Lévy (apud SETTON, 2010, p. 90), que acredita que, de um modo geral, a computação não deve ser vista como um centro, mas sim como um nó, um terminal, um componente da rede universal de comunicação. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecnocosmos. A universalização da rede propaga a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional. Nesse sentido, ela é complementar a uma segunda tendência fundamental, que é a virtualização, que consiste em um novo modo de ser e estar no mundo, possibilitando diferentes processos de criação, relação e contatos sociais em situações de ausência da presença física.

Dessa forma, o que temos é um mundo em que as tecnologias funcionam como produtos de uma cultura e que pertencem a uma sociedade. As novas tecnologias não só estão presentes em praticamente todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano, como no acesso à internet. Atualmente parece uma tarefa difícil separar o mundo humano e o mundo técnico, assim como separá-lo dos signos, sons e imagens pelos quais os indivíduos atribuem valor e sentido à vida. Como uma “prática socializadora” que Maria da Graça Setton (2010, p. 90) destaca ser também uma ação promotora de uma rede social complexa e não apenas tecnológica, já que também se caracteriza pela formação de uma sociedade devidamente estruturada por uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo e proporcionando troca de informações e fomentando relações sociais, como forma universal e descentralizada para a circulação de informações em ambientes e comunidades virtuais em criação.

Levando em conta os aspectos referentes à tecnologia e seus impactos e desdobramentos no campo da comunicação, como a aplicação da internet, e seus efeitos na educação, como acontece no caso prático de atividades relacionadas a radioescolas, é possível desenvolver e estimular nos estudantes competências e habilidades da audiência (saber ouvir) e da eloquência (saber falar, saber argumentar), porque na rádio a voz e a palavra constroem textos escritos e oralizados que veiculam signos e ritos da linguagem radiofônica, como salienta a semioticista brasileira Lucia Santaella (2008, p. IX) ao mencionar os aspectos essenciais da comunicação humana – como falar e gesticular –, que caracteriza o homem como indivíduo simbólico. Afinal, os gestos estenderam-se para a produção de desenhos, pinturas, inscritos nas pedras, nos muros, nas paredes e telas. Já a fala, cuja morada está no próprio corpo, virou a escrita e migrou para o couro, papiro, papel e hoje está presente nos componentes da memória de computadores e telas eletrônicas. O canto prolongou-se em instrumentos musicais, orquestras, gravadores de sons e ruídos e para os bancos sonoros à distância dos músicos nos modernos estúdios eletroacústicos. Graças ao rádio, aos toca-fitas, aos toca-CDs, sons nos acompanham por toda parte, assim como nossas vozes caminham nos quatro cantos do globo pelas ondas da telefonia.

O que acontece, de fato, é que as linguagens, em suas diferentes formas e expressões, estão presentes e fazem parte do mundo; cada modelo linguístico com sua materialidade e suporte próprio, seja palavras nos jornais, nas revistas e livros, imagens nas fotografias e vídeos, sons, músicas e canções na rádio e nos CDs, e agora essas formas de linguagem que podem ser digitalizadas e amplamente compartilhadas, adquirindo com isso um passaporte

que lhes dá acesso às máquinas. Dentro dos computadores, todas as linguagens juntam-se e se confraternizam na criação de hypersignos híbridos, a hipermídia.

Enfim, as linguagens crescem e se multiplicam na medida mesma em que são ininterruptamente inventados os meios que as produzem, reproduzem, meios estes que as armazenam e difundem. Do livro para o jornal, da fotografia, gravador de som e cinema para o rádio, televisão e vídeo, da computação gráfica para a hipermídia são todos nítidos índices de que não pode haver descanso para o destino simbólico do ser humano; destino que hoje encontra seu clímax nas milhares de redes planetárias de telefonia e computadores interligadas na formação de um ciberespaço dominado pela internet, um vasto labirinto comunicacional feito de impulsos eletrônicos e informação. (SANTAELLA, 2008, p. X).

As novas tecnologias de informação e comunicação não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem, mas, como pondera Belloni (2009, p. 25), é importante salientar que, embora essas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficiência pedagógica ainda, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana, sobretudo, dos jovens, razão principal para se trabalhar desde já na sua integração com a educação.

3.8 PROGRAMAÇÃO (CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS)

Enquanto as rádios convencionais se caracterizam por oferecer uma programação jornalística e de entretenimento, especialmente, programas musicais, a Web Rádio Escola, do Paraná, se diferencia pelo seu caráter e enfoque essencialmente educativo e de perfil comunitário, além de ter sua programação transmitida ininterruptamente e exclusivamente pela internet. O acesso à rádio se dá pelo Portal Educacional do Estado do Paraná (Dia a Dia Educação), que dispõe de vários conteúdos voltados para a área educacional e transmite a programação da Web Rádio Escola via *streaming* (sistema de transferência contínua de fluxo eletrônico de mídia pela internet) que, para poder ser ouvida, depende da instalação no computador de um *player* (programa de reprodução de mídia), como Media Player, MPlayer ou outro *software* compatível.

A programação ao vivo da rádio também pode ser acessada diretamente pelo seu navegador de internet, inserindo o link <mms://200.189.113.200/radio-seed> na barra de endereços. Também há opção de escolher um determinado programa específico produzido pela rádio acessando o arquivo de programas com o histórico de toda a programação. Após escolher o programa desejado, é só clicar no ícone de reprodução para ouvi-lo. Esse serviço ainda permite fazer o *download* (fazer a transferência em arquivo para o seu computador pela

internet) do programa pesquisado no formato MP3, que possui ampla compatibilidade com dispositivos eletrônicos como *smartphones* e *tablets*.

Em levantamento realizado para esta pesquisa em 12 de agosto de 2014 no *site* da Web Rádio Escola foram registrados no histórico da programação da rádio 14 categorias de programas, totalizando uma produção de 212 programas, distribuídos e classificados da seguinte forma:

1. Categoria **Cinema e Educação** [39 arquivos] – O programa Cinema e Educação é uma mesa redonda que debate questões específicas do contexto de filmes e apresenta encaminhamentos pedagógicos para as obras cinematográficas. Cada episódio é dedicado a uma disciplina e aos trechos de filmes a ela relacionados pelos apresentadores, que abordam conteúdos e metodologias a serem encaminhadas em sala de aula.
2. Categoria **Condigital** [6 arquivos] – Os programas do Condigital são arquivos de áudio que apresentam situações do cotidiano envolvendo conteúdos matemáticos como: fractais, história dos números e matemática financeira. Programa desenvolvido em parceria com o MEC.
3. Categoria **Contos e Estórias** [12 arquivos] – Contos e Histórias são arquivos de áudios apresentados por meio da contação de estórias.
4. Categoria **Dispositivos Móveis na Educação** [2 arquivos] – O Dispositivos Móveis na Educação é um programa de entrevistas com professores e pesquisadores que discutem o tema Uso dos Dispositivos Móveis na Educação.
5. Categoria **Educação em Foco** [2 arquivos] – Educação em Foco é um programa de entrevistas que debate temas voltados à educação.
6. Categoria **Educação Musical** [10 arquivos] – O programa Educação Musical apresenta uma série de áudios referentes ao ensino de música, abordando conteúdos sobre trilha sonora: música e efeitos sonoros.
7. Categoria **Enem** [51 arquivos] – Os áudios disponíveis para o Enem são programas produzidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, com dicas sobre as provas, possíveis temas e conteúdos que podem ser abordados nas provas do Enem.
8. Categoria **Espaço Musical** [17 arquivos] – O Espaço Musical é um programa de entrevistas com músicos e compositores paranaenses. Apresenta os valores da cultura musical do Estado do Paraná, articulando suas origens, influências, trabalhos e projetos num bate-papo descontraído e enriquecedor para os ouvintes.

9. Categoria **Minha História** [3 arquivos] – O Minha História é um programa de áudio que convida os ouvintes a produzirem e compartilharem pequenos arquivos com depoimentos nas diferentes temáticas sugeridas.
10. Categoria **Profissões e Carreira** [8 arquivos] – Profissões e Carreira é um programa de entrevistas com profissionais e especialistas que apresentam dicas sobre profissões, além de trazer macetes para aliviar os momentos que antecedem o vestibular.
11. Categoria **Revelando** [1 arquivo] – O programa Revelando é um programa de entrevistas com professores da rede estadual de ensino, onde eles descrevem encaminhamentos metodológicos em suas disciplinas utilizando diferentes mídias e recursos.
12. Categoria **Sabores da Educação** [46 arquivos] – Sabores da Educação é uma série de programas que tem como tema receitas enviadas pela comunidade escolar.
13. Categoria **Uso de Games na Educação** [2 arquivos] – É um programa de entrevistas com pesquisadores e professores que discutem sobre o uso de games na educação.
14. Categoria **Você Sabia...** [13 arquivos] – Você Sabia... é uma série de pequenos programas que trazem informações sobre temas diversos pertinentes ao contexto escolar. Voltado para professores, alunos e comunidade escolar.

O início das atividades da Web Rádio Escola teve significativa divulgação nas esferas internas da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e também em outros órgãos vinculados ao governo estadual. Apesar desse trabalho inicial para promover a programação da rádio pela internet, a iniciativa foi considerada pouco representativa pela professora Elizabete dos Santos (cf. Apêndice), que ressaltou que, nesse período inicial, a preocupação maior da equipe responsável pela rádio era para com a qualidade da programação e com a produção dos conteúdos que seriam veiculados, deixando para um segundo momento a realização de um trabalho maior no sentido de divulgar mais o processo de recepção da rádio por parte de professores, estudantes, escolas e a própria comunidade, que tinham pouco conhecimento do funcionamento da rádio.

Em comunicação à imprensa no dia 28 de outubro de 2010, com o título: “Está no ar a Rádio Web Educação⁷”, como era chamada a rádio durante sua fase inicial, a ferramenta radiofônica de educação pela internet é apresentada como nova forma de comunicação com a

⁷ Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1886&tit=Esta-no-ar-a-Radio-Web-Educacao>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

Secretaria de Estado da Educação (SEED), sendo que sua criação tem como objetivo informar sobre as ações políticas e programas da SEED, auxiliar na formação continuada de professores e veicular conteúdo complementar ao currículo escolar. A nota distribuída para a mídia segue explicando que a rádio transmite programas educacionais, com duração de aproximadamente dez minutos, divididos em dois blocos de cinco minutos, e que também são produzidos *spots* (fonogramas utilizados como peça publicitária em rádio) de trinta segundos a um minuto, destinados à divulgação de programas educacionais, informativos e campanhas institucionais da SEED, além de transmitir programas oriundos de parcerias e convênios. No comunicado, a professora Áurea Landi, integrante da coordenação de Multimeios e uma das apresentadoras da rádio, conta que a rádio foi pensada para a comunidade escolar, em especial, os professores da rede pública de ensino, pois, ao ouvir rádio, o professor tem de se aproximar da Secretaria e não ficar restrito à sala de aula, já que a rádio é também uma porta que se abre para essa interação entre a SEED e os professores, permitindo receber críticas e sugestões, já que a proposta da rádio é que haja uma dinâmica, uma troca.

Apesar de prestar grande serviço à educação, o fato de a Web Rádio Escola também se prestar, nitidamente, para divulgar ações políticas e programas da SEED, assim como atividades vinculadas a outras esferas do governo, é um aspecto importante e que deve causar uma certa preocupação educativa, em função de interesses que podem surgir nesse tipo de relação, envolvendo determinados tipos de mídias que fazem parte do poder público. Esse tipo de preocupação, em relação a aspectos de influência de conteúdo e grau de independência, é abordado criticamente por Maria Inês Amarante (2012, p. 32) no desenvolvimento de programas radiofônicos voltados para a educação que mantinham relações com governo, segmento religioso e instituições de serviço público e privado.

Em um país que sofre as consequências da política econômica neoliberal, voltada à concentração de renda, é de extrema importância que o sistema de comunicação social exerça verdadeiramente sua função educativa, ajudando a alfabetizar a população e cumprindo com seu papel de informá-la adequada e criticamente. No entanto, nota-se que a história da rádio vem sendo permeada de “estratégias de desinformação”. (AMARANTE, 2012, p. 35).

A equipe de produção da Web Radio Escola é pequena, sendo constituída, essencialmente, por professores e educadores da rede estadual de ensino, oriundos dos quadros da SEED, e que receberam treinamento técnico e específico de operação de rádio para desempenhar as funções e as atividades que fazem parte das rotinas profissionais de uma rádio, como produtores, locutores e técnicos de áudio. O suporte de tecnologia para o

funcionamento e a transmissão da programação da rádio pela internet vem da Celepar, que atua como parceira técnica em toda a parte de desenvolvimento e suporte tecnológico e de informática da plataforma de conteúdo do portal Dia a Dia Educação. Assim como as rádios comerciais e comunitárias, a Web Rádio Escola possui o seu prefixo, que é uma breve gravação de áudio, assim como uma vinheta de abertura de programa, fornecendo informações de identificação da rádio, como nome, localização, tipo de programação e dados de sintonia, no caso das rádios convencionais de sintonia AM e FM. No caso da rádio paranaense, pela internet, a montagem do prefixo é bastante interessante e chamativa, pois há somente a informação do nome da rádio em uma gravação de áudio que dura apenas 10 segundos, mas com as vozes de crianças e adultos repetindo a palavra escola várias vezes e um locutor no final dizendo Web Rádio Escola. O prefixo da rádio até pode ser considerado um tanto simples, mas é preciso criatividade para revelar em poucos instantes a identidade e a essência de sua proposta. Em sua programação, a rádio não emite qualquer tipo de propaganda comercial, mas nota-se a publicidade institucional na forma de *spot*, que, segundo Marciel Consani (2012, p. 98), é o nome dado à peça comercial específica para rádio, que, por não contarem com o recurso visual, precisam se apresentar com clareza e objetividade. A publicidade institucional pode tratar de assuntos e temas relacionados ao funcionamento da própria rádio ou para divulgar serviços oferecidos pela SEED, como é o caso do portal Dia a Dia Educação, na transcrição do *spot* a seguir:

Estudante 1 – Ei, olha a atividade que o professor de física passou para a gente

Estudante 2 – Nossa, cara, mas é uma história em quadrinhos. Que massa! Assim é legal aprender.

Narrador – Professor, acesse as histórias em quadrinhos no nosso portal. Clique na aba Educadores, Recursos Didáticos e procure pelo ícone Problemas em Quadrinhos. Você vai encontrar um material muito rico para utilizar em sala de aula.

Durante o intervalo dos programas são transmitidos informes locais e boletins de utilidade pública (como hora certa, temperatura) e de notícias relacionadas à educação, produzidas em parceria com a Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná (AEN). Com a preparação e treinamento da equipe de produção da Web Rádio Escola para a utilização de uma linguagem radiofônica, percebe-se que os textos possuem tratamento para transmissão radiofônica, como pode ser observado na transcrição do boletim, a seguir, veiculado pela rádio:

Vinheta de abertura – Boletim Web Rádio Escola

Repórter (narração) – A partir da próxima segunda-feira, alunos de escolas estaduais de Curitiba e região metropolitana vão ser avaliados pelo Programa Paraná Saudável para o combate à obesidade infanto-juvenil. O secretário do Esporte Evandro Rogério Romã comandou a criação do Programa Paraná Saudável lançado no fim do ano passado. Nesta quarta-feira os pesquisadores foram treinados na sede da secretaria de estado do esporte. O professor Dartagnan Pinto Guedes, que treinou os pesquisadores, explica como vai funcionar a primeira etapa do programa.

Sonora 1 (entrevista) – Nós começamos com uma amostragem agora no dia 5 de novembro, na segunda-feira, com as escolas de 4 núcleos aqui próximo à capital de Curitiba região norte, região metropolitana norte, região metropolitana sul, e um núcleo de Paranaguá, que pega o litoral. Então vamos às escolas fazer as medidas antropométricas peso, estatura, circunferência de cintura, mais um questionário com informações relacionadas ao hábito alimentar, práticas de atividades físicas, cotidiano escolar e a primeira infância.

Repórter – O professor explica ainda que a partir de fevereiro as demais regiões do Estado serão pesquisadas.

Sonora 2 (entrevista) – Depois, logo no início do ano letivo, em fevereiro e março, nós concluímos os outros 28 núcleos regionais de educação; logo em abril nós já temos o levantamento daqueles escolares que foram identificados com sobrepeso para iniciar a intervenção. Essa intervenção vai se dar de duas formas. Tanto no aspecto educacional, numa tentativa de educação em termos alimentares, da prática de atividade física. Enfim, de um cotidiano mais saudável, como também, no caso localizado de sobrepeso, a intervenção no campo da saúde.

Repórter – O Programa Paraná Saudável prevenção e controle da obesidade infanto-juvenil é uma iniciativa da secretaria de estado do esporte e conta com a participação das secretarias da educação, da saúde e da família e desenvolvimento social. Segundo levantamento da secretaria de educação, 8% dos estudantes da rede pública estadual são considerados obesos. A secretaria monitora a saúde dos estudantes com avaliações periódicas e constatou que no ano passado os índices de obesidade subiram 0,3% em relação a 2010. Segundo o professor Dartagnan, uma criança obesa tem muitas chances de se tornar um adulto também obeso. Além disso, a obesidade pode causar inúmeras doenças como diabetes e as cardiovasculares.

Sonora 3 – A chance de uma criança com sobrepeso ser um adulto com sobrepeso é de quase 75% e aí o que ocorre é que na infância fica difícil o diagnóstico para essas doenças; elas se submetem aos fatores de risco de doenças degenerativas, porém o jovem com sobrepeso tende a ser um adulto com sobrepeso. Aí sim começa a aparecer as patologias associadas ao sobrepeso, cardiopatia, hipertensão, diabetes, disfunções metabólicas e assim por diante. Daí o empenho do governo do Estado na tentativa de intervir agora para minimizar essa possibilidade.

Repórter – De acordo com a secretaria de educação, cerca de 1.100 alunos foram diagnosticados com diabetes, 1.619 alunos apresentaram intolerância a lactose e a doença celíaca, que é a intolerância ao glúten, apareceu em 620 alunos. O resultado das avaliações está disponível no site www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br. Ágatha Dea com informações da agência de notícias do Paraná.

Vinheta de encerramento – Boletim Web Rádio Escola

Para Marciel Consani (2012, p. 64), a produção radiofônica educativa pode nascer do imprevisto e da criação espontânea, e essa abordagem não deixa de ser válida, mas a utilização de um roteiro ou *script* de programa pode ser considerada um elemento diferencial, “[...] atribuindo um grau de sofisticação maior no produto, ou mesmo uma sensação de segurança técnica maior por parte de quem produz”. Ainda atuando na área de prestação de serviços para a educação, a Web Rádio Escola também se destaca pela produção de programas especiais como o momento Profissões e Carreira, que conta com a colaboração da psicóloga Marieta

Bertazoni da Silva e que presta aconselhamentos e orientação educacional. O programa é de curta duração, cerca de dois a três minutos, e segue um roteiro predeterminado com a pergunta ou dúvida de um estudante ou professor e a resposta da especialista, como aparece na transcrição a seguir:

Vinheta de abertura – Momento Profissões e Carreira.

Locução (vinheta) – Momento Profissões e Carreira com a psicóloga Marieta Bertazoni da Silva.

Pergunta (estudante) – Oi. Eu sou o Henrique e a minha dúvida é em relação aos alunos que moram no interior. Vai que o curso que eles querem não tem na sua cidade ou eles não têm condições de se manter em alguma outra cidade. Será que existe uma outra alternativa para esses alunos?

Resposta (especialista) – Henrique, eu penso que é bastante importante essa pergunta que você fez porque a maioria dos jovens vestibulandos orientados eles não tem conhecimento da série de oportunidades ou possibilidades, por exemplo, como uma bolsa, um convênio, que pode ser feito para sustentar esses estudos e então se eu tenho uma situação financeira que não me permite montar um apartamento e ficar estudando em outra cidade por exemplo eu posso buscar recursos dentro da minha comunidade que tenha por exemplo convênios com entidades religiosas que possam albergar pessoas com essa situação ou pensionatos que tenham esse intercâmbio com a cidade onde eu moro. Também existe a possibilidade de você trabalhar em algum lugar que não é o que você pretende ainda no sentido de buscar a sua manutenção enquanto você está nessa situação. E posteriormente você então aplicar isso que você conseguiu no seu sonho real. Isso é uma possibilidade. Se nada disso funcionar, a outra alternativa é você buscar próximo da sua cidade aquelas faculdades que oferecem algum curso que tenha alguma ligação com as atividades que você deseja de forma que futuramente quando você puder cursar aquilo que você deseja você já possa eliminar uma série de disciplinas e acelerar a sua formação. É isso, Henrique. Boa sorte no seu vestibular.

Vinheta de encerramento – Momento Profissões e Carreira.

Locução (vinheta) – Momento Profissões e Carreira com a psicóloga Marieta Bertazoni da Silva.

As questões de conteúdos interdisciplinares e multidisciplinares também estão presentes na programação da rádio, sendo que boa parte das ações desenvolvidas nos programas e nos assuntos abordados se apoia no emprego da linguagem radiofônica desfrutando do amplo leque de possibilidades didáticas e pedagógicas que ela oferece. Ao tratar de aspectos relacionados entre as disciplinas escolares e ao fazer uma abordagem de temas envolvendo entretenimento, esportes, saúde, cultura, segurança, variedades e lazer, pode-se atrair o estudante pela forma inebriante de fazer comunicação e promover uma aproximação do professor para esse processo pedagógico diferente. Para Zeneida Assumpção (2008, p. 62), ao trabalhar com essa forma de linguagem, abre-se uma perspectiva no ambiente escolar, uma janela para estimular o surgimento de ações que visem maior interatividade entre professores, alunos e escolas.

No acompanhamento do programa Sabores da Educação, que aborda temas culinários e cuidados para a alimentação, é possível detectar esse tipo de aproximação com a

participação de estudantes, professores e escolas, que tem a participação de um estudante da rede pública do Paraná que enviou sua receita para compartilhar com seus colegas e outros ouvintes. O texto logo abaixo é a reprodução do programa:

Vinheta de abertura – Sabores da Educação.

Locução (vinheta) – Sabores da Educação. Todos os dias merenda e nutrição para a boa educação.

Locutor – Olá, ouvinte! O Sabores da Educação trouxe a receita de um delicioso bolo de maçã. Quem nos enviou foi a Maria Inês, do colégio estadual Branca da Mota Fernandes, no município de Maringá. O rendimento médio é de 15 porções.

Anote os ingredientes que usaremos:

- 3 ovos. Separe as gemas das claras,
- 1 xícara de chá de açúcar,
- 1 xícara de chá de farinha de trigo,
- 1 copo na medida de copo de requeijão de leite,
- 1 colher de sopa de fermento em pó,
- 3 maçãs picadas em fatias.

Acompanhe o modo de preparo:

- Bata as claras em neve e reserve,
- Bata os demais ingredientes e por último adicione as claras em neve,
- Espalhe a massa em uma forma untada,
- Coloque as fatias de maçã polvilhando com açúcar refinado por cima,
- Asse em forno pré-aquecido por cerca de 40 minutos.

Esta receita é proibida para diabéticos, celíacos e intolerantes a lactose.

Acompanhe a programação da Web Rádio Escola e até o próximo programa.

Vinheta de encerramento – Sabores da Educação.

Locução (vinheta) – Sabores da Educação. Todos os dias merenda e nutrição para a boa educação.

Outro exemplo de programa da Web Rádio Escola com potencial para despertar o interesse e promover uma aproximação entre estudantes e professores é o programa Cinema e Educação, que se propõe a fazer debates sobre o mundo do cinema, discutindo aspectos de filmes que possam chamar a atenção dos estudantes e do próprio currículo escolar, ao vincular determinados aspectos da produção cinematográfica com conteúdos para serem abordados em sala de aula, com os professores, ou mesmo, no período de intervalo das aulas, entre os estudantes. O detalhe curioso e instigante nessa proposta de um programa sobre cinema é justamente trabalhar na rádio a análise de um filme, que é um produto multimídia, que envolve os sentidos da visão e da audição, enquanto a rádio trabalha apenas com a sensação auditiva.

A possibilidade de se discutir uma representação visual e extremamente simbólica e abrir um debate de troca de ideias de cunho pedagógico parece uma tarefa atraente no espaço escolar. Na análise de Maria da Graça Setton (2010, p. 48), o cinema, como forma de mídia, exemplifica bem a mobilização dos usos da arte e da imagem, pois, enquanto assiste um filme, o estudante entra em contato com um número variado e constante de estímulos visuais;

estimula-se também sua capacidade de compreensão intelectual e de uma variedade de referências de culturas e linguagens. Essa temática sobre compreensão, entendimento e interpretação se estende para uma classificação de julgamentos de percepção, trazida por Lucia Santaella (2008, p. 52), em relação a algo que se percebe quando estamos alertas sobre algo que está fora e que, para ser reconhecido, precisa passar pela mediação de um julgamento perceptivo, representando o domínio sobre as operações mentais nesse processo.

Cada um dos episódios de Cinema e Educação têm uma temática voltada para pelo menos uma determinada disciplina do currículo escolar, recorrendo a trechos e momentos específicos dos filmes para que aconteça um debate e troca de ideias entre os participantes do programa, envolvendo conteúdos e metodologias para serem aplicadas como atividade ou exercício em sala de aula. No exemplo do programa a seguir, com discussão sobre o filme X-Men 2, a temática envolve a disciplina de física:

Vinheta de abertura – Cinema e Educação.

Apresentadora – Olá, ouvintes da Web Rádio Escola. Eu sou Vanessa Biacava e está no ar o programa Cinema e Educação. Hoje, a nossa conversa será com o professor Natel, responsável pela página de Física do portal Dia a Dia Educação. Olá Natel, tudo bem?

Professor Natel – Tudo bem, Vanessa! Olá, caro ouvinte. Então, nós estamos aqui e vamos falar hoje sobre o filme X-Men 2. Vamos falar um pouco de magnetismo, onde está dentro do conteúdo estruturante de física eletromagnetismo.

Apresentadora – É isso aí. Antes de passar a palavra para o Natel, eu convido os ouvintes a cumprimentar também a Carol, responsável pela página de cinema do portal Dia a Dia Educação. Tudo bem, Carol?

Caroline Pereira (Carol) – Tudo ótimo!

Apresentadora – Então, Caroline Pereira, responsável também pela produção desse programa, ela vai falar um pouquinho para a gente sobre alguns aspectos técnicos do filme X-Men 2 e deixar aquele ouvinte que ainda não assistiu o filme com vontade de ir lá conferir, não é, Carol?

Caroline Pereira – Exatamente. Bom, eu sou suspeita para falar do X-Men 2 e da série X-Men em geral porque eu acho uma série muito boa, muito bem feita e um tema bastante interessante. Esse X-Men 2 em particular, ele é de 2003, direção de Brian Singer, que já havia dirigido o X-Men, O Filme, que é o primeiro da série e tá dirigindo o próximo que deve sair nos cinemas no ano que vem, que é 2014, que é X-Men: Dias de um Futuro Esquecido. Na medida de algumas outras obras de adaptações de quadrinhos, então tem experiência com esse universo dos super-heróis. De atores de destaque nesse filme, a gente relembra, para quem já conhece a série, vai lembrar lá que Hugh Jackman faz o Wolverine, o Patrick Stewart faz o professor Xavier, o Ian McKellen faz o Magneto, que é o meu personagem preferido na série, justamente porque tem uma relação colocada ali entre o Magneto e o Xavier em que eles não chegam a ser inimigos, eles são amigos, se respeitam mutuamente, apesar de quererem coisas diferentes. O X-Men é uma série muito rica para se debater física, com certeza, com o Magneto, e como o Natel vai falar daqui a pouco, mas você pode, inclusive, usar em outras disciplinas, você pode tirar dali uma discussão sobre sociedade, sobre o que é ser o diferente. Os X-Men eles sofrem preconceito dos humanos que não são mutantes por serem diferentes e terem essa mutação, e os humanos que não a possuem não conseguem entender direito como eles podem, por exemplo, atravessar paredes, então eles poderiam roubar um banco e como eles podem desaparecer de um lugar e aparecer em outro, então esses poderes que eles têm ali, eles são difíceis. E o filme fala muito disso, o X-Men 2 vai

ser uma união dos X-Men, então dos X-Men considerados do bem, que são os alunos, os pupilos do Xavier e os X-Men que geralmente são considerados do mal, que são os pupilos do Magneto, que vão se juntar para que eles sejam extintos que é o que os humanos estão querendo fazer com eles.

Apresentadora – Toda série X-Men coloca essa dicotomia, bem contra o mal, dentro do âmbito da categoria mutante. E, claro, quando precisa, em oposição aos humanos não mutantes. É isso aí. Esse filme X-Men 2 do Brian Singer faz parte de uma série mais completa como a Carol nos disse. Então, Natel, Magneto é uma figura central no filme, claro, e traz à tona a questão do eletromagnetismo que você vai completar aí e dar a sugestão temática para os nossos caros ouvintes da Web Rádio Escola.

Professor Natel – É isso aí, Vanessa. Como a Carol disse, toda a série é muito rica em vários efeitos, no caso, efeitos especiais, mas que trazem um pouco de física e que às vezes nós ficamos desejando aquela física no nosso cotidiano. No caso lá do sujeito que desaparece, o preferido da nossa amiga Carol que é o Magneto, que um trecho do filme que está destacando para essa web rádio de hoje é muito interessante para a gente pensar sobre isso, se essas coisas são possíveis ou não? No trecho que nós selecionamos para o professor que vai trabalhar com magnetismo dentro do conteúdo do eletromagnetismo, nós pegamos uma parte em que o Magneto está preso em uma cela de plástico, justamente porque ele possui o dom de manipular os materiais ferro magnéticos, que o professor vai poder explorar dizendo para os alunos que material ferro magnético ele possui ímãs elementares e o poder do Magneto é justamente poder orientar esses ímãs elementares e trabalhar com esses materiais. Então ele está lá preso em cela, o segurança, numa festa anterior ele recebe uma injeção de uma quantidade excessiva de ferro, ele se engana com uma linda mulher. Até tem uma fala interessante do Magneto no finalzinho desse trecho, e ele passa pelos sensores sem ser notado que ele tem ferro no corpo e o Magneto de imediato, ele entra na cela, e ele já percebe, ele tem todo aquele poder de atração com ferro, percebe que o segurança tem um excesso de ferro no corpo, se bem que isso já é combinado antes, porque quando ele diz a fala final, ele diz “não se engane com uma linda mulher”, então ele já sabia do plano para ser solto. Quando ele percebe isso ele usa o poder dele, retira o ferro do segurança e manipula esse material usando as questões de magnetismo e faz todo um trabalho em cima, transforma em pequenas bolas de ferro e destrói a prisão dele e consegue a sua fuga. Então o professor poderá trabalhar aí de forma bem interessante, o aluno vai gostar de ver o trecho do filme, é uma coisa que interessa bastante e poderá trabalhar os conceitos de magnetismo, de ímã, usando parte desse filme.

Sonoplastia/Fundo Musical – (trecho de áudio selecionado do filme)

Professor Natel – Vale a pena comentar ainda, Vanessa, que tem também na sequência de aulas, lá no portal, uma aula preparada onde é feito uso do trecho desse filme. Então o professor vai lá dar uma olhada, explora isso aí e trabalha com seus alunos.

Apresentadora – Essa sequência de aulas, então ela está trazendo essa sugestão do filme X-Men 2 de uma maneira mais elaborada e também é legal até para a gente deixar o convite aqui para os ouvintes para irem dando sua sugestão e dando a sua opinião na nossa seção sala de aula, onde você encontra as ícones sequências de aulas de todas as disciplinas, inclusive, física, o qual foi nosso assunto hoje nesse programa Cinema e Educação. E aí, Carol, alguma coisinha a mais para falar do X-Men 2, algum detalhe que deixou escapar na primeira fala?

Caroline Pereira – Olha, só uma curiosidade fílmica. A prisão em que o Magneto é colocado, justamente feito de plástico, para que ele não possa fugir, ela tem um design inspirado na prisão do Hannibal Lecter, do Silêncio dos Inocentes, que também era um vilão muito instigante.

Apresentadora – Os cineastas aí fazendo suas leituras e suas homenagens. Bacana. Então, a gente deixa aqui o convite para que todos naveguem na página de física, encontrem lá outros trechos de filmes, né Natel, que não só esse. Nós temos lá vários trechos com indicações pedagógicas e também as sequências de aulas de física. Natel, muito obrigada.

Professor Natel – Obrigado, Vanessa. Obrigado, Carol.

Caroline Pereira – Obrigada a todos.

Apresentadora – Obrigada, Carol. Valeu Rodrigo, também, aí na nossa produção. E nós ficamos por aqui. Ouvinte, até o próximo Cinema e Educação.

Vinheta de encerramento – Cinema e Educação.

Ainda nesse sentido da utilização de novos instrumentos para incrementar a programação da rádio, no sentido de torná-la mais agradável e interessante para o estudante, a Web Rádio Escola produz o programa Uso de Games na Educação, buscando uma abordagem diferente para o professor trabalhar em sala de aula. Apesar de exercerem um grande fascínio, sobretudo entre o público jovem, os jogos eletrônicos nem sempre podem ser considerados uma unanimidade como ferramenta de educação, mas, em seu lado lúdico, pode haver uma brecha, uma janela, uma oportunidade para o professor desenvolver conteúdos escolares em associação com jogos eletrônicos, que hoje podem ser encontrados nas mochilas e até nos bolsos dos estudantes, como nos *smartphones* e outros aparelhos portáteis. A reprodução textual da primeira parte do programa sobre jogos eletrônicos e educação demonstra essa possibilidade:

Vinheta de abertura – Uso de Games na Educação (1ª parte).

Apresentador – Olá, ouvintes da Web Rádio Escola. Hoje estamos iniciando uma série de programas sobre o uso de games na educação. Para falar sobre o assunto, vamos conversar com o professor Michel Goulart, professor de história, historiador, músico e idealizador do site *históriadigital.org* e a professora e pesquisadora Lynn Alves mestre e doutora em educação e comunicação pela Universidade Federal da Bahia. Começando então esse nosso bate-papo, vamos falar primeiramente com a professora Lynn Alves. Professora, como você vê a relação dos games com a educação?

Professora Lynn Alves – Bem, eu acho que essa discussão tem aumentado bastante no cenário das pesquisas brasileiras aqui e a gente tem tido um crescimento significativo até em nível de pesquisas. Assim, se a gente for fazer uma investigação no portal da Capes, por exemplo, tem crescido bastante as investigações em nível de dissertação e tese de doutorado nas áreas de educação e comunicação, duas áreas que mais produzem pesquisas no que se refere ao uso de eletrônicos. Então tem tido um investimento significativo dos pesquisadores para tentar aprofundar as discussões no que se refere às contribuições dos jogos eletrônicos para, principalmente, para educação, no que se refere à aprendizagem. E eu vejo da seguinte forma, eu acho que os jogos eletrônicos podem se constituir em espaços de aprendizagem significativos, não só os jogos eletrônicos voltados para educação, quer dizer desenvolvidos especialmente para educação, mas também os jogos eletrônicos que são os jogos comerciais, que eles podem se constituir em espaços para desenvolver determinadas habilidades cognitivas. Então eu imagino que esses artefatos podem contribuir, potencializando diferentes habilidades cognitivas, como a questão da antecipação, do planejamento, da resolução de problemas. Então eu acho que eles podem dar uma contribuição significativa para o desenvolvimento dessas habilidades. Como eu falei antes, tem crescido o número de pesquisas na área de educação no que se refere a mestrado e doutorado, mas você efetivamente não tem projetos com uma certa continuidade, inseridos já na questão da matriz curricular mesmo. Você tem experiências pontuais, assim. A gente ainda não mudou totalmente e não tenha ainda uma mudança de paradigma, assim. Não que eu ache que a gente deva transformar a escola numa *lan house*, não é isso. Mas eu acho que a gente deve estabelecer uma interlocução com todas as mídias, inclusive com os jogos, já que eles estão presentes de diferentes formas no contexto da escola.

Professor Michel Goulart – Na questão dos jogos, existem várias formas de utilizar jogos na educação. Nós temos, por exemplo, a questão dos jogos eletrônicos tradicionais em consoles, como Playstation 3, Xbox 360, jogos para computador. Nós temos agora com popularização dos dispositivos em escolas, com *tablets* e *smartphones*, nós temos agora uma grande leva de jogos como *Angry Birds*, que estão se popularizando aí. A rapaziada que gosta de baixar os jogos e jogar nesses dispositivos móveis. Essa relação do jovem com o jogo, muitas vezes o adolescente joga o jogo, vamos colocar na minha disciplina, por exemplo, que é história, muitas vezes o jovem entra em contato com o jogo que tem um plano de fundo em um cenário histórico. Vamos dar um exemplo, como um jogo sobre a Grécia antiga e um sobre faroeste, o oeste americano, pré-Primeira Guerra Mundial, e muitas vezes o contato com o jogo faz com que o adolescente passe pelo roteiro do jogo, passe por todo o processo até a conclusão do jogo, mas sem fazer as leituras do plano de fundo, do cenário, do contexto histórico daquele jogo, das representações que trazem o jogo. Então, nesse sentido, é fundamental a importância da mediação do professor. Porque o professor pode utilizar isso que é do cotidiano do aluno, que é do cotidiano do adolescente, que faz parte, que é significativo para ele, trazendo agora um pouquinho da questão de David Ausubel, da aprendizagem significativa, daquilo que é significativo para ele e a partir daí transformar este entretenimento em aprendizagem.

Apresentador – Muito bem, temos outra questão aqui. Professores, existe uma preocupação muito grande com relação à violência presente nos games. Qual a opinião de vocês sobre isso? Vamos ouvir então o professor Michel.

Professor Michel Goulart – É uma questão delicada em sala de aula, até porque hoje existe uma preocupação muito grande com essa questão. E nós vivemos às vezes sob uma certa preocupação com o tal do politicamente correto. Na verdade, eu acredito que o jogo eletrônico ele não estimula, ainda que ele tenha um viés violento, ele não estimula a violência. Seria mais ou menos, utilizando como exemplo paralelo, acredita que um filme de ação levaria a pessoa, o telespectador, a pessoa que o está assistindo a comportamentos violentos e isso não vai acontecer. Da mesma maneira um adolescente que joga um jogo, que, por ventura, tenha um cenário com alguns componentes violentos no jogo, ele não vai ser estimulado a praticar essa violência. Aliás, existem alguns ramos na psicologia que é o contrário, que na verdade esse tipo de jogo serve às vezes como uma válvula de escape em relação a essa questão da própria violência. E existem jogos, inclusive, que são jogos mais infantis, eu citei por exemplo, o *Angry Birds*, mas que na sua essência também traz um componente bastante violento, que é o formato do passarinho segurando uma espécie de uma funda, enfim, jogando em cima daqueles porcos. Então não deixa de ter um componente violento também. Eu particularmente acredito que o jogo não influencia, ainda que tenha componente de violência, ele não influencia na violência do ser humano. Porém, eu sou a favor de certas restrições. Eu acredito que existem jogos que devem seguir uma certa restrição de faixa etária. Ainda que eu acredite que é necessária essa restrição, mas a violência, não vai ser estimulada a violência porque o jogo tem um componente violento.

Apresentador – Agora vamos ouvir a opinião da professora Lynn Alves.

Professora Lynn Alves – As pessoas normalmente fazem uma relação muito direta entre os games e a violência, né? Então, eu tenho um papel que eu acho importante, que é o papel da mídia. Ela termina tendo, a mídia tem uma leitura muito simplista dessa relação e aí isso interfere, influencia muito a leitura que os pais fazem, que a comunidade de uma certa maneira faz, os pais, os professores. E aí as pessoas terminam fazendo também essa leitura muito simplificada de que jogou um jogo violento se torna uma pessoa violenta. E essa relação, não é assim uma relação tão direta, uma relação de causa e efeito, que não é porque você vai interagir com conteúdo violento que você vai se tornar uma pessoa violenta. Então obviamente para que esse conteúdo violento torne, transforme você em um sujeito que vai cometer um ato hediondo. Isso tem a ver com a sua estrutura psíquica, né? Se você tem algum conteúdo, se vai algo não vai bem com sua estrutura psíquica, se alguma coisa está sinalizando que você não vai bem e de repente você pode estar interagindo com um conteúdo que pode estar nos games, pode estar no cinema, pode estar na música, pode estar até no contato *face to face*. E aí pode realmente pode

aflorar um comportamento violento porque tem algo que já vem sinalizando que você não está bem e aí isso pode potencializar, mas não é o game em si. Agora obviamente que a gente, enquanto adulto tem que mediar o conteúdo que é veiculado nas diferentes mídias e diferentes games também. Então, se eu sou pai, se eu sou mãe, se eu sou professor, eu tenho que estar atento a esses conteúdos. E hoje a gente tem uma série de formas de conhecer esse conteúdo porque às vezes os pais falam assim, porque eu não conheço, como é que eu vou fazer essa mediação? Mas hoje isso é fácil. Então, assim se um pai às vezes não tem tempo, porque está trabalhando, mas hoje ele pode ter acesso a esse conteúdo no *YouTube*. Ele bota lá o nome do jogo e ele vai ver lá uma série de vídeos do *gameplay* do jogo e aí ele vai ter acesso à informação daquele conteúdo. Ou ele vai lá no site do Ministério da Justiça e ele vai ter acesso à informação, à resenha que eles fazem para a classificação indicativa para determinado jogo. Então ele tem informação suficiente para que ele possa fazer uma intervenção se aquele conteúdo é adequado ou não para o filho dele, né. Por que de repente pode não ser adequado para determinada família, mas para outra família pode ser adequado. Então é importante que haja essa mediação do adulto, mas no sentido de que o fato daquele conteúdo vai tornar um sujeito violento, né? Porque para que um sujeito se torne violento é necessário uma série de outros aspectos, outros fatores, até porque a violência é um fenômeno extremamente complexo e não pode ser analisado só por esse ponto de vista de quem interagiu com conteúdo violento e se torna violento, entendeu?

Apresentador – Muito bem, vamos fazer um pequeno intervalo e já voltaremos com esse bate-papo sobre games na educação. Hoje, com o professor Michel Goulart e a professora Lynn Alves.

Vinheta de encerramento – Uso de Games na Educação (1ª parte).

Para Maria Luiza Belloni (2009), a questão dos jogos eletrônicos também é vista com certo receio em relação a práticas relacionadas à educação, por conta de riscos psicossociais pela sua atração irresistível e pelas consequências que o uso intenso dessas máquinas podem causar em jovens, que sem sair de sua cadeira podem criar seus próprios mundos e viver e interagir com outras pessoas fazendo isso apenas no mundo virtual, em um cenário ultratecnológico. “Uma evolução simbiótica em que a máquina se confunde com o homem, e na qual o ser humano, sujeito criador se (con)funde com o artefato que ele criou” (BELLONI, 2009, p. 19).

No sentido de tentar oferecer uma orientação diferente e conteúdos com qualidade educacional, a Web Rádio Escola também busca produzir programas radiofônicos em regime de parceria, como é o caso emblemático dos programas do Condigital, que retrata aspectos da matemática em situações do cotidiano. Em entrevista concedida para esta pesquisa, a professora Elizabete dos Santos (cf. apêndice) aponta o Condigital como um dos programas mais marcantes durante o período em que esteve à frente do projeto da rádio, pela qualidade na produção do programa e pela sua temática bem específica, que era voltada para a matemática do Ensino Médio. A série de programas do Condigital contava com o financiamento do MEC, teve participação de alguns professores da UEL (Universidade Estadual de Londrina) e apoio à equipe de produção. O programa foi gravado como se fosse um programa de auditório e considerado pioneiro naquele momento pelo capricho na sua

produção, que incluiu, por exemplo, gravação externa e participação de quarteto de cordas tocando músicas de Bach. “Foi um grande desafio para nós. A gente quebrou a cabeça para chegar a esse resultado.”

O formato diferenciado da série Condigital, com vários diálogos, ainda teve como destaque na parte final do programa a leitura da ficha técnica, um tipo de dado bastante comum nas rádios jornalísticas, informando os nomes dos responsáveis pelo programa e suas funções. O acompanhamento da transcrição do roteiro do primeiro programa Condigital, que segue logo abaixo, atesta o alto padrão de qualidade da série:

Vinheta de abertura – Condigital Fractais - Bloco 01.

Locução (vinheta) – A partir de agora você entrará no mundo da matemática. Matemática ao pé do ouvido. Uma viagem pelo mundo da matemática.

Apresentador (Francisco) – No programa Matemática ao pé do ouvido de hoje vamos falar sobre a relação entre natureza, matemática e música. Você já ouviu a palavra fractais? Pois este é o assunto do nosso programa. E para conversar sobre fractais, convidamos a professora de matemática e de música Luciana (aplausos). Seja bem-vinda, professora.

Luciana – Obrigada, Francisco. É um prazer estar aqui.

Francisco – E teremos também a participação do quarteto de cordas do nosso colégio. Bom, para quem não sabe, um quarteto de cordas é formado, geralmente, por dois violinos, uma viola e um violoncelo, ou cello. Todos esses instrumentos são tocados com um arco.

Francisco – Conosco aqui também no estúdio está o pessoal do segundo ano. Cadê, cadê (aplausos). Mas e cadê o nosso aluno repórter, o Felipe, por onde será que ele anda?

Felipe – Tô aqui, Francisco, numa feira de rua no meio de um monte de frutas, verduras e legumes. Será que eu vou encontrar um fractal por aqui?

Francisco – É isso que a gente vai descobrir agora, Felipe. Professora Luciana, o Felipe pode encontrar um fractal numa feira?

Luciana – Então, o Felipe tá no lugar certo. Por incrível que pareça, ele pode encontrar fractal numa feira, sim. Toda feira tem legumes, não tem? Tem o quê? Tem couve-flor também. Couve-flor é um ótimo exemplo de fractal. Então, tente imaginar uma couve-flor. Se pegarmos um pedaço dessa couve-flor esse pedaço vai representar a couve-flor toda. Mesmo um pedacinho desse pedaço vai representar a couve-flor inteira. Essa é a característica fundamental dos fractais, a auto semelhança. A gente diz que num fractal cada fragmento representa o todo.

Francisco – Será que o Felipe sabe disso? Será que ele estudou antes de ir para a feira? Oi, Felipe, você tá me ouvindo?

Felipe – Oi, Francisco. Estudei, sim. E já achei dois exemplos de fractais. A couve-flor e também encontrei um tipo especial de samambaia, que o pessoal daqui chama de Renda Portuguesa.

Luciana – Essa samambaia Renda Portuguesa é muito bonita mesmo. E também é um exemplo de fractal. Assim como a couve-flor.

Francisco – Ok, Felipe. Obrigado pela sua participação. Então, professora, como se saiu o nosso aluno repórter?

Luciana – O aluno de vocês, o Felipe, tá muito bem informado. Mas todos esses exemplos que ele deu são de fractais simples. Nós temos também exemplos de fractais muito mais elaborados. Com formas geométricas complexas. Os computadores podem gerar uma infinidade de fractais. E o que pouca gente sabe, Francisco, é que a gente pode encontrar características dos fractais na música. (trecho musical erudito) (aplausos).

Francisco – Agora vocês se animaram, né? Perceberam que vão ter uma participação importante no programa de hoje.

Luciana – Isso mesmo, Francisco. Na hora que eu cheguei eu combinei com o quarteto para eles tocarem uma peça de um compositor alemão muito famoso, do século 18. Johann Sebastian Bach. Pessoal do quarteto, vocês podem tocar para a gente, o que a gente havia combinado? (trecho musical erudito).

Luciana – Agora eu vou pedir para a Priscila tocar um trecho dessa música no violino. (trecho musical erudito – só violino).

Luciana – Agora eu vou pedir para a Maria tocar um outro trecho menor dessa música na sua viola. (trecho musical erudito – só viola).

Luciana – Vocês prestaram atenção na semelhança entre os dois trechos? Eu combinei com a Priscila para ela tocar o trecho principal dessa música e a Maria tocou um outro trecho menor. O trecho da Maria é semelhante, mas não é igual ao trecho principal que a Priscila tocou.

Francisco – Peraí (sic). Quer dizer que nessa música o trecho principal se repete de maneira resumida em outras partes?

Luciana – Isso mesmo, Francisco. Isso significa que essa música possui a característica de auto semelhança dos fractais.

Francisco – Professora, só um instantinho. Eu quero falar mais sobre isso, mas agora a gente vai fazer um intervalo. Na sequência vamos ter a participação dos alunos do segundo ano. Cadê (aplausos e agitação), vamô (sic) ouvir aí...

Vinheta (intervalo) – Você está ouvindo Matemática ao pé do ouvido. Uma viagem pelo mundo da matemática.

Vinheta (volta do intervalo) – Voltamos com Matemática ao pé do ouvido. Uma viagem pelo mundo da matemática.

Francisco – No primeiro bloco, vimos exemplos de fractais na natureza e na música. Mas agora, professora Luciana, eu gostaria de saber como podemos relacionar os fractais com algum conceito da matemática que aprendemos na escola?

Luciana – Então, Francisco, poderíamos falar aqui sobre diferentes conceitos matemáticos ligados à geometria fractal. Mas, nesse programa, nós só vamos falar de progressão geométrica. Agora, Francisco, eu vou precisar do Alex, com o seu violoncelo, para ilustrar como que a PG vai aparecer na música.

Francisco – Ah, espera aí, Alex. Tem aluna do segundo ano querendo participar. Pode falar Ana.

Ana – Professora Luciana. O que tem a ver PG com fractal?

Luciana – Então, Ana. A sequência de números gerados por uma PG também está relacionada com as partes que compõem um fractal.

Ana – E a relação da PG com o violoncelo do Alex, professora?

Luciana – Para explicar isso, eu vou precisar do Alex.

Francisco – Mas antes disso, para quem não sabe, o violoncelo é aquele instrumento de cordas que o músico da orquestra toca sentado, com o violoncelo entre os joelhos.

Luciana – Então, para responder essa questão da Ana, nós vamos utilizar somente uma corda do violoncelo. A corda que produz o som mais grave. Uma informação importante é que o comprimento dessa corda é aproximadamente 68 centímetros. O som que vocês vão escutar vai ser da nota Dó. Pode tocar! (Som de violoncelo – corda Dó).

Luciana – Agora vou pedir para o Alex para pressionar a corda bem no meio para reduzir o comprimento dela pela metade. O som que vocês vão escutar também vai ser um Dó. Toca para a gente, por favor, Alex. (Som de violoncelo – corda Dó com pressão no meio).

Luciana – Alguém percebeu algo em comum entre esses dois sons?

Francisco – Pode falar, Flávio.

Flávio – Acho que é assim. Quando a corda fica menor parece que o Dó é mais agudo e é sempre uma nota Dó.

Luciana – Isso mesmo, Flávio. O som que o Alex produz com a corda reduzida pela metade, que mede 34 centímetros, é semelhante ao som que ele produz usando a corda inteira, de 68 centímetros. Quanto mais eu diminuo o comprimento da corda mais agudo fica o som. E como você falou, Flávio, o Alex está sempre tocando uma nota Dó. Então o que nós temos são várias notas semelhantes, mas não são iguais.

Francisco – E se eu dividir a corda pela metade outra vez. Ela vai ficar com 17 centímetros. O que acontece?

Luciana – Nós vamos escutar uma mesma nota Dó. Só que mais agudo ainda. Toca para a gente, Alex, reduzindo o comprimento da corda para 17 centímetros, por favor. (Som de violoncelo – corda Dó com pressão em 17 cm).

Ana – Mas a PG, professora. Onde consigo perceber a PG nesse exemplo?

Luciana – Então, podemos dizer que esses Dós que o violoncelo pode produzir dão origem a uma PG de razão um meio. Lembre-se que em cada som produzido dividimos a corda pela metade.

Luciana – Agora Alex, para encerrar, toque a nossa PG de razão um meio. O som vai ficar cada vez mais agudo. Mas percebam, vai ser sempre uma nota Dó. (Som de violoncelo – corda Dó, com pressão no meio e na metade outra vez).

Luciana – Então, Ana, voltando àquela pergunta anterior. O que tudo isso tem a ver com fractal. Um fractal é gerado pela repetição de um mesmo procedimento várias vezes. Assim como a gente fez na obtenção dos vários Dós. A corda foi reduzida pela metade, depois pela metade novamente, pela metade e assim por diante. Ou seja, uma progressão geométrica de razão um meio. Agora ficou mais claro, Ana?

Francisco – Professora, pena que o nosso tempo está acabando. Foi muitíssimo interessante encontrar fractais na natureza, na música, na matemática. Muito obrigado, professora. (aplausos) Valeu também a participação dos alunos do segundo ano, hein. (mais aplausos) Obrigado ao pessoal do quarteto de cordas do colégio.

Francisco – Esse foi mais um Matemática ao pé do ouvido. Obrigado a todos vocês que nos ouvem e até a próxima.

Vinheta de Encerramento – Condigital Fractais - Bloco 02.

Locução (vinheta) – Você acabou de ouvir Matemática ao pé do ouvido. Uma viagem pelo mundo da matemática.

Ficha Técnica (leitura junto com a vinheta)

Direção: Ricardo Petracca

Roteiro: Cristiane Mateus

Apresentação: Luis Carlos Pazello

Conteúdo: Professora Luciana Gastaldi

Atores: Flávia Lima, Eziquiel Menta, Andrea Zauri

Músicos convidados: Quarteto de cordas Iguaçu

Gravação, edição e mixagem: Álvaro Ramos

Produção: Lactec – Instituto de Tecnologia para o Desenvolvimento, Secretaria de Estado da Educação do Paraná

Realização: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação

Com base em exemplos da programação da Web Rádio Escola, do ponto de vista da produção de materiais pedagógicos e técnicos, pode-se identificar conteúdos que apresentam valores didáticos e de comunicação significativos e que podem contribuir para o aprimoramento da base de conhecimento dos estudantes e dos demais ouvintes. Tal processo nas mídias educativas é reconhecido por Maria Luiza Belloni (2009, p. 26) como força de atuação da mediatização, que é a concepção de metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino-aprendizagem para potencializar as possibilidades de aprendizagem autônoma. Dessa forma, a participação e percepção da programação da rádio e seus efeitos e aplicações em metodologias de ensino e estudo podem abrir perspectivas interessantes e encorajadoras para que haja mais debates de ideias e ações colaborativas de professores e estudantes no campo escolar.

3.9 A QUESTÃO REGIONAL PARA UMA EDUCAÇÃO NACIONAL

A Web Rádio Escola está situada no Paraná e tem como sua sede administrativa a cidade de Curitiba. O modelo de transmissão da programação se diferencia por usar exclusivamente a internet como forma de recepção, mas, a exemplo de outros tantos projetos de rádios de cunho educativo que foram desenvolvidos por boa parte do território nacional, a rádio paranaense trabalha com sua questão identitária e mantém fortes laços na sua programação com a cultura regional. O fato de trabalhar com assuntos e temas regionalizados e também localmente constitui a ação comunitária que nada mais é do que um dos principais elos da articulação de uma rádio educativa. O desenvolvimento de uma comunicação trabalhada, enfocada, direcionada aos problemas da localidade reforçam sua presença no contexto nacional e ajuda a resgatar sua cultura, seus símbolos e orgulho de viver e pertencer ao lugar onde vive, estuda e trabalha. Como salienta Maria da Graça Setton (2010, p. 71), que destaca o enfoque local como a possibilidade de se observar e compreender a interação entre as lógicas de produção e da recepção das mensagens da cultura e das mídias, já que “[...] são esses procedimentos que reúnem e dinamizam as negociações entre diferentes lógicas culturais”.

Para assimilar melhor a importância e a valorização da questão regional, que aparece bem nítida na questão do sotaque e no tratamento dos valores regionais na programação radiofônica da Web Rádio Escola, é interessante acompanhar a transcrição da primeira parte do programa Espaço Musical, com a participação da folclorista e pesquisadora da cultura paranaense Cremildes Ferreira Bahr, em uma conversa descontraída sobre tradição, música, folclore, dança e símbolos do Paraná:

Vinheta de abertura – Espaço Musical – Parte 01

(Tema de abertura: Araucária – Grupo Meu Paraná).

Locução (vinheta) – Neste programa você ouvirá uma entrevista com a compositora, pesquisadora e fundadora do Grupo Meu Paraná, a Cremildes Ferreira Bahr (Mide).

Apresentador – Estamos iniciando mais um espaço musical e hoje recebendo a compositora, pesquisadora e fundadora do grupo Meu Paraná, a Cremildes Ferreira Bahr, a Mide, conhecida assim, hoje, tia Mide. Seja muito bem-vinda ao nosso programa.

Cremildes Ferreira Bahr – Obrigada, muito obrigada. Obrigada pelo convite.

Apresentador – Imagine. Sempre portas abertas. Vamos começar então, Mide, perguntando, como foi o seu primeiro contato com a música, como é que foi esse gosto musical, esse trabalho?

Cremildes Ferreira Bahr – Pela música, o gosto veio pela família. Minha família era musical. Meu pai tocava violão muito bem, de sete cordas. E sempre reunia os amigos e sempre as visitas que fazíamos eram em casas de músicos, né? E a gente cresceu achando que todas as famílias tinham aquela formação. À medida que a

gente se alfabetizava, a gente ia crescendo na música também e achava normal aquilo. Depois a gente veio a ver que eram poucas as famílias que tinham esta condição de passar para os filhos a musicalidade e o ritmo, como nós. Mas com o tempo, os meus irmãos foram se profissionalizando na música, o Lalo, pianista, o Juca, baterista, o Lápis, violão, cantor e compositor, naquele tempo não era cantor e ele mesmo não se dizia cantor, porque naquele tempo compositor era compositor e tinha os cantores que cantavam as músicas dos compositores, né? O que mudou depois que os próprios compositores ficaram já cantando suas músicas. Mas a gente cresceu nesse ambiente e como a veia artística a gente já tinha, então a gente já foi para este lado.

Apresentador – Quem bom! Teve algum estilo específico que interessou muito a senhora assim?

Cremildes Ferreira Bahr – O começo era o que a gente fazia em casa, era música popular brasileira. Depois eu entrei para a música erudita e religiosa, porque eu frequentava um coral religioso e o maestro desse coral, que era o coral Pio XII, que era um dos melhores do Brasil, na época, em músicas religiosas, me convidou para participar de um quarteto. Eu era contralto, a minha irmã Didi era soprano e ele era Aldo Ademar Hasse, que era o tenor e o maestro, e tinha um baixo, que era o Dítmar Bacchi, que era o baixo desse quarteto. Nesse quarteto, era para seguir a música, invernada artística dum CTG⁸, o 20 de setembro, e nestas reuniões desses ensaios a gente começou a aprender muito sobre o Rio Grande. À proporção que a gente ia aprendendo sobre o Rio Grande, e foi muito bom, né? As cores, os símbolos, tudo do Rio Grande, a gente começou a ver que não sabia nada sobre o Paraná. E vinha um questionamento assim. Mas e o Paraná? Qual é a música do Paraná? E os símbolos do Paraná? O que quer dizer, sabe? Começou assim a despertar que a gente não sabia nada sobre o Paraná. Então nós deixamos o CTG 20 de setembro e formamos a Associação Tradicionalista Galha Azul para começar a estudar qual era a música do Paraná, qual era a característica do Paraná, qual era a cara do Paraná. E essa conscientização, que só foi na década de 60, vem até hoje assim me instigando para fazer com que os outros também despertem para conhecer e para viver esta cidadania e conhecer o Paraná. E a gente pegou o lado do fandango, que é para fazer esta conscientização. Então eu me considero “conscientizadora”, sabe? E eu acho assim que tenho que conscientizar as pessoas que nós temos um ritmo, nós temos uma música, e é através do fandango que eles conheçam o Paraná.

Apresentador – O professor Inami, que é um grande pesquisador e também folclorista paranaense, ele sempre diz que aprendeu com o vovô dele: Quer conhecer sua cidade, sua região, conheça sua cultura. E passe esse gosto. Eu vejo que é o seu trabalho, né?

Cremildes Ferreira Bahr – Esta Associação Tradicionalista Galha Azul foi formada por nove pessoas. Uma das pessoas era o professor Inami. Então, eu a minha irmã, e mais sete pessoas. Dessas sete pessoas estava o professor Inami, e o professor Inami começou a fazer esse trabalho. Então, olha, o que está representando o Paraná, porque há mais tempo tocado e dançado, é o fandango. Ele fazia esse trabalho já há 10 anos. Então ele nos levava ou nós trazíamos os batedores, os tocadores, os fandagueiros ou nós íamos lá. Eu tive a felicidade de conhecer uma casa de fandango. Aquela casa toda de madeira, grande, com aquele chão de madeira e aquele porão grande para fazer a caixa acústica. Eu tive a felicidade de conhecer quando o Valadares ainda não tinha ponte. Para ir de Paranaguá para Valadares ainda atravessava com bote, com duas pessoas só e ele dirigia no banquinho da frente. Só atravessa de duas em duas pessoas, né? Mas eu tive essa felicidade e acho que vou fazer esse trabalho até o fim da minha vida. De conscientizar as pessoas, de fazer essa “mostragem” do fandango para que dali, elas conhecendo o que nós temos, um ritmo, elas se perguntem. E o resto? E as nossas coisas? As nossas flores? As nossas frutas, quais são? Nosso símbolo, qual é? Nossas cores, quais são? Que o Paraná ainda está bem atrasado, né? Eu acho que essa conscientização ainda não existe.

Apresentador – Trazer a cultura, tanto para o povo, em todos os seus segmentos, escolas, comunidades, né? Acredito que precisa saber mesmo!

⁸ Centro de Tradições Gaúchas.

Cremildes Ferreira Bahr – É preciso saber e ter uma identidade. O Paraná tem que ter uma identidade. Você pergunta, qual é a identidade do Paraná. Parece que as pessoas estão muito arraigadas às tradições dos seus avós, dos seus tios, dos seus pais, e elas não pensam que nós já temos. Porque quando você vai fazer esse trabalho no Sudoeste, por exemplo, eles dizem que nem conhecem o fandango. Nunca ouviram falar. Mas historicamente você tem que dizer que é o fandango porque há mais tempo, ele veio de pai para filho, até hoje nas ilhas lá tem. O fandango está vivo, né? Então como esse está sendo trabalhado há mais tempo, ele é o representativo, embora tenha regiões que não conhecem e não conhecem porque não tem esse trabalho de “mostragem”.

Apresentador – Sabemos também que esse contato com os fandanguinhos, como a senhora falou que teve lá junto com esse grupo, que foi lá fazer um estudo. Nós sabemos que tem várias canções que são tradicionais do fandango, e tal, e que o seu grupo que a gente falou aqui que a senhora é responsável, é fundadora do grupo Meu Paraná, que também canta. Gravaram recentemente um CD, quer dizer, está aí, foi distribuído esse CD do grupo Meu Paraná. Se quiser falar um pouco como é que foi esse trabalho, de trazer essas canções. Para depois a gente ouvir uma das músicas do CD para mostrar aí para os nossos ouvintes.

Cremildes Ferreira Bahr – Este CD nasceu da necessidade de, quando você faz uma oficina, vai numa escola, e você faz uma “mostragem” do que é o fandango, fala sobre o fandango, quando você sai tem que deixar alguma coisa. E esta coisa seria, se outros grupos já tivessem tido esse trabalho, porque há tantos anos que a gente vem trabalhando, antigamente não tinha material nenhum. Hoje, graças a Deus, ainda tem uma coisa, mas, antigamente, não tinha. Então, não era nossa ideia nós fazermos um CD, mas a gente viu a necessidade de deixarmos alguma coisa. Porque os professores diziam: mas e agora com o que a gente vai trabalhar? Então você tinha que deixar alguma coisa. Fizemos esse CD. Então a gente escolheu assim, as músicas mais simples, porque o fandango é muito rico, tem marcas muito difíceis. Que os próprios fandanguinhos trabalham muito para apresentarem bem, tipo Queromana, que são marcas assim, bem mais difíceis. Tonta, são marcas bem mais difíceis. Agora nesse CD tem as músicas mais simples, que você pode trabalhar com os alunos, como Marinheiro, uma das músicas, assim, mais simples. Tem músicas feitas com ritmo de fandango, porque os compositores também, paranaenses, ainda não utilizaram esse ritmo, que é tão bonito, e que pode ser construída músicas com esse ritmo. Que é o nosso, né? Então, nós fizemos algumas músicas assim, e usamos o ritmo do fandango, a batida do fandango, os instrumentos do fandango, para mostrar que pode ser criada hoje uma música em ritmo de fandango. Não só utilizar aquelas marcas que já foram criadas por eles mesmos, mas pode-se criar músicas dentro desse ritmo mesmo.

Apresentador – Nesse ritmo, nesse embalo. Inclusive, o uso dos instrumentos, as linhas melódicas que os instrumentos fazem, harmônicas. Falando nisso, Mide, gostaria de pedir então uma música para que os nossos ouvintes possam ouvir. Já que nós falamos do professor Inami. Vocês gravaram aqui uma música, o Barreado, prato típico paranaense também.

Cremildes Ferreira Bahr – E nas apresentações nós fazemos assim, os tamancos imitam o trem. Porque você fala em Paranaguá, já lembra do trem. Se bem que hoje em dia, menos pessoas vão com o trem, mas a gente fala em Paranaguá, já está na tua ideia o trem. Então nós fazemos em apresentações. Nós fazemos uma alegoria do trem e fazemos a “mostragem” da batida, com os tamancos do trem. E essa música Barreado eu acho uma música muito bonita. A letra muito bonita. Útil, porque dali dá para você fazer um barreado muito bem feito. O professor Inami foi muito feliz, porque essa letra eu acho que dá bem para você dizer o barreado é isso aqui, você pode seguir isso aqui que vai dar um barreado muito gostoso.

Apresentador – Vamos ouvir, então, com o grupo Meu Paraná, Barreado, do professor Inami Custódio Pinto.

(Execução da música Barreado na interpretação do Grupo Meu Paraná).

Vinheta de encerramento – Espaço Musical – Parte 01.

De fato, a comunicação é um processo que se faz presente em tudo e, na analogia de Angela Schaun (2002), ela está transitando em um pântano invisível, transparente, entre as diferentes linguagens, palavras, discursos, sons, falas, imagens, narrativas, abrigando, ainda, a discussão de uma nova dimensão da realidade, propiciada pela velocidade da luz. “Comunicação a ser desgaste de energia, atrito, fricção, movimento intermitente, produção, consumo e pura circularidade” (SCHAUN, 2002, p. 30).

No sentido de atribuir uma função prática e educativa para as tecnologias de comunicação e informação, Maria da Graça Setton (2010) ressalta que as mídias exercem seu papel de poder e influência e podem ser tão poderosas quanto seus companheiros de prática pedagógica, como a família e a escola, por exemplo. Mas, assim mesmo, as mídias não detêm o monopólio das informações e não agem sozinhas. “Como a família, a religião e a escola, as mídias, entre outras agências educativas, podem ser consideradas produtoras de uma nova forma de fazer cultura” (SCHAUN, 2002, p. 9).

Para a professora Elizabete dos Santos (cf. Apêndice), uma das idealizadoras da Web Rádio Escola, o uso das novas tecnologias em sala de aula ainda é visto com um pouco de receio, especialmente pela resistência de professores e escolas, que ainda trabalham com linhas e perfis mais tradicionais e conservadores na prática do ensino, pois esse é um processo inevitável e que já está sendo incorporado na educação para que não continue esse desajuste de escolas e professores analógicos dando aulas a estudantes digitais.

O recurso tecnológico dentro da escola às vezes é meio inebriante e assim ele perde em consistência. Os recursos midiáticos têm uma grande capacidade de sedução e, por causa disso, às vezes, eles perdem em profundidade, em consistência e o processo educacional não pode perder em consistência.

[...] A tecnologia traz mais dinâmica para a relação professor-aluno, pois o conhecimento não fica tão centralizado na figura do professor, que sabe o que tem que ser ensinado, mas a tecnologia dilui um pouco isso, traz outras perspectivas que nem sempre são fáceis para o professor lidar.

[...] Eu penso que na questão do aluno, pois o professor tem muita dificuldade de se colocar no lugar do aluno e a tecnologia tira um pouco do chão do professor. Agora se o professor souber usar, se for uma pessoa aberta, se tiver clareza do que está fazendo em sala de aula, as tecnologias oferecem recursos e estratégias de trabalho que podem potencializar, e muito, a aprendizagem. (cf. Apêndice).

Para a professora Eguimara Selma Branco, que atuou na Web Rádio Escola, como coordenadora de Multimeios, o uso de meios tecnológicos de comunicação como ferramentas de educação em sala pode proporcionar aos estudantes a possibilidade de se tornarem autores e participar de uma forma diferente de aquisição de conhecimento e experiência de ensino, em

sintonia com o mundo contemporâneo e mais próxima da realidade, conforme depoimento enviado via *e-mail* para esta pesquisa:

Entendo que a produção na escola, por meio das diferentes tecnologias, tanto pode mobilizar alunos para uma nova relação com o conhecimento historicamente produzido quanto colaborar na construção de outras imagens da realidade.

Pois os alunos deixam de ser somente espectadores e, com a possibilidade da produção, se inserem em uma outra relação com o conhecimento na medida em que, no momento de criação, podem se apropriar dos conteúdos de forma crítica e reflexiva.

No caso da Web Rádio Escola, entendo que ela é um veículo que permite divulgar e incentivar essas produções. (Eguimara Selma Branco, 26 ago. 2014).

Portanto, se é fundamental reconhecer a importância das tecnologias de comunicação e informação e a criação urgente de mecanismos que possibilitem uma maior integração com a educação, também é importante evitar o risco de encantamento e sedução do uso indiscriminado da tecnologia por si só, por mais que suas virtudes técnicas sejam mais atraentes que suas qualidades pedagógicas. Maria Belloni (2009, p. 24) entende que o processo educativo não deve sofrer pressão externa, como de fatores políticos ou industriais, já que os professores também não podem se sentir pressionados a fazer uso de tecnologias em sala de aula e a desenvolver atividades para as quais ainda não estão confortáveis, simplesmente para atender outros interesses e motivações. No século 21, em que vivemos ainda em tempos de valores distorcidos e que são substituídos facilmente por valores mercadológicos parece cada vez mais salutar confiar na criatividade e acreditar na educação como instrumento de transformação social. Como salienta Maria Inês Amarante (2012, p. 226) a respeito da importância da radioescola na formação comunitária do estudante, que, ao atuar em uma autêntica rádio comunitária escolar, se transforma em um sujeito ativo deste processo de comunicação e capaz de alterar sua trajetória pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação pública brasileira está passando por um momento de reflexão e transição. Para dar sequência e superar as dificuldades no ensino são lançados programas e projetos na esfera pública e privada. Alguns até bastante pirotécnicos e propagandistas, no sentido de fazer barulho, mas se revelam pouco representativos e não oferecem uma solução derradeira ou uma panaceia para resolver de vez os problemas e as mazelas da educação no país. Realmente, trata-se de uma tarefa difícil, mas também não é uma missão impossível.

Temos as nossas dificuldades, como professores desestimulados por falta de condições de trabalho e de remuneração adequada. Também temos estudantes dispersos e desinteressados, que estão em uma escola que se apresenta mais como um lugar para passar o tempo, em que aprende pouco, e que não é capaz de estimular, motivar e maravilhar o jovem em busca de respostas para saciar sua curiosidade, matar sua fome e sede de conhecimento.

A realidade pode ser cruel. Mas, sem querer ser apenas um provocador para ficar reclamando da situação, é preciso repensar a questão das mazelas da educação com uma nova atitude. O avanço tecnológico está aí diante de todos e, de certa forma, também está ao alcance da escola e pode ser um caminho. No entanto, é preciso saber usar as tecnologias para aproveitar as suas ferramentas de forma positiva e inspiradora no modelo pedagógico.

Seja para a motivação de fazer o bem, seja para a causa do mal, não importa. O que é fato incontestável é que as mídias estão aí, presentes em praticamente todas as esferas da sociedade, estão nas ferramentas das novas tecnologias da informação e comunicação e fazem parte da nossa vida, mesmo que não percebamos, e cada vez mais fortes. As mídias constituem uma forma de vivenciar, experimentar e fazer cultura, que retratam bem sua condição em uma sociedade moderna, globalizada e orientada, sobretudo, pelo comércio e pelas relações de consumo. Não cabe, também, atribuir valor à relevância de agentes de produção cultural como jornal, rádio, televisão e internet, já que cada um provocou no mundo uma significativa transformação ou revolução na comunicação e na vida das pessoas, em diferentes momentos da história, como um reflexo do desenvolvimento tecnológico.

A televisão e a internet, como mídias populares e hegemônicas, travam um diálogo constante, crescente, persistente e até hipnótico, no sentido de transmitir informação e entretenimento a todo instante, como parte de uma programação frenética que trata a audiência mais como uma clientela do que como espectadores, apresentando um espectro de educação em programas dinâmicos com enfoque a partir da emoção e diversão.

A aposta na ideia da aplicação dos recursos tecnológicos como instrumento pedagógico ou educativo não é nova e já foi amplamente experimentada em diferentes níveis, alcançando resultados positivos em alguns casos e sem conquistar a efetividade desejada em outros, mas que acabaram servindo como fonte de referência e um modelo de estudo para o surgimento de novos projetos. Inclusive, alguns puderam abrir espaço para uma participação maior do estudante e da comunidade no ambiente escolar para que atuassem no desenvolvimento e na produção do projeto de educação e comunicação. Um aspecto salutar, no sentido de promover a valorização e o protagonismo do estudante, ao mesmo tempo que aproxima a escola da comunidade. Uma espécie de conjunção, em que o indivíduo passa a ser estimulado a ter autoria na produção e passa a se sentir estimulado a produzir, escrever e ler.

Partindo desses princípios, contextos e afirmações, fica mais evidente que a articulação das mídias na educação é uma questão para ser pensada (e repensada) pelos educadores. Pois, desde a função tradicional do livro e do quadro de giz, ao uso do moderno laboratório de informática, a escola vem dando verdadeiros saltos qualitativos e sofrendo transformações que levam a tiracolo um professor mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado, inseguro e até acuado frente ao enorme desafio que representa a incorporação das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar. Como um campo interdisciplinar, é preciso considerar os componentes desta prática pedagógica, que engloba uma utilização cada vez maior das tecnologias de produção, estocagem e transmissão de informações, e o redimensionamento do papel do professor, como um agente produtor de conteúdo nas novas plataformas tecnológicas e um mediador entre as mídias e os estudantes, estabelecendo uma moderna concepção de relação dialógica. Não trabalhar em uma educação adequada de formação, sem procurar uma apropriação crítica dos dispositivos técnicos e tecnológicos abre precedente para o surgimento de uma sociedade de informação com falhas, pois a educação também tem sua função de promover a cidadania.

Nesse sentido, a utilização das práticas radiofônicas como uma ferramenta interdisciplinar de ensino representa para o estudante uma perspectiva para a assimilação do conhecimento das estruturas de linguagens midiáticas, das culturas e de construção da realidade e, para o professor, significa uma possibilidade de fazer uma abordagem diferente, mais atraente e mais atualizada, para se trabalhar com os conteúdos em sala de aula. A relevância da escola é sugerir e estimular os professores para que abram espaço no seu plano de ensino para o estudo e atividades relacionadas às tecnologias da informação e comunicação, de modo que se faça uma leitura crítica do seu papel social e seus reflexos na

comunidade. A relevância para os estudantes é a possibilidade de usar o potencial das mídias como atividades para o desenvolvimento e a mediação do conhecimento.

Ao longo de uma trajetória de 90 anos, a atividade radiofônica no Brasil é marcada pelo seu papel de importância e valorização da educação, da cultura, da política, assim como da sociedade e seus desdobramentos. Muito disso deve-se às incursões da rádio na educação, com muitos experimentos marcantes. No decorrer desta pesquisa, foi possível fazer uma imersão no projeto educacional da Web Rádio Escola, uma iniciativa radiofônica paranaense que faz a transmissão de sua programação pela internet, diferenciando-se das rádios de transmissão tradicional e seguindo as tendências e os rumos ditados pela modernidade. A rádio educativa é um instrumento que pode ajudar a transformar a realidade, no sentido de levar o estudo até mesmo onde não há escola, e também de resistência, na sua coragem histórica vivida nas rádios educativas e comunitárias. Com a abrangência da rádio na internet se rompem barreiras geográficas e sua programação se dissemina para o mundo.

Como pôde ser acompanhado ao longo desta pesquisa, a rádio é um instrumento que ajuda a desenvolver e a promover, entre outras qualidades, a criatividade, a socialização, a cidadania, o desenvolvimento da fala (fluência verbal) e da escrita (produção de textos), ao mesmo tempo que age na percepção dos sentidos e também desperta o interesse e a concentração, além de contribuir para desenvolver maior autonomia no estudante. Um aspecto tão desejado e discutido, no campo acadêmico, entre educadores e dentro na própria escola pelos seus docentes, o que acaba rendendo um ótimo discurso, motivos para reuniões e um pensamento de trabalho revigorante, mas, por diferentes razões, acaba enfrentando entraves burocráticos e dificuldades históricas, curriculares, políticas e, por isso, acaba não se desenvolvendo da maneira que todos gostariam.

O desenvolvimento de um processo de conscientização, finalidade do processo de educação, em que o indivíduo se reconhece como sujeito que participa e interage com os meios e controla e determina os rumos de sua história, é resultado de um constante e insistente exercício de participação. Isto é, o estudante tem a capacidade de tornar-se conhecedor das dificuldades vividas pela sua comunidade e de adotar uma postura e visão crítica em relação aos problemas que fazem parte de sua escola. A partir desse entendimento, o estudante passa a ter uma consciência efetiva da realidade que precisa enfrentar, e torna-se um agente capaz de oferecer ideias e soluções para fazer uma sociedade e uma escola melhor.

Trabalhar nos estudantes uma visão crítica sobre os meios midiáticos e sua função social perante a sociedade globalizada também é uma forma de aprender, debater, questionar e

discutir sobre tudo que faz parte do cotidiano das pessoas. Isso também configura o exercício e o desenvolvimento para fortalecimento de uma cidadania plena.

No campo das ideias, até podem surgir pensamentos abstratos e coisas efêmeras, mas também há espaço para criatividade e inspiração. Então, o que pode tornar um sonho em realidade é simplesmente perseguir aquilo que se deseja. Em outras palavras, sem burocracias, sem grandes despachos de papeladas, sem maiores entraves políticos e administrativos, surgiu a Web Rádio Escola, partindo de um projeto para complementar a oferta de recursos tecnológicos de ensino na plataforma de recursos educacionais do Estado do Paraná na internet. Com uma programação educativa, variada e criativa, a rádio conquistou, e ainda vem conquistando, seu espaço como ferramenta de educação para instrumentalizar professores, estudantes, escola e todos nas cercanias da comunidade escolar.

Para aqueles que não têm familiaridade com o uso de mídias na educação, o que se propõe aqui é um espaço para atizar a curiosidade e estimular o debate, uma forma de entrar em contato com esse mundo que pode ser um tanto misterioso, que transita boa parte do tempo no virtual, mas, em contrapartida, oferece um caminho diferente para se chegar ao conhecimento, possibilita fazer novas descobertas e permite explorar toda sua potencialidade.

O que se anseia do professor e educador que tenha acesso a esta pesquisa é que se sinta mais estimulado, motivado, tenha a mente sempre aberta para que possa exercer com mais criatividade e inspiração o seu trabalho de ensinar e cumprir seu papel na educação. A partir de então, o que se espera é que as mídias e as ferramentas tecnológicas possam ser suas novas parceiras e aliadas na missão de ajudar a transformar o mundo pela educação.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Maria Inês. *Rádio comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã*. São Paulo: Intermeios, 2012.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. *A Rádio no Espaço Escolar: para falar e escrever melhor*. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

_____. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo: AnnaBlume, 1999.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Educação, ensino & literatura: propostas para reflexão*. 2. ed. São Paulo: Arte-Livros, 2012.

_____. *Tempo-memória*. São Paulo: Arké, 2007.

_____; ROGGERO, Rosemary (Org.). *Tempo-memória na educação*. São Paulo: BT Acadêmica, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre Educação e Juventude*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Souza. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

_____. *Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

_____. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BLOIS, Marlene. Rádio Educativo no Brasil: uma história em construção. In: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Doris Fagundes (Org.). *Rádio Brasileiro: episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 35-36.

BRASIL. *Lei n.º 9.612/1998: dispõe sobre o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm>. Acesso em: 25 jun. 2014..

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação*. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

- COELHO NETO, Armando. *Rádio Comunitária não é crime*. São Paulo: Ícone, 2002.
- CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ERCILIA, Maria; GRAEFF, Antonio. *A Internet*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- FERRANETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A Educação como Prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Em defesa da sociedade*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GHEDINI, Frederico Barbosa. *Nas ondas sonoras da comunidade: a luta pelas rádios comunitárias no Brasil*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2009.
- GIRARD, Bruce. *Secreto a voces: Radio, NTICs e Interatividade*. Roma: FAO, 2004. Disponível em: <<http://www.comunica.org/secreto/pdf/secreto.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- GOMES, Daniel Augusto Vila-Nova. *Rádios comunitárias, serviços públicos e cidadania: uma nova ótica constitucional para a crise dos serviços de (tele)comunicações no Brasil*. São Paulo: LTr, 2009.
- HOBBSBAWM, Eric. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. *Educação a distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane Price. *Sistemas de informação com internet*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 11. ed. Tradução Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Projeto Minerva” (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educa Brasil. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=291>>. Acesso em: 26 maio 2014.

PAIVA, Marlúcia Menezes de (Org.). *Escolas Radiofônicas de Natal: Uma História Construída por muitos (1958-1966)*. Brasília, DF: Liber Livro, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIMENTEL, Fabio Prado. *O rádio educativo no Brasil: Uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Soarmec, 1999.

PRADO, Emílio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1988.

REYZÁBAL, Maria Victória. *A comunicação oral e sua didática*. Bauru: Edusc, 1999.

RUAS, Fátima Virgínia Gorga; SILVA, Josefa Espírito Santo. *Projetos Pedagógicos & Internet*. São Paulo: Rideel, 2011.

SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SANTAELLA, Lúcia. *A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. *A Teoria Geral dos Signos: Semiose e Autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1992.

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

APÊNDICE A – Entrevista com a professora Elizabete dos Santos

Transcrição da entrevista realizada em 21 de junho de 2014, por telefone, para esta pesquisa com a professora Elizabete dos Santos, responsável pela Diretoria de Tecnologia Educacional (Ditec), departamento vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná que implantou a Rádio Web Escola.

Pesquisador: Como surgiu a rádio?

Elizabete: Bem, ela aconteceu em 2009. Acho que em 2009 a gente conseguiu concretizar. Talvez estivéssemos pensando nisso desde o final de 2008. Na época, eu estava na direção de tecnologia na Secretaria de Estado da Educação do Paraná. E a gente já trabalhava com a TV [TV Paulo Freire] para a escola, e nesse trabalho com a TV a gente percebeu que poderia ir ampliando e trabalhando com outra mídia de áudio. A gente tinha uma facilidade do ponto de vista técnico, que era a conexão em todas as escolas como parte do processo de implementação, na época, do Paraná Digital, tanto conexão como equipamento em todas as escolas da rede e isso de alguma forma nos possibilitava, potencializava o uso de tecnologia. Trabalhamos com portal educacional com televisão, com ferramentas interativas na internet e pensamos que a rádio seria uma mídia a mais de relação para as escolas, os professores, com alunos. No primeiro momento nós pensamos em priorizar a produção da rádio sendo direcionada para os professores.

Pesquisador: Por que desenvolver uma rádio na internet?

Elizabete: Eu acho que pela condição da gente adequar mais a programação da rádio à rotina da escola, acho que foi o mesmo conceito da TV, então, a gente poderia tá direcionando a programação aos horários, à rotina da escola e uma rádio educativa tem um compromisso mais com o público aberto e a ideia de ter uma radioweb, que nos dava mais autonomia e poderia funcionar de forma mais articulada e próxima das rotinas escolares, e esse foi um ponto importante que a gente considerou, na época, a questão da diversificação da linguagem, também porque a gente trabalhava, do ponto de vista pedagógico, com conceito de abordagem de conteúdo na área de educação a partir de diversas linguagens. Então a gente entendia, por exemplo, a internet, a web, o conteúdo que você tem nas páginas na internet como um tipo de linguagem. Ela oportuniza uma relação com conteúdo de uma determinada forma e na televisão de outra forma e na rádio de outra, e, então, a gente pensava nessa múltipla possibilidade de linguagem, mesmo na abordagem dos conteúdos que a gente gostaria e que tinha por objetivo tratar com as escolas.

Pesquisador: O projeto teve algum parâmetro ou sofreu influência de outros projetos de rádio como Minerva, MEB e as radioescolas de Curitiba?

Elizabete: Não foi um outro projeto que nos deu referência. Na realidade, o que acabou acontecendo foi pela experiência de produção de programas que algumas pessoas que estavam envolvidas, alguns professores, que estavam envolvidos no projeto, tinham e a gente acabou adequando. Eu acho que a nossa grande referência acabou sendo a própria TV. Pensar a programação de televisão e aí adequar e pensar que uma produção, uma programação em rádio também era viável. O meio ser a internet é porque ele estava disponível para a gente. Era o meio mais fácil para nós. A gente tinha, na época, uma abertura muito grande para utilizar o máximo possível uma infraestrutura que estava em processo de instalação no Estado [do Paraná] de internet, de conexão, e queríamos estimular na escola o acesso. Então, levar conteúdo com diversificação de linguagem assim, era uma alternativa para a gente, uma alternativa que não era difícil de realizar do ponto de vista de infraestrutura, mais a experiência de alguns profissionais. Eu imagino, assim, é claro que você tem a referência. Quando você trabalha com tecnologia na educação, o uso de recursos da área de comunicação na educação, é claro, que gente, pela própria formação, tem essas referências que fazem parte de um histórico de uso, mas não chegou a ser como uma inspiração direta. Acho que a gente foi pela sensibilidade de perceber como a gente poderia ir potencializando o uso mesmo.

Pesquisador: Quantas pessoas estavam envolvidas na criação da rádio?

Elizabete: Fazendo uma retomada de memória, a princípio, eu sou da área pedagógica, formada, licenciada em psicologia, e a minha formação na área de tecnologia é o uso de tecnologia educacional. Então, eu não tenho formação técnica. Do ponto de vista técnico, a gente contou com o apoio de uma empresa paranaense pública de informática que, na época, era a Celepar. Imagino que tinha uns dois, três técnicos envolvidos, usando desde servidor, enfim, as necessidades de equipamentos e de solução tecnológica para viabilizar a radioweb. Do ponto de vista da equipe de produção, a gente tinha um coordenador na área de Multimeios que tinha experiência em produção de áudio e era quem coordenava a equipe de Multimeios e a gente constituiu uma equipe, com um técnico de áudio, duas pessoas de produção, uma pessoa de locução. Os técnicos de áudio trabalham também com edição de áudio; além de fazer a captação dos programas, também trabalham com a edição dos programas. A locução e, quando falo um, às vezes, era mais do que um. Um num turno, outro em outro turno, dependia; por exemplo, a locução, a gente tinha mais do que um; produção, a gente tinha dois mais a pessoa que coordenava e o técnico de áudio, se eu não estou enganada,

eram dois também. Quando a gente iniciou a programação a gente tinha que desenvolver as vinhetas de abertura dos programas. Enfim, aquilo que dá uma identidade para os programas, uma identidade para a rádio e aí, nesse momento, a gente terceirizou uns serviços. A gente acabou contratando uma consultoria técnica de uma produtora de áudio para nos ajudar com as vinhetas, que tinham uma produção musical por trás uma criação de sonorização das vinhetas que a gente tinha um pouco de dificuldade para fazer pelo conhecimento que têm os professores da área. Então, a gente fez no início uma terceirização de alguns serviços para iniciar a identidade da rádio.

Pesquisador: Como foi a participação de professores no desenvolvimento da rádio?

Elizabete: Toda a equipe do Multimeios é formada por professores. Na realidade, assim, em princípio de constituição, tanto do portal educacional como da televisão, como da equipe de Multimeios, foi buscada na rede [de ensino]. A gente tem na rede do Paraná cerca de 100 mil profissionais e a gente abriu um processo de chamada na rede de professores que tinha experiência na área de produção, de produção de tecnologia, de comunicação e informação. E aí os profissionais que tinham experiência e que demonstraram interesse em trabalhar conosco, eles saíram da sala de aula e constituíram um grupo de trabalho e durante uns dois três anos, principalmente, no início, esse projeto começou no final de 2005, e mais fortemente em 2006. Não a rádio. A rádio foi em 2009. Todo esse processo de produção, ele começou no final de 2005 e início de 2006, e assim nos primeiros anos nós trabalhamos fortemente com formação para esse grupo também. Pra além daquela experiência inicial que eles tinham na área de produção, tanto em comunicação como informação. A gente promoveu cursos e essa equipe acabou se qualificando. Então, quando eu falo em dois técnicos de áudio, quando eu falo em produtor, quando eu falo em locução, eu estou falando de professores, são professores que vieram pro projeto por terem um certo conhecimento e interesse na área, e que a gente promoveu cursos de pequena duração e formação técnica dentro da Secretaria para que eles pudessem atuar. Teve, inclusive, um período que a gente chegou a contratar, porque nós tínhamos dentro do Projeto Paraná Digital uma parceria com o PNUD que hoje é vinculado à Unesco, e eles nos ajudavam a contratar consultorias técnicas. Então, em alguns momentos, a gente colocou técnicos de produção mesmo trabalhando junto com nossos professores para desenvolver esse conhecimento e ainda funciona assim. Eu saí da direção de tecnologia em 2010, mas sei que a maior parte permanece lá e outros foram entrando. Essa forma de fazer produção para educação, usando recursos tecnológicos, permanece até hoje.

Pesquisador: A criação da rádio implicou em investimentos e significativos recursos financeiros?

Elizabete: Existiu um grande programa e teve um grande investimento chamado Paraná Digital, para levar tecnologia para as escolas. E daí você criou a infraestrutura de recepção tanto de conexão, de internet, de laboratórios de informática, inclusive, tinha uma parceria com o MEC, mas teve muita aquisição do próprio Estado. Além disso, a recepção via satélite para a televisão e isso em nível de recepção. Do ponto de vista da saída, daqui a gente tinha tanto uma estrutura de televisão para produzir e tínhamos a estrutura necessária de informática para que a gente pudesse ter o recurso para fazer a transmissão. A estrutura ficava nessa companhia paranaense de informática onde a gente tinha servidores. Enfim, toda a estrutura necessária. Tudo isso dentro desse programa. É claro que um programa desse porte, assim, com grande investimento em infraestrutura, previu também investimento em capacitação pro uso na ponta e na capacitação para a produção, onde nós temos a estrutura centralizada de televisão, de portal e de rádio. E aí houve um processo de investimento e de formação, mas dentro do montante de um programa desse tamanho, o investimento para formação para produção, ele acabou ficando... Ele era bem pequeno se você comparar esses custos para equipe ele ficava muito diluído nesse investimento maior que era a formação na ponta para uso, para todos os professores utilizarem ou mesmo diante do investimento em infraestrutura, e quando eu falei da participação da Unesco, na realidade, os recursos vieram de uma parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento [BID]. A Unesco, através do PNUD, nos ajudava fazer a gestão do programa todo e nos apoiou muito, como contratar consultorias nos momentos em que a gente precisava para a formação das nossas equipes. Eu não sei te dizer se vou conseguir trazer os valores com essas prestações de serviços que a gente acabou contratando, mas dentro do volume do projeto, era um valor muito pequeno. A gente tá falando de um projeto de investimento no Paraná que foi de 130 milhões de dólares, que a coisa da infraestrutura e da conexão. Então se você pensasse num programa desse vulto, justificar e tirar uma parcela, eles chamavam componente, tanto para formação na ponta para o uso como na formação para a produção, acabava sendo muito pequeno e daí, se você ainda compara a produção de rádio com a produção de TV, nós tínhamos equipes grandes de TV. Assim, nós tínhamos três núcleos de produção na televisão e a produção na TV acaba sendo mais cara. Em todo esse processo que a gente fez com a rádio a gente fez com a TV, só que na TV o custo é bem mais alto porque é muito mais caro produzir para a TV do que para produzir para a rádio. Então, o projeto da rádio, eu diria que ele saiu praticamente o custo da manutenção. Não teve assim grande investimento. E mesmo na produção a rádio é mais

simples. A produção em televisão é mais demorada, ela é mais trabalhosa. A rádio, assim, procurou ser feita com qualidade técnica, com cuidado, mas ela acaba sendo mais fácil de produzir. A equipe é menor, é um processo mais fácil mesmo da gente se apropriar.

Pesquisador: Qual foi a expectativa e o sentimento das pessoas envolvidas no projeto?

Elizabete: Assim, pessoas que se envolvem num projeto como esse, assim, na perspectiva de produzir, de transmitir, eu penso que são sempre muito envolvidas, muito comprometidas. Porque é um trabalho diferenciado e por ser um grupo menor, ele acaba se envolvendo mesmo, então, na perspectiva, na expectativa do que estão fazendo, dos resultados do que estão fazendo. Eu hoje, saí no final de 2010, o que eu avalio é que a gente, até por ser professor, e não ter priorizado a ação da divulgação, eu acho cometeu alguns pecados, que é o de tá tão concentrado na coisa da produção e da transmissão que diminuiu o investimento de energia e de planejamento na divulgação, na perspectiva da recepção. Então, eu penso que a gente poderia ter investido mais. Não faz parte da nossa... até porque éramos todos professores. Talvez pelo perfil também das pessoas que estavam envolvidas, não fazia parte assim, da nossa preocupação inicial, a divulgação para o processo de recepção. Então, eu acho que, nesse sentido, a gente acabou ficando muito fechado e preocupado em fazer, produzir bem, com qualidade técnica e ter um bom veículo de transmissão, um bom meio de transmissão, e não assim não investimos. Se hoje eu estivesse novamente à frente desse projeto, eu daria um pouco mais de relevância ao processo de divulgação. Porque eu penso, assim, até hoje, tô na secretaria, em uma outra função, e as pessoas falam muito bem dos produtos, tanto da televisão quanto da rádio, os conteúdos que estão disponibilizados no portal e até hoje, assim, cinco anos depois da rádio, e a televisão, que já está no ar desde 2006. O portal também ainda tem professores que não sabem o que tem lá dentro, não fazem o uso que poderiam estar fazendo, levando esse conteúdo para a sala de aula. O conhecimento a partir de outra possibilidade de linguagem, tornando, assim, o processo a questão metodológica mais significativa para o aluno, mais dinâmica. E a gente escuta isso de forma recorrente. Nossa, de repente, a gente descobre que tem um monte de coisa interessante lá dentro, mas porque a gente não conseguiu divulgar isso, de forma efetiva, para todos os professores, alunos da rede. A gente sempre trabalhou as questões dentro de um momento histórico, mas o tempo vai passando e é sempre importante rever essas posições, esse direcionamento que a gente dá... Mas, na época, o que gente pensava [para os conteúdos] era de instrumentalizar e de fazer chegar prioritariamente pro professor e, por meio dele, chegar ao aluno. Isso tinha vários motivos. Um de ordem de concepção de metodologia educacional, que colocava o professor como um papel de destaque no processo de mediação como recurso tecnológico, e não a tecnologia fazendo

a mediação sozinha do conteúdo. Isso era uma concepção de metodologia que a gente defendia, na época, era o professor, então, era ele o nosso foco sempre, indiretamente, chegando ao aluno. Às vezes, assim, muitos momentos a linguagem do produto era direcionada ao aluno, mas o produto chegava pela mão do professor. Isso era um foco do nosso trabalho, em função dessa concepção metodológica que estava presente na Secretaria de Educação como um todo, da importância do processo de mediação do professor. Então, se você analisar, assim, não tanto o resultado do produto, mas a forma com que a gente fazia ele chegar, era sempre muito focada. Se você pega o portal da rádio, ela tinha um foco muito maior de, assim, ela tava muito mais ligada a questões do professor. Não era [feito] um grande investimento na página de aluno. Nunca foi um grande investimento, acho que isso já pode ir para um outro [passo]. Penso que o tempo vai passando e você precisa ir revendo, mas, naquele momento, era isso o que a gente pensava. Existia também uma resistência muito grande, por parte do professor, para usar qualquer tecnologia. Sempre com aquele com aquele medo que a tecnologia vai ocupar o lugar do professor. Aquela coisa do imaginário que, na época, era mais forte do que agora. Então, a gente também tinha esse cuidado de deixar bem claro a importância e o protagonismo do professor no uso dos diversos meios tecnológicos, né? Então, isso era uma questão que na época tomávamos muito cuidado. Volto a te dizer que de 2010 para cá eu me afastei dessa discussão, desse processo, e penso que, talvez, se a gente tivesse continuado a trabalhar, como um processo de continuidade mesmo, talvez a gente fosse revendo isso. Porque eu acho que você precisa estar revendo as diretrizes de um trabalho à medida que ele vai sendo implantando, mas no momento inicial era assim que a gente pensava...

Pesquisador: Quando a rádio passou a funcionar?

Elizabete: Eu vou ter que fazer um levantamento e olhar... Foi em 2009. Eu acho que não foi no começo de 2009, mas eu me lembro que no final de 2009 a gente já estava em operação. Era final de ano, a gente estava fazendo as vinhetas de abertura dos programas, então, foi no final de 2009 que a gente estava fazendo isso. Eu lembro que o projeto todo, em torno do processo embrionário e de concepção, foi todo foi em 2009, mas o mês que ela foi para o ar, eu precisaria resgatar essa informação.

Pesquisador: Como se dava o respaldo dos departamentos envolvidos no projeto da rádio?

Elizabete: Olha, do ponto de vista de projeto, como um todo, de tecnologia, pensando no respaldo de governo, esse projeto era prioridade, tanto de governo, eu diria tanto do governador como da Secretaria de Estado da época, tá... Então, assim, era considerado e

entendido como um projeto prioritário, tanto que houve um investimento bastante significativo de recurso. Se a gente vai para outra esfera, né? Se a gente vai sair da esfera da decisão política, desse primeiro escalão de governo, e vai para as instâncias e setores da Secretaria, foi um processo, assim, de conquista. Existia um histórico no Paraná de bastante rejeição ao uso de tecnologia por causa do trabalho mal feito por algumas instituições, especialmente, algumas instituições privadas, com a educação a distância, e a gente tinha a presença muito forte das universidades compondo as equipes da Secretaria de Educação, na época, e vinham com essa resistência muito forte. Assim, a academia recebia muitos alunos de tecnologia por conta desse vício inicial que aconteceu na educação a distância aqui no Paraná. Então, foi um período inicial de conquista e à medida que eles começaram a compreender o potencial de uso nessa perspectiva que começou, inicialmente, com a diversificação da linguagem para abordagem do conteúdo, na possibilidade do dinamismo e na questão dos recursos que os meios tecnológicos possibilitam. Essa resistência inicial foi se quebrando e a gente sempre trabalhava, concebendo formatos de programa. Então, assim, a equipe de produção tinha um papel, porque eram professores, de pensar o formato, tanto de programa da rádio como da televisão. Pensar os formatos e sugerir, e à medida que a gente trazia esses formatos de determinados programas para que as equipes dos diversos setores da Secretaria, nas diferentes modalidades de ensino pudessem utilizar, a gente tinha uma capacidade de penetração maior e, eu avalio, que, quando a gente concluiu essa etapa do trabalho ao final de 2010, a gente deixou o caminho aberto nessa relação com os especialistas da educação que não eram da área de tecnologia. Um caminho mais ou menos aberto de trabalho e de envolvimento com esse tipo de produção. Passava também pelo cuidado de produzir e de propor produções que as diversas equipes da Secretaria conseguiram se identificar com o estilo do programa, desde quando a gente dava o nome à dinâmica do programa. Eles conseguiam se identificar, se sentiam à vontade como educadores.

Pesquisador: Como foi definida a programação da rádio?

Elizabete: No início, a equipe pensou um formato de programa e nós apresentamos isso para a secretária [de Educação] da época, como uma proposta, e para uma equipe de diretoria, para pudessem avaliar essa proposta inicial que a gente fez. É uma coisa meio complicada porque, quando você tem um conhecimento específico numa área, a tendência é que outro que não é dessa área, ele acaba aceitando, assim, então não teve grandes mudanças naquilo que a gente propôs, até pelo pouco conhecimento, e daí as pessoas nos ajudaram a definir a programação inicial tinham um problema que era um ano de eleição. O primeiro ano da rádio que eu

acompanhei, né? E aí você tinha que ter muito cuidado para que não... pra que os programas não tivessem aquela... um cunho de uma divulgação de uma política de governo em ano eleitoral, assim, tinha um certo problema para a gente fazer. Tinha que tomar muito cuidado porque, na medida, em que a gente colocava em discussão uma determinada ação da secretaria em um programa trazia questões, e apresentava como essas coisas funcionavam tinha que tomar um cuidado enorme para não parecer uma propaganda política, porque era um ano de eleição, era um período difícil para a gente, sabe? Também isso foi algo que, no primeiro ano, eu lembro que trazia uma dificuldade a mais para nós.

Pesquisador: Poderia citar o conteúdo ou fato mais marcante nessa época?

Elizabete: Olha, eu teria que resgatar... Eu lembro que a gente desenvolveu um [programa] em parceria com o MEC bem legal, de matemática, onde, esse, tinha o financiamento do MEC, para a gente fazer esse programa, sabe? Programa de rádio que a gente fez com alguns professores da Universidade Estadual de Londrina [UEL] no conteúdo e a gente fazia uma espécie de programa de auditório, assim, como se fosse um programa de auditório na escola da rádio, em cima de uma temática bem específica de conteúdo de matemática do ensino médio. Esse foi um grande desafio. Lembro que um dos temas foi fractais e esse programa de rádio não era fácil. Falar em um programa de auditório de fractais como se fosse numa hora de intervalo, numa escola, assim, com alunos. Mas o resultado acabou ficando interessante. Foi um grande desafio para nós. A gente quebrou a cabeça para chegar... Eu acho que, assim, se a gente tivesse continuado na mesma batida, a gente faria coisas ainda melhores. A gente foi pioneiro naquele momento, na montagem do programa. Lembro das pessoas na feira, da música, a gente usou Bach. Teve ali um investimento de conhecimento naquele programa que deixou ele bem interessante. Eu acho que, assim, era o tipo de coisa que a gente queria continuar fazendo. É claro que tinha aqueles programas, assim, de entrevista, para falar de uma determinada ação, porque a gente queria que essa ação chegasse, efetivamente, na escola, né? Vamos pensar, assim, educação no campo, para te dar um exemplo, né? A gente queria que isso chegasse na escola, então, e ele fica um pouco mais padrão comum de rádio, especialmente, a entrevista de rádio, mas não deixa de ser um recurso importante.

Pesquisador: A que professor era destinado essa programação da rádio?

Elizabete: Atende o Ensino Fundamental, segunda fase, e o Ensino Médio, porque assim a grande maioria, quase 100% das escolas do Paraná, é ligada à Secretaria de Estado. Então essa era a linha. Esse programa que você comentou [Fractais]. Eu lembrei pelo trabalho que

deu... Ele era para Ensino Médio, porque daí a gente fez em parceria com o MEC, dentro de um edital e o MEC pediu que fosse de conteúdo de Ensino Médio, mas existiam programas cujo conteúdo tratado estava também vinculado às escolas do Ensino Fundamental da segunda fase, segunda etapa, do sexto ao nono períodos.

Pesquisador: Havia algum tipo de mensuração de acessos ou de audiência da rádio?

Elizabete: Não fizemos, não. Nessa primeira etapa, a gente começou a fazer a mensuração de acesso às páginas na internet [do portal], tanto a televisão como a rádio. De algumas páginas de conteúdo da internet, tanto a televisão como a rádio, a gente não fez nenhuma. A gente fez uma pesquisa, que a gente acabou divulgando, do uso de tecnologia como um todo, assim, para fechar um programa, fechar o programa Paraná digital. E a gente contratou alguns pesquisadores pelo PNUD e eles analisaram quatro aspectos: a gestão do programa, o uso de tecnologia, a parte de infraestrutura e parte de produção. Então, existiam quatro componentes nessa pesquisa. Eram quatro consultores diferentes, e esse da produção, o foco não foi a rádio, porque eles começaram a fazer a pesquisa em 2009 e culminou com uma publicação em 2010. Então, depois que aconteceu a pesquisa, eles produziram artigos. Bem, a gente ainda trabalhou em cima dos artigos dos consultores para ficar numa linguagem mais [acessível], porque, na realidade, a gente queria entregar um documento para a sociedade de fácil leitura. Assim, a gente ainda fez um tratamento na área de comunicação pro resultado final para além daquilo que os consultores entregaram como artigo final e tem um componente que fala das produções sem ênfase na rádio de uma forma geral. E foi ali que a gente conseguiu avançar um pouco na pesquisa sobre o que a gente vinha fazendo. Especialmente sobre a rádio, a gente acabou não fazendo nada. Depois que eu saí da Secretaria, da direção de tecnologia, quem ficou na coordenação de multimeios, que continuou a questão da rádio, foi o professor Eziquiel [Menta], que hoje é o diretor de tecnologia. Ele tem, assim, bastante afinidade com as coisas da rádio, com a radioweb. Ele vinha pesquisando nessa área, então, eu acredito que a partir dele se avançou um pouco nessa questão de pesquisar o uso. Ele trabalhou conosco quando eu estava na direção no último ano, em 2010, depois ele assumiu a coordenação do multimeios aí ele continuou na coordenação do multimeios e depois assumiu a direção. Antes dele, quem iniciou o projeto comigo foi o Ricardo Petracca que tava à frente da equipe de produção.

Pesquisador: Até quando a professora esteve envolvida no projeto?

Elizabete: Eu fiquei de 2005, todo o programa Paraná digital, até o final de 2010, em dezembro, com a mudança de governo. O Eziquiel permaneceu como coordenador de

multimeios e depois como diretor de tecnologia. No início de 2011, embora a equipe que trabalhava lá na área de tecnologia continuou inteira nas coordenações.

Pesquisador: Que função a professora ocupa hoje na SEED?

Elizabete: Hoje estou numa assessoria na área de tecnologia dessa diretoria, trabalhando junto com o Eziquiel. Hoje não contribuo mais para a rádio porque, nessa nova configuração, eu tô mais próxima do trabalho de gestão da escola do que área de tecnologia. Na assessoria que presto, cuido das áreas de gestão e avaliação.

Pesquisador: E como a professora avalia o trabalho da rádio enquanto esteve ligada a ela?

Elizabete: Eu sinto que no período inicial de implantação, eu acho, sabe, aquele momento que você consegue colocar no ar, estruturar uma equipe, começa a produzir, começa a criar uma cultura de produção nessa área vinculada aos diversos setores da secretaria, e eu acho que o próximo passo, que é sentir como é que tava a receptividade de avançar nessa proposta. Eu não consigo avaliar, pois fiquei ausente dessa continuidade. Então, eu só consigo fazer um processo inicial de implantação da proposta. Desde o início, pensamos em um projeto de longo prazo, mas eu entendo que esse projeto tem que ser estendido para o aluno. Hoje, se eu tivesse, é meio difícil falar, hoje, porque tem uma lacuna no meio, mas eu sinto que essa aproximação, digamos, assim, para esse projeto ter vida, ter continuidade, assim, como o de televisão, tá? Para mim, eu sinto como meio que precisa se aproximar mais do aluno. Eu acho que o processo, assim, de ter que ser mediado pelo professor, eu penso que dá para dar um salto hoje. Eu imagino que essa efetividade, essa via de proposta, como dentro da escola, ela pode ser viável, se ela tiver uma flexibilidade maior com o aluno, inclusive no processo de produção.

Pesquisador: Como a professora vê o uso da tecnologia hoje em sala de aula?

Elizabete: Eu me afastei dessa discussão. É um processo inevitável, sem dúvida. Eu precisaria me debruçar sobre como encaminhar esse processo dentro das escolas. Eu tenho alguns receios com a questão tecnológica. Eu ainda acho que o recurso tecnológico dentro da escola, às vezes, é meio inebriante. Assim, ele perde em consistência ainda sinto isso, né? É uma pena, principalmente, em relação às mídias e aos recursos midiáticos. Acho que eles têm uma capacidade de grande sedução e, às vezes, eles perdem em profundidade, em consistência mesmo. Eu acho que o processo educacional não pode perder em consistência. Então, ainda não sei. Eu fico imaginando, qual seria o caminho. Por isso que eu vejo a questão da presença

do aluno na formulação dos processos de produção. Assim, acho que seria uma coisa bem importante. Eu acho que isso a tecnologia traz. Ela traz mais dinâmica à relação professor-aluno, né? O conhecimento, ele não fica tão centralizado na figura do professor e ele consegue quebrar um pouco aquela relação meio narcísica que o professor tem de achar que é ele que detém um determinado conhecimento, né? Eu acho que isso ainda existe na escola. Ele [o professor] sabe o que tem que ser ensinado, né? Eu acho que a tecnologia dilui um pouco isso, traz outras perspectivas, que não é fácil para o professor lidar. Eu penso que, na relação com o aluno, ele tem muita dificuldade de se colocar no lugar do aluno, e a tecnologia para ele tira um pouco do chão. Agora se ele sabe usar, se ele é uma pessoa aberta, se ele tem clareza do que ele tá fazendo numa sala de aula, são recursos, são estratégias de trabalho, que podem potencializar muito a aprendizagem.

**ANEXO A – E-mail da professora Eguimara Selma Branco
com resposta da professora Elizabete dos Santos sobre a Web Rádio Escola**

Egui

22/11/13

Olá Aladim, como vai?

Segue a resposta da antiga Diretora da Ditec na época da implementação da Web Rádio Escola.

Nossa rádio está passando por uma reorganização, mas o link para acesso é <http://www...>

No mais, estamos a disposição.

Profa. Eguimara Selma Branco
Coordenação de Multimeios
Diretoria de Tecnologia Educacional/SEED-PR

----- Forwarded message -----

From: Elizabete dos Santos
Date: 2013/11/22
Subject: RE: Web Rádio Escola
To: Eguimara

Olá Egui,

Na época fizemos apenas uma proposta apresentando os objetivos, uma proposta de grade de programação, definimos os formatos e os departamentos e setores envolvidos, a necessidade de equipe, de adequação do espaço físico e de equipamentos. A proposta foi discutida com a equipe do Multimeios e com alguns professores dos departamentos da SEED. Os técnicos da Rádio Educativa também deram sugestões. Não foi discutida com os alunos nem diretamente nas escolas.

Apresentamos a proposta para a Secretária e uma vez aprovada organizamos o espaço físico para a rádio, selecionamos a equipe, começamos a produzir os programas e junto com a Celepar abrimos o link para a rádio no Portal. Antes da Rádio começar a funcionar (já tínhamos gravado alguns programas) e então houve mudança de gestão e não acompanhei mais o processo de implantação.

No período que estava envolvida, não teve edital, deliberação ou publicação no diário oficial. Por não ser uma concessão de rádio aberta não precisava ser autorizada pelos trâmites da comunicação.

Elizabete dos Santos

ANEXO B – E-mail com depoimento da professora Eguimara Selma Branco

Egui

26 de ago

Olá!

Respondendo:

– Um depoimento/reflexão sobre o funcionamento e a importância da web rádio escola como ferramenta pedagógica.

Entendo que a produção na escola, por meio das diferentes tecnologias, tanto pode mobilizar alunos para uma nova relação com o conhecimento historicamente produzido quanto colaborar na construção de outras imagens da realidade.

Pois, os alunos deixam de ser somente espectadores e, com a possibilidade da produção, se inserem em uma outra relação com o conhecimento na medida em que, no momento de criação, podem se apropriar dos conteúdos de forma crítica e reflexiva.

No caso da web rádio escola, entendo que ela é um veículo que permite divulgar e incentivar essas produções.

– Quanto a sua segunda solicitação:

Penso que a página da rádio te dá a organização dos programas: <http://www...>

Infelizmente não encontrei nenhum roteiro, pq quando passamos a demanda ao pessoal da TV, repassamos tudo para eles.

– Fotos:

Segue um link do Picasa com algumas fotos: <https://picasaweb...>

Profa. Eguimara Selma Branco

Coordenação de Produções Multimídia

Departamento de Formação dos Profissionais da Educação